

AFFONSO DE E. TAUNAY

INSUFFICIENCIA E DEFICIENCIA
DOS GRANDES
DICCIONARIOS PORTUGUEZES

TOURS
ARRAULT E C^{ia}

1928

A D. Osorio Dutra Romagnolo,
as inspirações proferidas e as determinações
no seu trabalho, de graças de
A. de Sá

Hamb. 19/VIII/1932

**INSUFICIENCIA E DEFICIENCIA
DOS GRANDES
DICIONARIOS PORTUGUEZES**

VOLUMES PUBLICADOS PELO AUTOR

FICÇÃO

Leonor de Avila, romance brasileiro seiscentista.

LINGUISTICA

Lexico de termos technicos e scientificos.

Lexico de lacunas.

Vocabulario de omissões.

Reparos ao Novo Dicionario de Candido de Figueiredo

A terminologia scientifica em geral e a deficiencia dos grandes dictionarios portuguezes.

Collectanea de falhas.

HISTORIA DO BRASIL

Grandes vultos da Independencia Brasileira.

Na Bahia colonial.

Rio de Janeiro de antanho.

Sob El Rey Nosso Senhor.

No Brasil imperial.

A gloria dos Andradas.

Do Reino ao Imperio.

Viagens e viajantes.

HISTORIA DE S. PAULO

Na era das bandeiras.

Á gloria das Monções.

Historia Geral das Bandeiras paulistas, 1º tomo (até 1628).

Historia Geral das Bandeiras paulistas, 2º tomo (até 1641).

Historia Geral das Bandeiras paulistas, 3º tomo (até 1651).

Um grande bandeirante: Bartholomeu Paes de Abreu.

Collectanea de documentos da antiga cartographia paulista.

Ensaio de Carta Geral das Bandeiras Paulistas.

Estudos de historia colonial paulista,

Antigos aspectos paulistas.

HISTORIA DA CIDADE DE S. PAULO

S. Paulo nos primeiros annos.

S. Paulo no seculo XVI.

Piratininga.

Non ducor duco.

Historia seiscentista da villa de S. Paulo, 1º tomo (1601-1651).

Historia seiscentista da villa de S. Paulo, 2º tomo (1651-1661).

Historia antiga da Abbadia de S. Paulo (1598-1772).

HISTORIA DA LITTERATURA E DA ARTE NO BRASIL

A missão artistica de 1816.

Nicolau A. Taunay, Documentos sobre sua vida e sua obra.

Escreptores coloniaes.

Pedro Taques e seu tempo.

ASSUMPTOS SCIENTIFICOS

Ensaio de bibliographia referente ao Brasil e ás sciencias naturaes (em collaboração) (1ª parte). Litteratura estrangeira.

Ensaio de bibliographia referente ao Brasil e ás sciencias naturaes (IIª parte). Litteratura estrangeira.

TRADUCCÕES

A Retirada da Laguna.

NO PRELO E EM PREPARAÇÃO

Historia Geral das Bandeiras Paulistas, 4º tomo.

Historia seiscentista da villa de S. Paulo, 3º tomo.

Na Bahia de D. João VI.

O depositario geral das obras do Autor á a Companhia de Melhoramentos de São Paulo, Rua Libero Badaró 86, São Paulo,

AFFONSO DE E. TAUNAY

INSUFFICIENCIA E DEFICIENCIA
DOS GRANDES
DICCIONARIOS PORTUGUEZES

— Polemica com o Snr. Candido de Figueiredo —

TOURS
ARRAULT E C^ª

—
1928

A ANNA, PAULO, AUGUSTO e CLARISSE,

LEMBRANÇA MUITO GRATA Á SUA

AFFEIÇÃO DE FILHOS OPTIMOS.

A GUISA DE PREFACIO

Abundantes reparos por mim feitos, em 1923, na imprensa fluminense e paulista á deficiencia scientifica dos grandes dictionarios portuguezes e a proposito da terceira edição a de 1923 do *Novo Dictionario* de Candido de Figueiredo levaram o illustre philologo a responder-me pela imprensa e depois pelos seus *Combates sem sangue*, livro editado em principios de 1925. Mostrou-se muito agastado na sua contestação mas não assumiu aquelle tom de irritação violenta que era tanto seu e ainda neste mesmo volume o levou a dizer tão duras (e injustas) cousas a outro de seus reparadores.

Pouco depois fallecia o douto philologo e polygrapho que tão elevados serviços prestou á lingua portugueza. Era, meu intento reunir em livro os meus reparos assaz largamente divulgados pelo publico brasileiro. Receiava porem faltar á generosidade para com a memoria do adversario recém desaparecido. Mas ao mesmo tempo me lembrei de que se frequentes vezes falara em tom ironico nem por isso deixara sempre de proclamar o meu grande apreço pelos meritos do illustre contendor. E

felizmente jamais o destratará como jamais aliás estou certo que o faria, tão avesso me supponho a processos a que sou visceralmente adverso.

E como se trata agora da reimpressão do que foi publicado na imprensa, bastante tempo antes do fallecimento do douto dictionarista, entendo justificar o reaparecimento dos meus reparos, desvaliosos mas sinceros, com a possibilidade de servirem para possível melhoria, não só da proxima e imminente apparição da quarta edição do *Novo Dictionario* — obra cheia de elevados meritos, de summa utilidade e que constantemente manuseio — como a novas tiragens de outros grandes lexicos de nossa lingua.

Dia a dia cresce a importancia da terminologia scientifica e mais se avoluma o seu lugar na linguagem vulgar. Ocioso é recordal-o se não até accaciano. Palavras que ha pouco só viviam aos labios de cientistas ou especialistas são hoje correntes até em rodas de gente pouco instruida.

E tal o imperio do prestigio destes vocabulos que, em todas as grandes linguas do Universo, abrem-se-lhes as paginas dos grandes dictionaristas de par em par. E as edições successivas dos grandes lexicos, de renome mundial, apressam-se em registrar os avolumamentos dessa terminologia cada vez mais extensa e mais precisa.

Com o portuguez tal ainda não se deu de modo que corresponda ás exigencias das civilizações hodiernas e ao estado actual da Sciencia.

Parece muito longe ainda o dia em que ha de surgir o Webster do mundo lusitano.

Já comtudo uma tentativa séria e digna de todo o applauso houve: a publicação da *Encyclopedia portugueza illustrada*, redigida pelo Dr. Maximiano de

Lemos cuja unica edição, de principios do seculo xx está hoje antiquada e muito deficiente. Para ella foi, aliás, immenso aproveitado o excellente *Nouveau Larousse Illustré* lembremol-o de passagem, por amor á justiça.

Nella se averba comtudo, o melhor, ou antes o unico vocabulario scientifico avultado da lingua portugueza, e vocabulario revestido de autoridade, o que é essencial. Muito longe, porém, está de poder ser comparado a um dictionario do typo Webster. E' em todo o caso excellente fonte informativa. Para nós brasileiros falta-lhe e muito a tecnologia vulgar aliás justificadamente ausente de suas paginas pois é um lexico portuguez e a terminologia portugueza e brasileira differem immenso hoje.

Quanto aos dictionarios correntes da lingua ao alcance do publico o que nelles se nota é a deficiencia desanimadora do vocabulario scientifico e as numerosas erronias de suas definições, obsoletas em geral.

Tomemos por exemplo Caldas Aulete. E' o seu dictionario primoroso quanto á parte vernacular. Mas quantas dezenas de milhares de lacunas vulgares ha a se lhe inculcar!

E como é pobre em materia de tecnologia scientifica e frouxo senão deploravel em exacção definitoria!

Os demais lexicos F. Adolpho Coelho, João de Deus, Seguiet para só falarmos dos mais modernos quasi que se limitam a ser dictionarios da linguagem vulgar. Todos deficientissimos em relação aos brasileiros, aliás recordemol-o.

Entendeu o Snr. Candido de Figueiredo, realizar em materia de dictionario lusitano, um ensaio no genero Webster, fazendo notar quanto, até então,

fora escassissimo o inventario do portuguez, no que tinha carradas de razão.

Inventariando como fez os recursos de nossa lingua prestou pois relevantes, relevantissimos serviços.

Já a primeira edição do seu *Novo Diccionario* trouxe enorme vocabulario, a mais, sobre os dos outros mais reputados lexicos, como os de Aulete, Francisco Adolpho Coelho, Moraes, etc.

Avolumou-se immenso este inventario com a segunda e a terceira edições da prestante obra.

Affirma o seu autor ter catalogado 137.000 vocabulos.

E' muito, é enorme e isto sobremodo lhe honra os esforços.

Mas, *ars longa!* infelizmente está o *Novo Diccionario* muito longe, ainda, de ser o lexico exigido pelo estado cultural presente da lingua portugueza, holer patrimonio de uns quarenta milhões de individuos. E isto por muitos motivos serios.

Primeiro pela deficiencia em materia de brasileirismos e neologismos de todo o genero nascidos da plastificação litteraria e jornalística do portuguez no Brasil e em Portugal, do colossal avolumamento da tecnologia industrial e da scientifica, da criação de enormes nomenclaturas derivadas de inventos modernos, etc.

Ha cem mil palavras vulgares, correntes no Brasil que o Snr. Candido de Figueiredo desconhece. O Rev. Pe. Carlos Teschauer nos seus lexicos e eu nos tres que publiquei em 1909, 1914 e 1924 *Lexico de termos technicos e scientificos*, *Lexico de lacunas e Vocabulario de omissões* arrolámos uns vinte mil vocabulos, lacunas do *Novo Diccionario!* Algum esforço mais teriamos dobrado a colheita.

Desafiado por um sceptico a descobrir tres lacunas nas edições de tres grandes jornaes brasileiros publicados num mesmo dia, demonstrei em publico que as tiragens de dous grandes jornaes paulistas, e um carioca, de 17 de fevereiro de 1924, tinham 106 lacunas do dictionario do Sr. Candido de Figueiredo!

Além da sua extrema lacunosidade o lexico figueirediano resente-se da falta de cultura geral scientifica do seu autor.

Tivesse-a o Snr. Candido de Figueiredo á altura da complexa factura que um lexico das dimensões e da importancia do seu exigem e não daria provas de atrazo, recolhendo innumerás vezes, definições erradissimas, noções de uma sciencia obsoleta, demonstrando ausencia de methodisação dos assumptos scientificos e, peior, abonando significados com a autoridade nulla, até de noticias da imprensa diaria! ou haurindo informações em mananciaes turvos, como quando esteia um ror de definições chemicas com as opiniões de uma *Technologia rural*!

Além dos numerosissimos brasileirismos deturpados, falhos, insufficientes e até disparatados ha no lexico figueiredeano numerosas heresias scientificas.

Já em materia de botanica o demonstrou do modo mais vehemente quanto é errado o *Novo Dictionario*, o eminente conhecedor da sciencia florestal, e prezado amigo, Dr. Edmundo Navarro de Andrade, em magistraes estudos que a *Revista do Brasil* publicou.

Não menos suggestivos e corroboradores do que avanço os reparos do Sr. Rodolpho von Ihering, nos *Contos de um naturalista*, quanto á zoologia.

Taes, infelizmente, o intenso amor proprio do douto

diccionarista e a sua confiança em si que se deixou às vezes arrastar a verdadeiros excessos. Só assim se explica a sua aversão por uma obra cuja consulta immenso lhe seria proveitosa : exactamente essa mesma *Encyclopédia portugueza illustrada* redigida por seu eminente compatriota Maximiano de Lemos a que me referi. A seu respeito guarda o mais rigoroso silencio. Como que jamais soube que a houvessem publicado. Cala-lhe até o titulo na resenha extensa das fontes que indica haver consultado! Preferiu á chimica deste seguro mentor a de uma *Technologia rural* qualquer...

Não é a presumpção que me leva a assim exprimir-me. Bem sei o que são os meus recursos, mas tomei a precaução de cotejar as definições e os ensinamentos do *Novo Dicionario* com os dessas autoridades, universalmente acatadas, dos grandes lexicos encyclopedicos e dos maiores scientistas contemporaneos.

O meu unico trabalho foi fazer esta approximação leal e honestamente.

Assim como se apresenta a edição do *Novo Dicionario*, em 1923, é digna da mais severa censura e da maior deconfiança.

Receiando, acima de tudo, infringir o preceito salutar do *ne sutor* peço aos benevolos leitores não se esqueçam de que não sou quem emenda ao *Novo Dicionario* e sim apenas o porta voz das mais abalisadas autoridades das grandes encyclopedias contemporaneas e das maiores linguas Assim queiram dar-se, uma vez ou outra, ao trabalho de cotejar as minhas affirmativas com as das fontes invocadas.

Appareceu-nos, em fins de 1925, uma edição do *Dicionario Contemporaneo* de Caldas Aulete, ancio-

samente esperada no Brasil pois desde muito se exgotara a primeira tiragem do optimo lexico cujos volumes attingiam, entre nós, ultimamente, enorme preço.

Não ha quem não tenha o lexico de Santos Valente — Caldas Aulete como obra da mais elevada e justa reputação.

Compenetraram-se os seus autores da perfeita justeza da observação do pensador francez : *un dictionnaire sans exemples est un squelette* e fizeram com que os seus verbetes vocabulares surgissem acompanhados da mais apropriada e bem escolhida exemplificação.

Dahi o grande favor que do publico mereceu e, desde muito, provocou o esgotamento de sua primeira tiragem.

A' luz do criterio moderno, e da cultura actual, as definições dos termos scientificos da primeira edição do dicionario de Caldas são frequentemente desvaliosas senão muitas vezes erroneas e até em certas casos ridiculas.

No interessante e vivaz prefacio desta primeira edição metteu Caldas Aulete á bulha os dicionaristas seus velhos antecessores.

Ridiculisa Bluteau e suas numerosas « ineptias », verbera a ignorancia de Moraes a inserir as noções da mais atrazada e antiga sciencia, a continua incapacidade definitoria de Roquette, « a ignorancia da ideia e o burlesco da forma » de Lacerda em materia de tecnologia medica, etc. E realmente, cabe-lhe muita razão, pois nos lexicos censurados se nos deparam verbetes e verbetes dignos do bestunto do famoso Bacellar.

Ha no emtanto no seu dicionario numerosas

definições que hoje tanto valem como as que verbera aos velhos dicionaristas.

E' o que se dá em materia de zoologia, physica e chimica, mineral e organica, por exemplo. Inculca noções que hoje não são mais exactas, mas forçoso é reconhecer que a sua superioridade definitoria em 1881 sobre a de Candido de Figueiredo em 1923 é simplesmente positiva.

No grande lexico figueiredeano abundam os dislates e são frequentes até as parvoices. Assim nos viesse porem a reedição e ampliação do *Diccionario Contemporaneo* digna do seu grande valor vernacular e abrigando larga technologia scientifica modernissima e rigorosamente definida! Assim tambem houvesse esta nova edição recolhido a mais farta messe de brasileirismos e demais lusitanismos extra europeus podendo portanto aspirar a uma situação de Webster de toda a gente de lingua lusa que « cerca em derredor este rotundo Globo e sua superficie tam limada ».

Infelizmente tal não se deu á altura das geraes esperanças e desejos. No rapido folheido que me foi dado fazer desta segunda tiragem de Aulete avolumado por Silva Bastos já infelizmente verifiquei muitos motivos serios de desgosto e decepção: Quer me parecer que é obra frequentemente victima do atabalhoamento dos seus confeccionadores.

Nem tem firmeza de orthographia pois ora escreved Brasil com s, ora com z. Continua o diccionario a affirmar ao publico cousas que eram verdadeiras em 1881 e são falsas em 1925, só porque foram conservadas, na integra, os verbetes de Caldas Aulete, ha quasi meio seculo.

E' realmente pena que não tenha sido melhor cui-

dada esta tiragem de tão prestante dictionario que certamente demandou grandes despezas para a sua confecção.

Precisa o portuguez, e quanto antes, ter um dictionario no genero do de Webster. Precisa de um Webster. A existencia de um lexico, como o famoso vocabulario monumental, de que pode dispor o inglez, corresponde ao fornecimento de elementos culturaes de inapreciavel valor e de que imperiosamente temos necessidade.

Res non verba, dirá a sorrir o leitor a quem não seja extranho o jardim das flores latinas e das phrases feitas corriqueiras.

O problema da elaboração do Webster portuguez ou antes do Webster brasileiro, a meu ver se reduz a mera questão de dinheiro. Verdade é que demandará além do enorme esforço dos dictionaristas (que a um homem só não será possível levar a cabo empreza de tamanho vulto) fortissimas despezas, muitas e muitas centenas de contos de reis se se pretender realisar obra que mereça applausos e esteja ao nivel da cultura moderna.

O Sr. Professor Jeronymo de Azevedo, digno director da Bibliotheca do Estado de S. Paulo, poz mãos a obra a uma empreza de largo folego pretendendo publicar volumosissimo « Repertorio Geral » da lingua portugueza. Deste tentamen dois volumes se originaram muito vultuosos, e valiosos, e no emtanto encerrando apenas pequeno numero dos vocabulos em A. A superveniencia da guerra mundial e as desastrosas consequencias economicas della decorrentes nos primeiros annos da conflagração fizeram com que a tão prestante tentativa fracassasse.

Parece-nos comtudo que o plano traçado pelo

prof. Azevedo não era dos mais felizes nem corresponderia aos reclamos da opinião publica como um dictionario do typo Webster. E realmente incorporou elle ao seu repertorio as contribuições integraes de grande numero de velhos dictionarios portuguezes o que em numerosos casos provocava demasias e redundancias e ao mesmo tempo incluiu-lhe ainda numerosos artigos extranhos á philologia sobre historia, biographia, geographia, etc.

Dahi a enorme extensão tomada pelos differentes verbetes articulares, frequentemente.

INSUFFICIENCIA E DEFICIENCIA DOS GRANDES DICCIONARIOS PORTUGEZES

I

Revista do vocabulario zoologico gymnastial do Diccionario de Figueiredo. Lacunas e mais lacunas Nomenclatura dos grupos zoologicos inferiores. Ausencias em barda de termos vulgares. A cellula animal.

Muito embora se jacte o Sr. Candido de Figueiredo de haver tido insano trabalho para no seu *Novo Diccionario* incluir tudo quanto de mais moderno ha, em materia de technologia scientifica, apresenta-se a sua aliás muito prestante obra, atrazada e anachronica por deficiencia de conhecimentos e insufficiencia definitoria dos autores antigos que foram « os espiritos-santos » do douto dicionarista.

Tomemos por exemplo, e muito summariamente, a zoologia, mas ao nivel do que é exigido dos nossos **gymnasistas** em materia de Historia Natural, que acima não pretendemos ir, receiosos de postergar o salutarissimo preceito do *ne sutor*.

A começarmos pelo principio examinemos o que sobre a cellula animal inculca o *N. D.*

Si é exacto que nos fala em *nucléolo* e *hyaloplasma*, nada diz de *morphoplasma* e *ergastoplasma*.

Das substancias chromaticas do nucleo não fala da pyrenina nem da *amphipyrenina*, embora averbe *linina*, mas não o seu synonymo *plastina nuclear*, assim como *paralinina*.

Incrível é que nada diga de *enchilema*. *Caryosoma*, *centrosoma*, *plasmosoma*, são palavras que desconhece e admira que averbe *áster*.

Pasmoso deixe *amitose* no tinteiro assim como *mitose*! Verdade é que menciona *caryocinese*, mas lhe desconhece o synonymo; *cytodiérese*. *Espirema*? Será possível que lhe falte *espirema*? Pois falta, como *prophase*, *anáphase*, *metaphase*, *telophase*, *centrodesmose*.

Assim, pois, na technologia da cellula animal, faltam ao Sr. Candido de Figueiredo nada menos de quinze termos vulgares!

Tratando-se dos tecidos animaes não menos notavel é a deficiencia do *Novo Diccionario*! Vejo por exemplo que nelle não ha : *fibrohyalino*.

Culdando das grandes divisões dos animaes é simplesmente extraordinario que o *N. D.* silencie a proposito de *cytozoario*, synonymo de *protozoario* e de *histozoario* synonymo moderno de *metazoario*!

A respeito de *ciliophoros* reina o mais absoluto silencio nas austeras columnas. Assim nada fala da sua caracteristica *cytostoma*.

Curioso que *porifero* não appareça! *Parazoario* é vocabulo desconhecido ao Sr. C. de F. que no emtanto averba *enterozoario*, mas como synonymo de helmintho. *Morula*, *blastula*, *gastrula*, são palavras que o *N. D.* menciona.

Tambem si o não fizesse, santo Deus! Mas *celoma*

e *celomocelios* são cousas que ninguem ali encontrará.

Da tecnologia de diferenciação animal ninguem espere achar no lexico do Sr. C., palavras hoje vulgares, como *homaxomico* e *monaxomico*, embora se leia *radiario*.

A grande classificação zoologica para o Sr. C. de F., e modernissima é a de Cuvier, em 1812! Podia ser a de Linneu com os seus seis grupos e até a de Aristoteles...

A's modernas consagra justo desprezo. Assim nada quer saber de *cnidarios* nem de *protostomios* e *deuterostomios*, *chetognathos* e *escolécidas*, etc. Curioso que de vez em quando escape algum a esta rasoura como succedeu a *ctenophoro* e *acranio*.

A' tecnologia dos protozoarios faltam-lhe *gregaroide*, *arboroide*, *zygoplasta*, *chromatophoro*, *cinet nucleo*, embora cite *trichocysto*, *gemmaiparidade* e não *esporulação*, o que é indisciplpavel. Em materia de reproducção dos protozoarios é o *N. D.* da mais deploravel lacunosidade.

Debalde nelle procurará o consulente *isogameto*, *macrogameto*, *microgameto*, *isogamia*, *anisogamia*.

Passemos a examinar o que nos diz o Sr. C. das subdivisões dos protozoarios. Dos rhizopodos já principia por nos dizer simplesmente que são animaes cujos pés semelham a raizes sem nos dar a sua determinação na escala zoologica, o que constitue enorme defeito.

Das quatro ordem dos rhizópodos duas ficaram no tinteiro : *amebinos* e *heliozoarios*!

De *flagellados* e *ciliados*, vocabulos hoje essenciaes na tecnologia dos protozoarios, nada tambem diz o *N. D.* « Fecha-se o Sr. C. de F. em copas » a seu respeito!

Não fala de *flagellados*, mas cita *trypanosoma*. Mas antes não o fizesse, pois, afirma que só ha um *trypanosoma*!! e uma *trypanosomiase*!! Fala nas leishmanias (no supplemento). Também si não falasse! Mas de *piroplasma* nickles! embora mencione *espirocheta*.

Tratando dos *esporozoarios* não encontramos *esporogonia* nem *eschyzogonia*, *esporocyto*, *esporozoito*, *merozoito*, *microgamelocyto*, *zigote*, *eschyzonte*! Lembremos ainda que o Sr. C. de F. nada diz do grupo incerto e importantissimo dos *chlamydozoarios*.

A definição que de esporozoario dá o illustre philologo é fraquinha.

Dentro os principaes esporozoarios estão as *gregarinas* e *coccidios*. Das primeiras diz o Sr. C. de F esta belleza : « genero de vermes (*sic*) intestinaes que abrange duas especies que vivem no corpo de certos insectos »!

Bumba! promove o douto philologo protozoario a verme! verme parasita de insectos!

Até parece o caso do Fritz da *Grande Duqueza de Gerolstein*, que de soldado passou a feldmarechal, instantaneamente.

Ainda bem que as *gregarinas* não subiram de vez ás culminancias dos vertebrados...

De *coccidios* debalde queira alguém encontrar rasto pelas paginas do *Novo Diccionario*. A definição de hematozoario serve para um diccionario meramente da lingua e não para o que se gaba de tão solido cabedal scientifico. Tratando dos *espongia-rios* nenhum mal haveria que o *N. D.* definisse *porifera* e *calcispongia*.

Onde ficaram porém *cornusilicoso*, *espongina*, *periforo*, *porocyto*, *choanocyto* ?

Cuidando dos celentereos, dá-nos o *N. D.* de 1923 a mostra palpavel do seu misonheismo e do seu atrazo, pois nelle não figuram os grandes grupos modernos dos *cnidarios* e des *ctenarios*.

Apparece-nos como indicio de melhoria para a quarta edição o termo *cnidoblasto*.

E si é verdade que o *N. D.* averba *acraspeda*, *anthozoario*, *alcyonario*, *ctenophoro*, *hypostoma*, *manubrio*, *umbella*, *zoanthario*, em compensação são as deficiencias enormes, e noto a ausencia de palavras essenciaes como: *cenenchyma*, *estomodio*, *mesoglea*, *scyphopolypto*, *scyphistoma*.

De *hydrozarios* nada lemos; quanto mais de *scyphozarios*? Os siphonophoros que são celentereos, rebaixa-os o Sr. C. de F. á categoria de protozoarios.

Segunda phase de Fritz.

São no seu dizer um « genero de protozoarios ».

Entre os acalephos menciona o *N. D.* as *pelasgias* e *rhizostomas*, mas não as *lucenarias*. Dos coralliarios a definição está *all right*. Mas de *ctenophoro*, « typo de celenterado », diz que é um « mollusco ».

Na technologia dos echinodermos ha deficiencias serias: falta *asteroide*, por exemplo.

Mas o que se não póde admittir é que o Sr. C. de F. chame aos *bryozoarios* molluscos, quando são vermes, são anelidos marinhos.

Molluscoides passavam por ser... em 1870. E a sciencia progride.

Passemos aos vermes, e com a devida venia de nosso illustre e incansavel helminthologo Dr. Lauro Travassos seja nos permittido metter o intromettido bedelho num cantinho desse enorme campo da zoologia.

A definição do *verme* do Sr. Candido de Figuei-

redo é sobremodo confusa e indigna de uma obra que tem as pretensões do *Novo Diccionario*. O Sr. Rodolpho von Ihering a critica acerbamente.

Fallando da palavra lombriga entende o Sr. Candido que o nome é vulgar se applica ao verme intestinal *Ascaris lumbricoides* que é um nematodio e ao olygocheto que é um annelideo, a nossa vulgarissima minhoca. Só se em Portugal... no Brasil lombriga e minhoca são cousas diversissimas. O Sr. Ihering a este respeito escreve : « Dispensa commentarios. »

Em materia de vermes, está o *N. D.* « mal servido ». Fala-nos em *plathelminthos*, *nemathelminthos* e *anelideos*, as tres grandes divisões deste enorme e deploravel grupo perseguidor da pobre humanidade com o amarellão, a filariose e quanta praga mais ha de semelhante « naipe ».

Mas, em materia de anelideos, solta-nos o *N. D.* uma! das famosas, das famosíssimas. « Classe de animaes vertebrados, a que a sangue-suga e a minhoca servem de typo! » *Horresco...*

Além da vertebração da minhoca e da sangue-suga, ainda ha ahi a reparar a invaginação da classe dos hirudinos, que é autonoma. Sobre hirudinos nada entendeu dizer o Sr. C. de F.!

Nem sequer lhe acudiu á mente o episodio horripilante da morte do Bastardo de Bayão, contado, prodigiosamente, naquella admiravel historia trucetindica, que se encaixa na não menos admiravel *Illustre Casa de Ramires*.

Que estupendo papel literario ali representam os hirudinos, para o Sr. C. de F. despiciendos!

Não se quiz lembrar o douto diccionarista dos tempos da sua adolescencia, e da minha infancia,

em que, pelos povoados do seu Portugal e do meu Brasil ainda viviam ás voltas com os hirudinos os *sympathicos* escanhoadores e rapa-queixos.

Arrancavam dentes a chave, manejavam a lanceta para tirar onças de sangue e applicavam hirudinos, applicavam bichas.

Não lhe ocorreu a velha e troca saudação lusitana do *saude e bichas!* que maliciosamente achava o Sr. Carlos de Laet dever substituir a formula mal traduzida de « Saude e fraternidade... ».

Assim, deixou os hirudinos no tinteiro o que é injusto.

Merece a classe das sangue-sugas magistralmente revista por Cesar Pinto, no enorme tomo XIII da Revista do Museu Paulista, a homenagem da recon-sideração do acto, não por ella, aparentada como é aos parasitas, mumbavas, onzeneiros e agiotas, mas pela digna corporação dos figaros de antanho e dos *sympathicos* proprietarios da tradicionalissima (entre cariocas), casa das *Bichas monstro*, á rua de Uruguayana, situada já em tempo « oncinho » á rua da Valla da leal cidade sebastianense.

A tecnologia moderna dos vermes anda bem mal tratada pelo *Novo Dicionario*. Si nelle encontramos *cercaria* e *cenuro*, *filaria*, *hexacantho* e *hydatida*, *nephridia* e *proglottis*, por exemplo, faltam-lhe *sporocysto*, *gordiaceo*, *miracideo*, *otocyto*, *onychosphera*, *parapodo*, *redia*, *rostello*, etc.

Ha, porém, lacunas mais importantes, muitas dellas absolutamente imperdoaveis. Não encontro *planaria* para certas lesmas, por exemplo.

Acerca dos *olygochetos* e *polychetos*, fecha-se novamente em copas o Sr. C. de F.

Falando dos cestodos ou *cestodes*, diz o douto dic-

cionarista : « Verme da classe dos helminthos? »
Que é helmintho, então?

Que se diria do lexicographo que definisse, por exemplo, *fox terrier* : typo de cão da especie dos cachorros?

Debalde procurará alguém no *N. D.* vestigios de alguns dos principaes *plathelminthos* e *nemathelminthos*. Nada encontrará a respeito dos *polystomas*, da *bilharzia*, do *ankylostomo* (!), do *bothriocephalo*. Do *ankylostomo*! veja-se bem! Do *ankylostomo*, santo Deus!

Nada se encontrará acerca dos *chetognathas*, nem dos *chetopodos* e *onychophoros*. Falando da *anguillula*, affirma o Sr. C. de F. que é um *insecto* que ataca as raizes das videiras. Não será um verme? um *nemathelmintho* do genero da *Heterodera radicecola*, que tantos maleficios causa aos nossos cafésaes fluminenses e mineiros e a que se refere o eminente amigo Alipio de Miranda Ribeiro, nas suas excellentes *Noções syntheticas de zoologia brasitica* ?

Consinta agora o benevolo leitor pequeno parentese.

Mais uma vez, livre-me Deus de pretender postergar o principio elementar e salutarissimo do *Ne sutor!* arvorando-me em zoologo, quando apenas desta sciencia conheço os rudimentos.

Assim, para o cotejo que realizo, tomei dois guias da maxima segurança, dois naturalistas brasileiros, da mais larga e conceituosa reputação, os Drs. Alipio de Miranda Ribeiro e Candido de Mello Leitão, cujas obras valiosas ultimamente publicadas — as *Noções syntheticas* e os *Elementos de zoologia*, mereceram, dos doutos, geraes applausos. São dois cientistas dos que mais honram nossa cultura nacional

e estão ao par das mais recentes conquistas das sciencias.

Continuemos a vêr si o *Novo Diccionario*, bem posterior, contudo, a ambas as obras citadas, está em condições de informar aos seus leitores o que significa a technologia (aliás elementar, e destinada a fins didacticos gymnasiaes), dos dois excellentes livros.

Revisão dos crustaceos e molluscos. O Sr. Candido de Figueiredo admite, como a mais recente, a classificação de Cuvier em 1812! Revisão dos echinodermos, dos peixes, batrachios e reptis.

Dos dois grandes grupos de crustaceos, os *entomostraceos* e *malacostraceos* dá o Sr. C. de F. definições razoaveis. Mas, de *merostomos* nada diz, nem das *limulas*, o que constitue sensivel lacuna.

Da technologia carcinologica mais corriqueira faltam muitos termos : *carcinologo*, *carcinologico*, *balamo*, *nauplio*, *zoê*, *pléopodo*, *coxopodoto*, *basipodito*, *endopodito*, *escaphocerito* *pereiopodos*, *telson*, *hepatocancreas*.

Em todo o caso, figuram *protopodio*, *decapodo*, *copepodo*, *macruro*, *cirripodo*, *branchiopodo*. O nome *ostracodo* que o Sr. C. de F. attribue a um « genero de mollusco microscopio », reserva-se hoje a uma ordem de crustaceos.

Passemos aos molluscos. Definindo a palavra, dá largas o Sr. C. de F. aos seus conhecimentos zoológicos... de 1812. Documentemos o caso, que é curioso. « Nome dos animaes sem vertebras, que formam

uma das ramificações do reino animal e que compreendem seis classes : *cephalópodes*, *exterópodes*, *gasterópodes*, *acéphalos*, *brachiópodes* e *cirrhópodes*. »

Em materia de classificação de molluscos, ha numerosas e sérias divergencias. Os mais modernos autores admittem cinco classes : os *gastrópodos*, *cephalópodos*, *scaphópodos*, *lamellibranchios*, e *placóphoros*, outras põem *pterópodos* em vez de *placóphoros*, outros querem só quatro classes : *gastrópodos*, *cephalópodos*, *lamellibranchios* e *amphineuros*.

Synthetizando o que de mais moderno havia em 1917, admittre Mello Leitão, em seus optimos *Elementos de Zoologia*, cinco classes : *cephalopodos*, *gasterópodos*, *escaphópodos*, *lamellibranchios* e *solenogastros*.

Mas, que a subdivisão do Sr. C. de F. é velhinha, velhinha, não ha duvida. Diz o *Webster's New International Dictionary*, de 1920, á palavra *mollusca* : « In old classifications the brachiopoda and sometimes the cirrhipeds were included » (sc. entre os molluscos).

Outra prova da antiguidade da classificação do Sr. C. de F. e de quanto é ella veneravel (pela velhice, entenda-se), dá-nos a presença dos *acephalos*, nome inventado por Cuvier, em 1789. O termo *lamellibranchio* é de Blainville, e de 1816, e inteiramente supplantou *acephalo*.

Falando dos brachiopodos, diz Whitney, com a sua formidavel autoridade : « Pelos velhos naturalistas, os brachiopodos eram considerados molluscos verdadeiros; pelas mais recentes (escreve o informante, em 1907), foram separados dos molluscos, passando a ser « molluscoides ».

Os cirrhópodes do Sr. C. de F. querem os mais recentes dictionarios scientificos sejam os mesmos

cirripedios que não são molluscos e sim crustaceos

Os molluscos do Sr. C. de F. são os dos quatro ramos e dezenove classes de Cuvier, em 1812.

Na *Encyclopedia Britannica*, nona edição, 1883 leio que os cirrhópodes foram, em 1830, ainda em vida de Cuvier, destacados dos molluscos, devido aos trabalhos magistraes de J. Vaughan Thompson e annexados aos crustaceos.

Ergo a classificação dos molluscos, dada como *up to date*, para 1923, pelo Sr. C. de Figueiredo, era realmente novissima... em 1812.

Examinemos perfunctoriamente, agora, o que sobra a nomenclatura vulgar dos molluseos nos conta (*N. D.*

Faltam-lhe *epipodio, palleal, umbo, lunula, conchyolina, odontophoro, columellar, ctenidia, osphradia rhinophoro.*

Encontramos *sepiostario*, apenas. Ausentesse achar noventa por cento da tecnologia mais vulgar dos molluscos!

A' nomenclatura vulgar dos echinodermos faltam *bivio e trivio, madreporito, pedicellaria, lanterna de Aristoteles, espheridea* e muito mais.

Com surpresa vemos surgir *ambulacre*. Das cinco classes de echinodermos não menciona o Sr. Candido de Figueiredo os *asteroides* e *ophiuroides*. A *crinoide* e *echinoide* define mal.

Os *tunicados, grupo autonómo*, segundo as idéas modernas, incorpora-os o Sr. Candido de Figueiredo aos molluscos.

Das suas tres ordens nada diz dos *appendicularios*

As duas outras teima em conservar entre os molluscos, o que é sobriemodo anachronico.

Quanto á nomenclatura dos tunicados abundantes

se lhe apresentam as lacunas; assim, por exemplo : de balde procuramos no *Novo Diccionario*, *endostylo*, *estomodeo*, *typhlosolis*, *doliolo*, *urochordio*. Inesperadamente nos surge *salpa*, de definição incompleta, aliás.

Passemos agora aos vertebrados, começando pelos peixes.

A tecnologia destes animaes é a mais fraca no *Novo Diccionario*. Onde estão *gamoína*, *ctenóide*, *dermotrichio*, *diphicerco*, *heterocerco*, *amphiceles*, *homocerco*, *physostomo*, *physoclisto*, *hemibranchios*, *pseudobranchios*? E isto para nos contentarmos com um exame muito summario aliás.

Em todo o caso, encontram-se *placoide*, *ganoide*, *cycloide*, *holobranchios*. Das cinco classes modernas dos peixes não registra o *Novo Diccionario*: *elasmobranchios*, *marsipobranchios* (cujo synonymo *cyclostomos* averba) mencionando porem, as outras tres.

Assim, pois, como acabamos de expôr, é lacunossissimo o *Novo Diccionario*, em relação á tecnologia dos grandes grupos importantissimos que acabo de revistar. E sómente quanto ao vocabulario mais corriqueiro, porque só me limito a este.

Não menos notavel do que em relação aos demais grupos é a deficiencia do *Novo Diccionario* quanto aos batrachios que inculca Santo Breve da Marca! — como reptis!!! Como reptis! A saparia saltitante e « gambeteira » rebaixada á reptação! Santo Breve da Marca!

Assim nelle não se recordam termos da tecnologia corrente como *urostylo*, *gymnophione!* *apodo*, *perenni-branchio*, *neotemia*, *pedogenese*, *aglosso*, *phaneroglosso*, etc. Menciona, comtudo *anuro*, *gyrino*, *urodelo*.

Nos reptis não menos sensiveis são as lacunas : de balde procuraremos *pleurodonte*, *acrodonte*, o que representa notavel lacuna. Manda a justiça que se

digaque o *Novo Diccionario* consigna *thecodonte*, *autosaurio*. Quanto á divisão actual dos reptis actuaes em cinco ordens, nada diz o *Novo Diccionario* dos *rhynnocephalos* e *crocodilianos*. Aos lacertilios, como se diz no Brasil, chama-se lacertinos, o que não tem importancia. A proposito das grandes familias dos lacertilios o *Novo Diccionario* « fecha-se em copas » quando trata dos *geckonideos*, *iguanideos*, *scindi-deos*, *tejidéos*, *amphisbenideos*. Só nos menciona os *anguideos* ! Só!

Não poderemos deixar este grupo sem lembrar uma nova e bella cincada do Sr. Candido.

Definindo *licranço* diz o doutissimo dicionarista « pequeno reptil, um pouco semelhante á vibora mas sem a cabeça chata (*Amphisbaena cinerea* Vandelli). Mas como tambem affirme que *amphisbena*, ou *anfisbena* é o nome generico das « serpentes de duas cabeças » o *licranco* é um *ophidio*, já que passa por serpente e não um lacertilio conclusão erradissima no dizer dos zoologos. Ora, ora, ora, responder nos á superior o douto dicionarista : « de pato a ganso é pouco o avanço, de lacertilio a ophidio nem um passo ha! Os Srs. estão fazendo distincções de lana caprina ».

Emfim em materia de zoologia digam os zoologos. Para elles appello sem grande receio de perder o processo motivado pelos *licranços*.

A nomenclatura dos ophidios, importantissima para o Brasil, esta é vergonhosamente lacunosa no *Novo Diccionario*. Debalde, aii procurámos, *boideo*, *typhlopideo*, *glauconideo*, *proteroglypho*, etc.

Mostrando ouvir cantar o gallo sem saber onde, insere o Sr. Candido de Figueiredo, *viperideo*, com a autoridade inderrocavel do *Jornal do Commercio*

do Rio de Janeiro, de 5 de setembro de 1915. Impagavel criterio! E' sempre o mesmo, o que documenta definições de chimica com uma *Technologia rural!* como já ficou demonstrado.

Os resultados de consulta a taes autoridades são admiraveis. E' por isto que o Sr. Candido escreve *Colubrideas* : « familia de reptis que têm por typo a cobra? » mas que cobra? então todos os ophidios são colubrideos? Pois não é cobra em nossa lingua um nome generico dos ophidios?

A definição arranjada pelo sr. Candido de Figueiredo recorda-me uma passagem famosa de certo romance francez de outróra, de não sei que idiota e cujo scenario é o Brasil : « *Cet affreux serpent, qu'au Brésil on appelle cobra* »... E é um portuguez que nos diz agora : « colubrideos : familia de reptis que tem por typo a cobra »!

Porque então por analogia não escreve : *cebideos*, familia de simios que têm por typo o macaco?

E ainda a proposito de ophidios não nos diz o Sr. Candido de Figueiredo : « Cobra, s. f. reptil da familia das serpentes »!

Da familia, leia-se bem! E mais adeante como nos ensine que serpente é synonymo de cobra definirei de accordo com estes ensinamentos :

« Cobra, s. f. reptil da familia das cobras. »

« Serpente, s. f. reptil da familia das serpentes. »

Não é archi-logico?

E não deixemos os reptes sem lembrar — *last but...* este inglezinho é tão batido! — que o Sr. Candido de Figueiredo não nos inculca as tartarugas como reptis! São amphibios... do genero das capivaras? do genero das lontras? Que grupo zoologico é este o dos amphibios?

III

Nomenclatura dos insectos. Omissões em barda e das mais vulgares termos. Technologia obsoleta. O enorme atrazo do « Novo Diccionario » em materia entomologica. Dezesete ordens suppressas em vinte e seis. Definições ambiguas, viciosas e erradas. A nomenclatura dos arachnideos. Lacunas innumeradas e deploraveis. As fontes de informação scientifica do Sr. C. de Figueiredo. Os jornaes da imprensa diaria.

Proseguindo em nossa despretenciosa e singela analyse passemos agora a ver o que ha no *Novo Diccionario* em materia da technologia entomologica. *Ecydse* é cousa que no prestante lexico se não encontrará.

Hexapodo hoje exclusivamente reservado aos insectos, quer o Sr. C. de F. que se estenda aos « insectos apteros! » noção inaceitavel.

A nomenclatura entomologica vejo que lhe faltam palavras essenciaes como *clypeo*, *gena*, *paraglossa*, *tegula*, *halteres pubillo*, *hemicytro*, *empodio*, *espiraculo*, *cercópodo*, *ovipositor*, *frenulo*, *retinaculo tegmina*, embora mencione *epicraneo* (mas não como vocabulo entomologico) *hypopharinge*, *ligula*, *patagio* (aliás

definido como exclusivo dos morcegos), *elytro* (tambem si até isto faltasse!).

Continuemos a nossa summarissima inspecção.

Debalde se procurará encontrar *ocella*, *omnatidia*, *retinula*, *rhabdom*, *vitrella*, *chordotonal*, *corneagenico epimorpho*. *Ootheca* para o *N. D.* é privativo do ovario dos fetos, em botanica.

Acerca da *ootheca*, dos insectos, nada ha! Mas o que dá exacta noção do atrazo da tecnologia do *N. D.* é a ausencia de *pupa*! Ignora o Sr. C. de F. este synonymo da velha *chrysalida*. Si mostra conhecer *parthenogenese*, ignora *heterogamia*.

Ha dezenas e dezenas de termos correntes dos prolegomenos da nomenclatura entomologica que o *N. D.* não menciona.

Os quasi trinta que ora apontei disto dão nitida idéa.

Vejamos agora outro assumpto em que do modo mais completo se evidencia o atrazo das noções inculcadas pelo *N. D.* em materia de entomologia.

Para o Sr. C. de F. os insectos ainda estão espalhados por meia duzia de ordens, quando dos progressos da sciencia tem nascido subdivisões numerosas.

Houvesse o douto dicionarista consultado os lexicos modernos em vez de recorrer aos seus carunchosos e bolorentos ripanços do tempo de Fabricius ou de Goedaert e veria que as autoridades actuaes acceitam vinte e seis ordens entomologicas. Mas o Sr. C. de F. contenta-se com meia duzia. « Aqui estou, aqui fico! » brada nos macmahoniano. Nada o demoverá.

Para elle só ha coleopteros, lepidopteros, dipteros, orthopteros, thysanuros, thysanopteros, isopteros, hymenopteros, neuropteros. Onde ficam os *anopluros*, *collembolas*, *dermapteros*, *embiopteros*, *ephemeropteros*, *plecopteros*, *odonatos*, *mallophagos*, *psos-*

*copteros, strepsiteros, rynchota, megalopteros, mecop-
teros, tricopteros, siphonapteros, proturos, zorapteros ?*

Assim, das 26 ordens actuaes (cf. o *Manual of Entomology* de Maxwell Lefroy, Londres, 923, pag. xiv) só nos revela o *N. D.* a existencia de nove!

E não se pense que as definições referentes a estas nove ordens sejam impeccaveis.

Frequentemente vemos o Sr. C. de F. chamar « *genero de insectos* » o que devia ser « *ordem de insectos* ».

Tratando dos hymenopteros dá-nos o Sr. Candido tal definição que della se póde deprehender que nem todas as formigas pertencem a esta ordem.

Definindo *lepidopteros* escreve o illustre philologo : « Diz-se de uma classe de insectos que passam por metamorphoses completas desde o estado de ovo ao de borboleta. »

Isto é insignificativo; não differencia a ordem *lepidoptera* pois metamorphoses completas realizam, os coleopteros, os dipteros, os hymenopteros, etc., egualmente.

Devia o douto dictionarista citar-lhes o numero de azas, lembrar-lhes a escamação que lhe deu o nome, etc.

Tambem merece reparos a definição de diptero. Nada diz o *N. D.* das azas posteriores destes insectos os *balancins*. A technologia dos dipteros no *N. D.* é sobremodo deficiente. Assim em relação aos nossos mosquitos tão conhecidos como os *stegomya*, *stomoxys* e *phlebotomos* nada ha. *Et j'en passe...*

Antes de deixarmos os insectos porém reservemos uma boa para o *fin mot de la fin*.

« *Potó*, diz o Sr. Candido de Figueiredo, m Bras. Insecto noctivago cuja urina (*sic*)! é caustica. »

Urina de insecto!

Insecto a urinar!

Esta é das arabias!

Passemos porém aos arachnideos.

Da sua nomenclatura vulgar falta-nos *chelicera!* *cephalothorax* que o Sr. C. de F. attribue aos insectos, *postabdomen*, *chela*, *chelifero*, *pedipalpo* (nome de familia apenas segundo o Sr. C. de F.), *escopula*, *patella*, *protario*.

Com surpresa encontramos *cribello* e *calamistro*. Este ultimo vocabulo abonado pelo *Seculo* de Lisboa, na edição do Norte de 5 de junho de 1919!!

Preciosa indicação acerca das fontes documentaes scientificas do Sr. C. de F.!!!

E' por isto que define os termos da chimica organica segundo o que lhe refere uma *Technologia rural* e informa aos seus leitores que « hertziano é uma variedade de telegrapho » segundo aprendeu no *Jornal do Commercio do Rio de Janeiro*, a 13 de junho de 1901!... Sem commentarios!

Tratando das nove ordens dos arachnideos nada encontramos no *N. D.* sobre os *escorpionideos*, *phalangideos*, *podogonos*, *pseudoescorpionideos*, *palpi-grados*, *solifugos*.

Os *araneidos* quer o Sr. C. de F. que sejam familia em vez de ordem. O que elle diz dos *acarinos* está perfeito.

Os *pedipalpos* inculca-os como familia quando constituem uma ordem. Dos ixodideos, a que pertencem os carrapatos (para o Sr. C. de F., crustaceos!) ha uma boa definição.

Dos seus affins, os demodex, injustificadamente nada diz o *N. D.* quando, no emtanto, se refere aos sarcoptas da carne e tyroglyphos do queijo.

Abramos agora especial parenthese para commentar uma definição hoje monstruosa, do *Novo Diccionario*, a de Myriapodo « classe de insectos (!!??) que se distinguem por grande numero de pés ». Misericordia! A lacraia insecto! O piolho de cobra insecto! os embuás insectos! Mas está na ordem como os peixes-cetaceos, os carrapatos-erustaceos; as tararugas-peixes!

Copiou o Sr. Candido de Figueiredo a definição de Aulete quasi *ipsis verbis*... Misericordia! Psalmo 50! *Misericordia mei Deus!*

Que revolução na zoologia! Só que ella já está feita desde os tempos « em que Judas trocou de botas » da loeução popular.

E o Sr. Candido que disto nada sabia! A sua zoologia é a de 1815.

De que serve haverem os mais notaveis zoologos decretado que *insectos* só podem ser chamados os *hexapodos*? « arthrópodos providos de tres pares de patas articuladas sobre a parte thoracica do corpo » (cf. Alipio de Miranda Ribeiro, *Noções syntheticas de zoologia brasílica*, p. 62).

Com um piparote liquida o *N. D.* esta gentalha pretenciosa, toda, no nosso anno da graça de 1923. Recolha-se a sua insignificancia... O que vale é a sciencia de outr'ora; a sciencia do « seu tempo ».

Destes novos insectos myriapodos, recommendados pelo douto dictionarista distinguem hoje os zoologos os *chilopodos* e *diplopodos*, bicharada acerea da qual o Sr. C. de F guarda aquelle famoso silencio que Boileau irrogava ao seu confrade Conrart e a que qualificava prudente.

Tambem não esperemos encontrar os vocabulos *gnatochiliario* e *maxillipodo* da nomenclatura corrente dos myriapodos. E fazem falta!

IV

Nomenclatura ornithologica. Sempre a mesma deficiencia. Num mare magnum de lacunas. Ausencia dos nomes das ordens e das familias.

Vejamos agora como o Sr. Candido de Figueiredo, trata as aves ou, antes, como as maltrata.

Falando-se de aves, comecemos pela nomenclatura das pennas. O eixo destas, o scapo, é cousa que se não menciona no *Novo Diccionario*, nem tão pouco *calamo*, *rachis* e *vexillo*, palavras, aliás, averbadas no lexico figueiredeano, mas com outras accepções. *Umbilico*, *radiolo*, *hamulo*, ninguem os achará, e ainda menos *hyporachis*.

Plumula para o *Novo Diccionario* não se applica ás pennas curtas e macias, o *duvet* dos francezes, e sim sómente a uma « parte do embryão vegetal ». *Vibrissa* são apenas pêlos das fossas nasaes e nunca pennas « de calamo curto, rachis longo e delgado, semelhando um pêlo ».

Egretta, de feição exaggeradamente gallicistica, não surge no *Novo Diccionario*, e ahi é o caso de lhe darmos parabens. O nosso vocabulario necessita de estabelecer outro substantivo menos francelho

Neossoptilo, teleoptilo, pterylo, pterylographia, pterylose, paraptero, apterylo, hypoptero, eis ahi um rór de omisões a mais. *Rectriz, vectriz, remigia* são adjectivos antiquissimos da nomenclatura ornithologica e o *Novo Diccionario* os averba.

Tambem si o não fizesse! E' como si por exemplo não desse *uropygio!* Seria demais...

Da nomenclatura dos pigmentos, a que são devidas as côres das pennas das avès, não cogita o *Novo Diccionario*. Assim nelle não ha *zooxanthina, zoo-fulvina, zooerythrina, zoomelanina, turacoverdina*. Poderia mencional-os comtudo, que, desde 1909, lhe indiquei estas lacunas sensiveis no meu *Lexico de termos technicos e scientificos*.

Mas com a sua incommensuravel vaidade achou o Sr. Candido de Figueiredo indigno de sua grandeza receber indicações de um João Fernandes de além-mar. E assim deixou de mencionar taes vocabulos. — Quem o prejudicado? Infantil criterio!

Podotheca e *ramphotheca* encontramol-os averbados, mas não *acrotarso nem ceroma*...

Deixemos de lado a nomenclatura do tarso do craneo, do bico em que as lacunas do *Novo Diccionario* pullulam, por assim dizer, e lembremos que emmateria da forma do bico, o que é de maior importancia nas aves, o *Novo Diccionario* ignora *paragnatho, metagnatho*. Quanto a *epignatho* e *hypognatho*, são para elle apenas dois termos da teratologia, mostrando desconhecer que se applicam o primeiro aos papagaios e aos rapaces e segundo ao talhamar.

Percorro a osteologia das aves e percebo que della quasi nada se transplantou para as paginas do *Novo Diccionario*. Uma lastimal! Poderia apontar mais de

cem omissões, o mesmo quanto á descripção dos demais tecidos animaes.

Para não tornar demais enfadoñho, este requisitorio contra a deploravel insufficiencia do *Novo Dicionario*, passo a analysar o que nelle se menciona acerca das subdivisões das aves.

Devoto dos velhissimos bonzos das sciencias naturaes, ignora o sr. Candido de Figueiredo os trabalhos de Gadow; dahi a ausencia, no seu *Novo Dicionario*, dos nomes das duas modernas grandes subclasses : *archeornithos* e *neornithos*.

Os tres grupos das *odontolcas*, *ratitas* e *carinatas* brilham pela mais absoluta ausencia! A's *ratitas* pertencem as nossas emas, de cuja ordem *rheiformes* e de cuja familia *rheideos* jamais ouviu falar o Sr. Candido do Figueiredo, ao que parece.

Só dos *carinatas* brasileiros ha, segundo Gadow, vinte e cinco ordens. Rarissimas conhece o Sr. Candido de Figueiredo, cuja ornis ainda se regula pela subdivisão de classes, velha como a Sé de Braga, e « os tempos do onça », na era em que comprehendia palmipedes, pernaltas, trepadores, gallinaceos, rapi-neiros e columbinos.

Os *tinamiformes* com a sua familia unica *tinamideos*, ignora-lhes o Sr. Candido de Figueiredo a existencia.

Representam-na no Brasil o delicioso macuco, a esquiva jaó, a quasi exterminada perdiz a vulgar codorniz, etc.

Falando do *tinamu*, protesta o Sr. Candido de Figueiredo contra os que o classificam como gallinaceo : o interessante é que *tinamu* vem a ser gallicismo que nós outros brasileiros ignoramos.

Seu correspondente é o nosso conhecidissimo macuco!

Os galliformes não se benzeram com o sesamo do *Novo Dicionario*, com as suas duas familias brasileiras os *cracideos* e os *odontophorideos*.

A' primeira pertencem o mutum (gallinaceo para o Sr. C.) o jacú e a jacutinga (tambem gallinaceos); á segunda o urú ou capoeira (*idem*). Ignora Sr. C. de F. que os antigos gallinaceos pertencem hoje á familia dos phaisanideos (perú, gallo, pavão, faizão, gallinha da Angola, etc.).

Seria um nunca acabar! Seria um nunca acabar revistarmos ordem por ordem. Basta lembramos que seus nomes são pertinazmente « inencontraveis » no *N. D.*

Si tal se dá com as ordems, que esperar quanto á nomenclatura das nossas grandes familias de aves? Zero e mais zero!

Assim a esmo ali procuro os *rallideos* (das nossas saracuras), os *trochilideos* (beijaflores), *trogonideos* (surucuás), *rhamphastideos* (tucanos), *picideos* (pica-paus) *tyranideos* (bentevis), etc., etc., etc.

Seria um nunca acabar! Só ahi ha centenas de omissões a apontar...

E si, de vez em quando, nesse maremagnum de lacunas, apparece um ou outro nome de familia de nossas aves é que as vezes são os de grupos representados tambem em Portugal, como por exemplo no caso dos *turdideos* (melros e sabiás).

Mas assim mesmo é tão lacunoso o *N. D.* que nem menciona os *hirundinideos*. E no emtanto ha em Portugal andorinhas!

E si surge alguma excepção applicavel ao Brasil essa mesma frequentemente vem em muito mau estado, como se dá com os *psittacideos* assim definidos. « Familia de aves que comprehende os arás

(??!!! sic) e os papagaios. » Então arara é papagaio? É que significa *ará*? povoroso gallicismo numa obra tão infensa ao consorcio gallo-lusitano, como se gaba o douto dictionarista!

E tanto não é portuguez que si no proprio corpo do *Novo Dictionario* procurarmos *ará* não o encontramos, quando nelle se averba arara, que é o nome verdadeiro e aliás muito mal definido).

« Ave trepadora, especie de papagaio!!! » Não é tal. As araras não são especies de papagaios. Umas e outros vem a ser psittacideos, mas ninguem confundirá araras com papagaios, como tambem ninguem encambulhará umas e outros com os periquitos!

Que falta faz ao Sr. C. de F. o conhecimento da magistral *Revisão dos psittacideos brasileiros*, da lavra do meu eminente amigo prof. Alipio de Miranda Ribeiro, o nosso illustre zoologo!

Assim, pois, vêem os bondosos leitores que em materia ornithologica o *Novo Dictionario* merece ser chamado *Novo Lacunario*, a preencher.

Em materia de nomes vulgares então ha cousas impagaveis! *Ab uno* : em vez de siriema, da nossa vulgarissima siriema, escreve o Sr. C. de F. *sirema*, dando-lhe este espantoso significado : *Ave pernalta, notavel pela guerra que move a todos os animaes!!!*

Outras definições detestaveis. :

« *Jacú*, ave gallinacea, avermelhada do Brasil. »

Mas quantas aves estão nestas condições, os urús, os inambús, as perdizes, as codornas...

João de barro define a o Sr. Candido de Figueiredo *ave amarella* e *tico tico* como « passarinho de papo amarello ». Como estão bem caracterizados! Pretende ainda que no Brasil *João grande* e *Gaivota* são a mesma cousa quando não ha tal.

*Dizinação de mamíferos pelo « Novo Dicionário ».
Ausencia de numerosos vocabulos corriqueiros.*

A' technologia mammalogica faltam ao *Novo Dicionario* como á dos demais grupos vocabulos e vocabulos absolutamente vulgares.

Nella não se encontram termos dos mais corriqueiros. Assim si o *N. D.* nos fala de animaes *plantigrados* e *digitigrados*, nada refere dos *unguligrados*, *semidigitigrados* e *semiplantigrados*.

Não ha quem ignore quão importante — capital até — vem a ser o estudo das formulas dentaes dos mamíferos. Delle nasce uma technologia riquissima.

Não é, porém, a que insere o *N. D.* que neste particular até parece herdeiro do santo varão Job.

E realmente, onde escondeu o Sr. Candido de Figueiredo *triconodonte*, *secodonte*, *lophodonte*, etc., etc.?

O vocabulario dos diversos apparatus physiologicos vai pela mesma penuria.

Examinemos, porém, um aspecto mais interessante, a subdivisão actual dos mamíferos.

Em materia de actualidade, já demonstrei de sobra

que a contemporaneidade do *N. D.* é a de Cuvier ainda. Vive na época napoleonica, o alentado e pres-tante lexico.

Assim cái-me a alma aos pés ao verificar que no emtanto menciona as tres sub-classes actuaes dos mamíferos : *ornithodelphos*, *didelphos* e *monodelphos*. Que progresso!

Mas logo depois noto a ausencia de *prototheriano*, *metatheriano* e *eutheriano*, synonymos correntes das tres sub-classes.

Nos *didelphos* vejo que o Sr. C. de F. ignora a existencia das duas grandes ordens : os *diprotodontes* e os *polyprotodontes*.

Das familias desses marsupiaes bem podia o *N. D.* indicar-nos a do *didelphideos* que encerra os nossos nojentos gambás, mucuras, sariguês, raposas, como são chamados pelo paiz, cuicas e goiquicas.

Mas qual! Passemos agora aos *monodelphos*.

Esquecer alguma das suas nove ordens, é cousa incomprehensivel, inaceitavel para um lexico que se preza de moderno e altamente scientifico como se inculca o *N. D.*

Si é verdade que averba os velhos nomes *cetaceo*, *cheiroptero*, *carnivoro*, *desdentado*, *insectivoro*, *roedor*, *ungulado*, *primata* (tambem si o não fizesse!), ainda assim deixa de o fazer em relação a *sirenio*.

Em materia de desdentados ha a maior deficiencia; não se averba o synonymo *paratherianos*, nem as suas duas subordens *xenarthros* e *nomarthros*.

Mas indesculpavel, acima de tudo é a ausencia de tres vocabulos hoje correntissimos das familias dessa ordem : *myrmecophagideos* (tamanduás), *bradypodideos* (preguiças), e *dasypodideos* (tatu's). Quanta omissão grave!

Nos unglados vemos o *N. D.* ignorar dentre as subordens actuaes, a dos *hyracoides*, mencionando, comtudo, as tres outras.

Ainda bem, valha-nos esta excepçãozinha!

Mas já aos perissodactylos vemos faltarem os verbetes relativos aos *rhinocerotideos* e *tapirideos*, o que é pasmoso. Mencionam-se os *equideos*. Tambem si até esta palavra faltasse : *equideo*...

Em materia de artiodactylos o *N. D.* consigna os dois grandes grupos *ruminantes* e *suinos*, palavras velhissimas, cujas definições estão ali insufficientes, á luz do criterio moderno zoologico.

Basta dizer que para o Sr. C. de F. suino é o synonymo exclusivo de *porco*, quando para os zoologos modernos o hippopotamo é um suino...

Das tres grandes familias de *suinos* dá-nos o *N. D.* *suideos*, mas não *hippopotamideos*, nem *tayassuideos* (queixadas, cattetos).

Os ruminantes, estes, hoje se distribuem entre os grupos dos *tragulinos*, *tylopodos* e *pecoros*, tres palavras ignoradas totalmente pelo Sr. C. de F

Dos *canideos*, que são *tragulinos*, nada diz o *N. D.*

Dos *pecoros* fala-nos dos *camelideos* e *bovidios* ou *cavicornios*, mas nada dos *girafideos*, nem dos *antilocaprideos*.

Já que o prestante lexico não cuida dos sirenios, é natural que nelle nada exista sobre os *trichechideos*, os nossos « peixes boi ».

Em materia da subdivisão moderna dos cetaceos, o *Novo Diccionario* é simplesmente detestavel. Ignora-lhes os nomes das duas subordens : *mystacocetos* e *odontocetos*. Nem dos primeiros nada diz de suas duas familias : *balenopterideos* e *balenideos* ; dos segundos (odontocetos), vem com surpresa a

menção dos *physeterideos*, a que chama *physeterios*, mas nada encontro sobre a familia dos *platanistideos*, os nossos botos amazonicos, surgindo porém um verbete sobre os delphinideos, agora intitulados *delphininos*.

Tratando dos carnivores, averba o *Novo Dictionario*, *fissipede*, mas o que admira, e muito, nada diz do nome da segunda subordem : os *pinnipedes!* (phocas).

VI

Final da revisão dos grupos zoológicos. Ainda os mamíferos, os carnívoros, roedores, cheiropteros e primatas. Lacunas em barda. Novas e serias erros.

Vejam, agora, como se comporta o *Novo Dicionário*, em relação á tecnologia moderna da systemática dos carnívoros : *herpestoides*, *arctoides*, os dois grandes grupos de Winge, são palavras que o volumoso lexico não imprimiu. Os *herpestoides* comprehendem tres famílias : *hyenideos* (não mencionada), *viverrideos* e *felideos* (averbadas).

Os arctoides se espalham por quatro famílias : *mustelideos*, *ursideos* (mencionadas pelo *Novo Dicionário*), *canideos* e *procyonideos* (não mencionadas!!). Não falar em canideos é simplesmente... adoravel...

Em materia de nomes vulgares brasileiros, deste grupo, traz o *Novo Dicionário*, disparates numerosos; citeamos alguns, de polpa.

As *jaguariticás* são felideos, e o Sr. Candido de Figueiredo quer que sejam « cães bravios do Brasil »! Das sussuaranas diz apenas : « animaes carnívoros da America do Sul ». Dos guaxinins, *procyonydeos*,

affirma que são raposas, *canideos*, portanto. Dos furões (*mustellideos*) escreve : « mamíferos vermiformes (???)!!! ».

Como? Mamíferos-heleminthoides, lombrigas-mamíferas?

Com toda a propriedade observa a tal respeito o Sr. Rodolpho von Ihering : « Ainda que o furão fosse inteiramente apodo a sua semelhança com os vermes seria igual á do ovo com o espeto. »

Falando do *pangolim* escreve o Sr. Candido de Figueiredo a seguinte e pittoresca definição « mamífero africano e asiático que se enrola em forma de bola quanto o atacam ».

Será aceitavel uma definição de tal ordem num dicionario que se respeite? que tem aspirações a uma como que pequena encyclopedia portugueza? Que pensaria, que diria o Sr. Candido de algum confrade dicionarista que definisse : « gato, mamífero, europeu, africano, asiático, americano e oceânico que quando atacado faz fú! fú! fú! »?

E no emtanto esta definição não é digno *pendant* da sua de *pangolim*? Se o Sr. Candido de Figueiredo de vez renunciasse aos seus processos de ir buscar definições de chimica numa *Technologia Rural* e recorresse a quem lhe inculcasse reaes noções scientificas poderíamos ler no *Novo Diccionario* cousas como esta : *Pangolim* nome de uma especie de mamífero da ordem *Edentata* que serve de typo ao genero *Manis* da familia *Manidae* « *Encyclopedia Britannica*, ed. de 1910).

Os roedores comprehendem duas grandes ordens : a dos *simplicidentados* e a dos *duplicidentados*.

Nem de uma, nem de outra, jámais ouviu falar o Sr. Candido de Figueiredo!...

Os *simplicidentados* comprehendem hoje cinco grupos : *anomaluros*, *aplodontes*, *histricomorphos*, *myomorphos*, *sciuromorphos*.

Nada disto nos inculca o *Novo Diccionario*, que « ouvindo cantar o gallo », apenas relata que os *anomaluros* são roedores da ilha de Fernando Pó. E dá-se por muito satisfeito! Acerca das outras quatro : zero e zero!

Dos *sciuromorphos* ha os *castorideos* e *sciurideos*, palavras ausentes do *Novo Diccionario*. Os *myomorphos* têm a sua longa nomenclatura ainda mais maltratada, nas suas sete familias de ratos, ratões e ratazanas, domesticos e sylvestres arganazes e jerboas.

Ainda bem que não ficaram no inteiro os *murideos*. Tambem, seria jamais!

Quanto aos *histricomorphos*, das suas oito familias, vemos a ausencia dos *pedetideos*, *octodontideos* (ratos de bambú, ratos de espinho), *chinchillideos* (chinchillas, vizcachas), *erethizontideos* (ouriços-caixeiros), *dinomyideos* (pacaranas), *dasyproctideos* (pacas e cotias) e *caviideos* (préas, mocós, capivaras).

A esta terrivel chacina apenas escaparam os *hystricideos* (porcos espinho) a que o *Novo Diccionario* chama *hystriceos*. Sete lacunas num total de oito termos!

E o Sr. Candido de Figueiredo julga impeccavel, riquissimo, o seu vocabulario!

Quanto á nomenclatura vulgar dos roedores nem sempre é razoavel; por exemplo do ouriço caixeiro não diz que seja roedor.

Não deixaremos os roedores, comtudo, sem falar nos *duplicidentados*, cujo synonymo *lagomorphos*, o *Novo Diccionario* ignora, embora fale de uma das

familias desses *lagomorphos* ou *leporideos* (coelhos, lebres, tapitis, etc.).

E diz-nos o Sr. R. von Ihering que na segunda edição do *Novo Diccionario* se affirmava ser *prea* synonymo de *roedor*. Na terceira emendou a mão como fez com *florianista* e outros.

A nomenclatura dos morcegos deixa tambem immenso a desejar : *megachiropteros*, *microchiropteros*, as duas sub-ordens lá não apparecem.

A palavra *morcego* tambem define muito mal o *Novo Diccionario* della diz *Genero* de mammiferos em vez de *Ordem*. Ainda bem que nos inculca que se trata de mammiferos!

A segúnda subordem é a unica entre nós representada. Conta cinco familias, das quaes tres brasileiras tambem : *vespertilionideos*, *phyllostomideos*, *emballonurideos*. De nenhuma dellas dá o *Novo Diccionario* signal de existencia...

Falta-nos agora falar dos primatas. Começa o *Novo Diccionario* definindo muito mal a palavra *macaco* que é um termo que abrange todos os primatas e não só um genero de mammiferos quadrumanos como inculca o Sr. Candido de Figueiredo.

Das duas sub-ordens de primatas o *Novo Diccionario* menciona uma a dos *lemuroides* a que chama *lémures*.

Mas nada diz da outra : a dos *anthropoides*. Isto nos dá mais uma vez idéa frizante do atrazo do lexico figueiredeano.

Os lemuroides são tambem chamados *prosimios*, vocabulo com que jamais sonhou o douto diccionaria. Das suas tres familias *lemurideos*, *chiromyideos*, *tarsiideos* falará o *Novo Diccionario* opportunamente em alguma edição longínqua. Por emquanto

não... Ainda é muito cedo, estes nomes são invenção de intrujões...

Da segunda sub-ordem a dos *anthropoides* nada fala o Sr. Candido! Será possível!

Isto nos dá nova mostra do atrazo do seu lexico. Desconhece o Sr. Candido a existencia deste vocabulo! E' simplesmente pasmoso! Inculca ignorar o que seja *anthropoide*, *simio anthropoide*, a sub-ordem a que pertencem o orangotango, o gorilla, o chimpanzé!

Para o Sr. Candido de Figueiredo, *anthropoide* é adjectivo ou então um « ser imaginado por alguns anthropologos, como transição do animal para — o homem ».

Ergo, o gorilla, o orangotango, estão evoluindo, para se revestirem dos caracteres humanos.

Ignora o douto philologo que o termo designa os grandes macacos, e genericamente os maiores primatas! Phantastico!

Manes do illustre Daniel Giraud Elliott!

Os *anthropoides* são *catarrhinos* ou *platyrrhinos*; a ambas as palavras menciona o *Novo Diccionario*, o que surprehende, dada a sua pobreza habitual em materia vocabular scientifica.

Das duas familias dos primeiros omitta duas! Os *anthropomorphideos* ou *simiideos* e os *cercopitheceideos*. Total duas!

Dos nossos macacos brasileiros, vejamos si menciona as familias : não nos fala nem em *cebideos* nem em *hapalideos*!

Dos primeiros e de suas quatro sub familias, tão nossas conhecidas, *mycetineos* (guaribas), *pitheciineos* (cuxiús), *acteineos* (saguís), e *cebineos* (muriquis), só averba o quarto vocabulo.

Temos assim terminado a nossa revisão summaria, quanto possivel, da nomenclatura primacial zoológica, do *Novo Dicionario*.

Para levar a effeito servime — quero mais uma vez lembralo — do excellente *Compendio de Zoologia* do illustre amigo e eminente arachnologo Dr. C. F. de Mello Leitão e das não menos dignas de apreço *Noções syntheticas de Zoologia brasilica*, obra do eminente zoologo Dr. Alipio de Miranda Ribeiro de cuja amizade tambem tanto me desvaneço. São dous livros que sobremodo honraim a cultura brasileira e synthetizam tudo quanto mais moderno ha a cerca da sciencia de Lamarck e Darwin.

A quem a haja acompanhado patentissimo se torna, quanto o volumoso lexico figueiredeano é a seu respeito, insufficientissimo e mais que defeituoso, e quanto frequentemente inculca noções absolutamente erroneas e ás vezes monstruosamente erradas.

Acaso conferirá este resultado com o escopo collimado pelo eminente philologo em seu prefacio : « Procurei não omittir os mais recentes descobrimentos em qualquer época da actividade humana, e dando ao meu trabalho feição sensivelmente encyclopedica, obedeci ao proposito de basear em novos processos uma obra que não podendo ter tudo, tivesse ao menos alguma cousa de tudo e de novo? »

Realmente pelos exemplos que adduzi, tão numerosos, pelo menos uma parte deste programma se realizou! Demonstra o volumoso lexico a logica do methodo da sua factura e o valor da consulta ou o valor do aproveitamento das fontes consultadas!

Em summa, em vez de aproveitar as definições zoologicas mais recentes, apegou-se o Sr. Candido

de Figueiredo, ás antigas, obsoletas, condemnadas, velhas por vezes, de quasi um seculo.

Mencionando nomes salteados e raros, dentre a nomenclatura actual das ordens e familias zoologicas, revelou o eminente philologo, a deficiencia cultural generalisada que o levou a escolher estes vocabulos a esmo, ao acaso do encontro das leituras feitas e citações avistadas, aqui e acolá, quando o mais elementar criterio o obrigava a citar todos os vocabulos pertencentes a um mesmo grupo ou abster-se de mencionar egualmente todos.

Sim, porque, uma obra que reclama e com que energia! — a primazia entre os dictionarios da lingua, não póde ter tantas e tão inexplicaveis descahidas, tantas e tão injustificadas lacunas, tantas e tão deploraveis erronias.

VII

O Sr. Candido de Figueiredo e a ecologia. Inacreditavel confissão da fraqueza do douto dictionarista. A lacunosidade de seu vocabulario de physica. Omissões inacreditaveis. Pasmosas definições de aeroplano, periscopio, thermomultiplicador, etc.

Pede-me contas o Sr. Candido de Figueiredo por ter tido a audacia de lhe haver indicado como lacuna do seu dictionario, *iconotheca e ecologia*.

« Regista o termo erudito *iconotheca*, sem nos dizer quem o autorisa ou se foi elle quem o inventou; e regista *ecologia*, sem nos indicar a razão do termo ou a sua composição, o que é indispensavel para a dictionarisação dos termos scientificos!!! »

Iconotheca não o inventei; foi-me suggerida a sua apresentação pelo letreiro impresso existente, com esta palavra, tão racional, á entrada de uma secção, do archivo da Companhia Melhoramentos de S. Paulo, á rua Libero Badaró, 90, em S. Paulo. A grande empresa editora paulista possui uma collecção já preciosa de estampas brasileiras e estrangeiras de toda a especie, gravuras antigas, desenhos recentes, scenas de todo o genero e milhares de retratos.

Quanto a *ecologia*... Mas este caso precisa de demorada attenção, que é realmente precioso.

Começo por agradecer ao Sr. Candido de Figueiredo o argumento temivel que contra si proprio teve a gentileza involuntaria de me offerecer.

Será possivel que o illustre philologo venha pedir a mim, a mim, « homem bom e ingenuo, que ha um seculo, com a minha intelligencia e amor ao trabalho, poderia ser um vocabularista mais ou menos aceitavel? » venha pedir-me credenciaes para *ecologia*? Será possivel que o Sr. Candido de Figueiredo « hoje que os tempos são outros » precise de que eu lhe aponte o *pedigree* de *ecologia*? Será preciso que « eu, desconhecedor da sciencia de Bopp, Schlegel, Grimm, Muller, Whitney, que impõe ao dictionarista deveres e processos », será possivel seja eu quem deva documentar as pretensões de *ecologia* a transpor os augustos humbraes do *Diccionario* do Sr. Candido?

Santo Deus de Misericordia! Santos e santas do ceu! Dar-se-á, acaso, o facto de que o Sr. Candido de Figueiredo jamais se haja encontrado com *ecologia*? jamais lhe haja lançado os olhos em cima, jamais haja ouvido falar em *ecologia*? até o anno da graça de N. Senhor Jesus Christo de 1923? Pois então! um dictionarista do seu tomo! um sabedor da sciencia de Whitney e de Burnouf, um manipulador continuo de dictionarios scientificos, até hoje nunca ouviu falar em *ecologia*? a um amante, como elle, do vocabulario das sciencias naturaes jamais se deparou *ecologia*? Será verdadeiramente possivel que tão grande philologo venha pedir a um pobre diabo de colleccionador de lacunas, a quem trata *dente superbo*, provas do que sejam os titulos de ingresso de

ecologia ao *sancta sanctorum* do *Novo Diccionario da lingua portugueza* ?

Não, não é possivel! Não se trata aqui de um caso de cochilo homérico, de vulgar *quando-que bonus*. Ao omitir *ecologia* estava o Sr. Candido, certamente, sob a acção de uma ligeira crise amnesica, essa mesma crise que o levou ao esquecimento de *anaphyllaxia*, palavra aliás de hontem, contemporanea da primeira edição do seu diccionario, hoje em vespuras de quarta, a de 1896.

Mas vamos á substancia do caso, que é o importante. Pede-me o Sr. Candido de Figueiredo severas contas do atrevimento em lhe suggerir como lacuna do seu diccionario a palavra *ecologia* e eu lh'as vou dar, creio que cabaes.

Começo recorrendo á grande autoridade, á formidavel autoridade do grande philologo de quem o Sr. Candido se proclama discipulo, o illustre William Dwight Whitney, sob cuja direcção se edificou um dos maiores monumentos encyclopedicos de todos os tempos : *The Century Dictionary and Cyclopedia*, geralmente chamado Diccionario de Whitney.

Na edição de 1909, 1909! 1909! veja-se bem : 1909!!! ahi procuro *Ecology* e o grande philologo americano me manda ver : *Æcology* que assim define depois de lher dar a etymologia hellenica : « In biol : the science of animal and vegetable economy; the study of the phenomena of the life-history of organisms in their individual and reciprocal relations; the doctrine of the laws of animal and vegetable activities, as manifested in their modes of life. Thus, parasitism, socialism, and nest building are prominent in the scope of œcology. »

E o diccionarista ajunta á palavra, tão magistral-

mente explicada, o seu adjectivo *æcological*; *of or pertaining to æcology*. E assim é Whitney quem responde ao Sr. Candido e não o infimo catador de bra-sileirismos.

Passemos agora a outra encyclopedia de alto renome : o *Nouveau Larouse illustré*, redigida pelo illustre philologo contemporaneo Claudio Augé. Creio que o Sr. Candido de Figueiredo lhe acatará a auctoridade. No exemplar que desde 1907 possuo, leio : *Æcologie* (du gr. *oikos* maison et *logos* discours, science) n. f. Science des rapports des organismes avec le monde extérieur ambiant, avec des conditions organiques (biologiques) ou inorganiques (cosmiques) de l'existence. »

Dá a propria definição do inventor do neologismo, Haeckel.

Consulto depois a soberba, a soberbissima *Encyclopedia universal ilustrada europeo-americana*, dos editores Hijos de J. Espasa, a encyclopedia de Espasa, como é geralmente chamada.

« *Ecologia* (etim-del. gr. *oikos*, casa y *logos*, tratados) f. Hist. nat. Se denomina asi, modernamente la parte de la biologia que estudia el modo de vivir de los animales y de las plantas y sus relaciones con los seres que los rodean; pertenecen pues à la ecologia el estudio de la alimentacion, la habitacion, la distribucion geografica, la influencia del clima y del ambiente, los fenomenos de parasitismo, simbiosis y comensalismo, el cuidado de las crias, la vida en sociedad, etc. »

Passo a consultar o lexico monumental, dictionario padrão da lingua ingleza, o « Webster ». Têm geralmente os edidores de dictionarios a esperteza de não querer fixar a data da publicação de suas edi-

ções. Sabem de sobra que, se ha obra que não deva, não possa envelhecer, essa é o dictionario, sobretudo o encyclopedico. « Engordar, senhoras! é envelhecer » diz um annuncio celebre de thyroidina. « Confessar a idade é decahir! » dizem de si para si os dictionaristas. A este *planosinho* não fugiram os editores do Sr. Candido de Figueiredo. A' folha de rosto do *Novo Dictionario* nenhum millesimo compromettedor se assignala.

Mas não tem os do « Webster » este receio, pois sabem que as suas tiragens vão umas atraz das outras, rapidamente. Feitos estes pequenos reparos, notemos o que diz o formidavel lexico :

Renuncia á forma erudita *œcology* em troca da simplificada e hoje corrente *ecology*, de que dá uma definição, para o nosso caso preciosa, pois põe em relevo a grande importancia deste termo acerca de cuja existencia o Sr. Candido de Figueiredo se mostra tão admirado : e ainda nos relata e abona a presença, no vocabulario inglez, de nada menos de quatro derivados do neologismo (quando Whitney e Larousse só trazem um) : *ecologic, ecological, ecologically, ecologist!*

Contras estas autoridades se insurgirá o Sr. Candido de Figueiredo?

Provavelmente!

Assim define Webster :

« *Ecology*, n. Also *œcology* (gr. oikos, house logy) *Biol.* The branch of biology which deals with the mutual relations between organisms and their environment, bionomics. This term is now more widely used in botany than in zoology and includes : *physiological ecology* which deals with the study of the reaction to environment; *physiographic ecology* which

deals with edaphic plant societies; and *geographic ecology* or *ecological phytogeography* which has to do with the leading plant formations from the climatic aspect. »

Quer ainda o Sr. Candido de Figueiredo mais passaportes para conceder a *ecologia* a insigne honra de surgir nas paginas do *Novo Diccionario* ?

Fica por Webster sabendo que o termo tomou enorme importancia que se refere a departamentos diversos. E como prova de quanto tem avultado no conjuncto das sciencias naturaes ainda lhe repito o argumento de que Whitney em 1909 lhe conhecia um unico derivado *ecological*. Webster em 1920 lhe apontava nada menos de quatro citados (cf. pag. 697) *ecologic*, *ecological*, *ecologically*, *ecologist*.

Nos nossos bellos e barbaros Brasis tem a palavra tido a maior divulgação. *Ecologia*, *ecologo*, *ecologico*, *ecologicamente*, a cada passo saltam ao bico da penna dos nossos scientists. A' porfia os empregam os nossos mais abalisados naturalistas Alipio de Miranda Ribeiro, Mello Leitão, Neiva e quantos e quantos mais? Se ainda não se acha o Sr. Candido de Figueiredo satisfeito, indague de Lauro Travassos, Adolpho Lutz, Afranio do Amaral, Beaurepaire Aragão, Almeida Cunha, Costa Lima, Carlos Moreira, A. Ducke, H. Luederwaldt, A. Hempel, Roquette Pinto, R. Gliesch, Alvaro da Silveira, Olympio da Fonseca, Cesar Diogo, Bourguy Snethlage, May, Pirajá da Silva, Alberto Sampaio, J. Melzer, Borgmeier, Campos Porto, G. Kuhlmann, Gomes de Faria. José B. Arantes, Aristides M. da Cunha, d'Utra e Silva e quantos e quantos mais da magnifica pleiade de zoologos e botanicos que tanto brilho dão actualmente aos estudos das sciencias naturaes

no Brasil, indague o Sr. Candido de Figueiredo, de qualquer delles, se *ecologia* e seus derivados são palavras ignotas, que ainda precisam de credenciaes! E ainda : se foi por mim inventada!!??

A tal ponto chega a prodigiosa vaidade do Sr. Candido de Figueiredo que lhe havendo eu citado *ecologia* como lacuna de seu dictionario, por suggestão que aliás recebi do meu presado e joven primo e illustrado amigo, Dr. Edgard Teixeira Leite — lhe havendo eu apontado *ecologia* como omissão do *Novo Dictionario* e como neologismo creado por Haeckel, em vez de tirar o caso a limpo, commigo investi irritado a clamar « o Sr. Taunay regista *ecologia* sem nos indicar a razão do termo ou a sua composição, o que é indispensavel para a dictionarisação dos termos scientificos ».

Entretanto escrevi « Ecologia — sciencia que estuda as relações mutuas de todos os organismos vivendo num mesmo meio e sua adaptação ao meio que os cerca ».

Não ha ahi então a « razão do termo »? Quanto á sua etymologia não querendo infringir o *ne sutor*, deixei de a dar. Que me custaria porém enfeitár-me com a sciencia de Whitney e dos demais encyclopedistas?

Seja como for, o Sr. Candido de Figueiredo impugnou a minha proposta de se conceder entrada a *ecologia* na paginas do *Novo Dictionario*.

Pois bem, se não se dá por satisfeito com as indicações de procedencia ultramarina ainda lhe avento a hypothese de recorrer aos naturalistas portuguezes, que os ha tão numerosos quanto dignos do maior acatamento.

Aposto que não existirá um unico ignorante do que sejam *ecologia* e seus derivados...

Em vez de arremeter contra mim, quanto não teria lucrado o Sr. Candido em consultar a qualquer naturalista seu compatriota.

E nem precisaria fazel-o. Bastava que consultasse um dictionario scientifico portuguez de largo prestigio e avultado tomo : *Encyclopedia Portugueza Illustrada* que sob a direcção do Dr. Maximiliano de Lemos se publicou em principio do seculo. E' a unica neste genero em lingua portugueza ao que saibamos. Contra ella move o Sr. C. de F. a continua conspiração do silencio. Nem a menciona na sua extensa resenha de escriptos e obras consultadas.

Se no entanto houvesse o douto dictionarista recorrido a esta *Encyclopedia* de que tão pouco faz teria recebido a mais proveitosa licção :

« *Æcologia* (de *oikos*, casa, e *logos*, discurso, sciencia), sciencia das relações do organismo com o mundo exterior circundante com as condições organicas (biologicas) ou inorganicas (cosmicas) da existencia (*Haeckel*). E depois menciona a *Encyclopedia* de Lemos o adjectivo *æcologico*. Veja o que perdeu o Sr. Candido com o seu orgulho!

Mas... *Quos vanitas vult perdere...*

Resultado : confessou o Sr. Candido de Figueiredo, em publico e raso, que em 1923 não sabia da existencia de *ecologia* e seus derivados! Confessou portanto que os seus mentores em materia de biologia estão atrasados de pelo menos um terço de seculo, senão mais... estão nas mesmas condições de seus mentores de chimica, gente equivalentista.

E ainda se fossem dos bons equivalentistas!... Porque se taes consultores não proviessem de eras « priscas », em suas paginas se depararia ao Sr. Candido de Figueiredo' e mais de uma vez, muitas e

muitas vezes, *ecologia* pelo menos, se não o substantivo e seus derivados.

Fez a palavra enorme e rapidissima carreira, tal qual succedeu nos ultimos annos a um neologismo proposto por Ch. Richet — *anaphylaxia* (outro termo celebre), que ainda não soou aos ouvidos do Sr. Candido de Figueiredo, ao que parecê, pois pelo menos não apparece nas paginas da edição do *Novo Dicionario*, a de 1923, lembremol-o de passagem.

Admittir que o Sr. Candido não saiba quem haja sido Haeckel-Ernesto Henrique Haeckel, é coisa que se não póde conceber. Pois nem assim, nem apadriñhada por tão famoso patrono, mereceu a pobre *ecologia* as honras do sesamo? Porque? Só porque *odio in autore ductus* nella viu o Sr. Candido de Figueiredo que lhe era suggerida pelo João Fernandes, catador de alguns milhares de lacunas geralmente brasileiras do seu dicionario « irreprehensivel ».

Porque geralmente é o Sr. C. de F. muito pouco exigente quanto á documentação com que legalisa a aceitação de palavras scientificas por elle recolhidas como lacunares.

Um exemplosinho — e soberbo! — basta para deixar o caso perfeitamente explanado. Vejamos só :

Hertziano (*N. D.*, t. I, pag. 1002 da 3ª edição, columna 1, palavra 15ª). *Hertziano*, *adj.* Diz-se de uma *variedade de telegrapho* (sic, sic, sic!), cf. *Jornal do Commercio* do Rio de 13 jun. 1901 (sic, sic, sic!).

É com a autoridade scientifica de uma noticia da gazetilha do *Jornal do Commercio* que o Sr. Candido de Figueiredo cobre *hertziano* ! autorisa a sua inclusão no *Novo Dicionario* !

Hertziano, *variedade de telegrapho* ! E só isto ! Mas se o *Jornal do Commercio* já o disse ! É a repe-

tição do caso da *Technologia rural* abonadora da chimica. Que pena não haja surgido pelas columnas do *Correio de Freixo de Espada a Cinta* esta malsinada palavra a *ecologia*! A ella se atiraria o Sr. Candido de Figueiredo como gato a bofes! E haveria de tela como perfeitamente legalisada com todos os passaportes.

Não! não é possível que pesquisando ardorosamente nos livros de sciencia, para, como tanto se gaba, nelles descobrir termos ainda não dictionariados, não se haja o Sr. Candido de Figueiredo avisado com *ecologia* e seus derivados! Só se jamais quiz estender o campo de sua procura aos livros publicados de 1900 para cá e se entende que, ha um quarto de seculo, as sciencias naturaes estacionaram.

D'ahi a sua lacuna, mais que deploravel, inqualificavel, para um lexico cujo autor vive a lhe proclamar a primazia dentre os demais dictionarios da lingua portugueza.

E assim se demonstra que o vocabulario das sciencias naturaes, no *Novo Dictionario*, corre parelhas com o da chimica.

Uma outra hypothese se nos apresenta ao espirito porém, inspirada pelo muito respeito que professamos por um dictionarista do tomo do illustre philologo.

Se para *ecologia* conceder o *placet*, o *dignus est entrare* no gazophyllacio do seu *Novo Dictionario* vem o Sr. Candido de Figueiredo exigir-me credenciaes, a mim, pobre e humilde colleccionador de bra-sileirismos, sem pretensões algumas a philologo, é que no momento estava passando por forte crise amnesica.

Esta lhe varreu da memoria, a palavra *ecologia* muito e muito sua conhecida, certamente.

Infelizmente foi esta crise profunda, prolongada e extensissima, pois igualmente lhe roubou da retentiva numerosissimos termos, hoje corriqueiros, existentes os mais delles em livros gymnasiaes.

Foi ella que lhe pregou a peça de lhe tornarem esquecidas : *auto-inductor*, *auto-indução*, *anti-cathodo*, *astatisação*, *aero-thermometro*, *adiabatico*, *auto-excitação*, *auto-excitador*, *aperiodico*, *amperagem*, *bi-refracção*, *biaxial*, *canaes (raios)*, *calor de fusão*, *calor de vaporisação*, *calor especifico*, *conductancia*, *convecção*, *convectivo*, *curie*, *coheror*, *contra-pressão*, *carcel*, *chrono-photographia*, *capacitancia*, *detector*, *diphastico*, *desactivação*, *dilatometro*, *espectrographo*, *erg*, *espectrographia*, *espectro-photometro*, *entropia*, *epidiascopo*, *equivalente (mecanico do calor)*, *emanação (do radio)*, *equipotencial*, *extracorrente*, *espinthariscopio*, *electrodynamometro*, *frequencia*, *frequencimetro*, *gaz perfeito*, *gauss*, *hysteresis*, *henry*, *hygrographo*, *hyposcopio*, *inclinatoria*, *infravermelho*, *impedancia*, *inversor*, *joule*, *kilowatt*, *kerzen*, *lux*, *lumen*, *linha de força*, *multipolar*, *monophasico*, *microfarad*, *micro-telephone*, *nicol*, *ondometro*, *oscillador*, *osmometro*, *polyzonal*, *potencimetro*, *phototelegraphia*, *phot*, *ruptor*, *syntonisar*, *syntono*, *syntonisação*, *self-inducção*, *self-inductor*, *violle*, *turbo-alternador*, *turbo-dynamo*, *thermo-elemento*, *thermochrose*, *tonometria*, *telemecanica*, *televisão*, *teledynamica*, *ultra-violeta*, *watt*, *watt-horometro*, *wattagem*, *wattometro*, *aberrascopio*, *d'arsonvalisação*, *declinometro*, *dichromasia*, *diplex*, *dynametro*, *ebullioscopia*, *electro-coagulação*, *electro-capillaridade*, *electrocutor*, *eutexia*, *eutectico*, *focometro*, *hodographo invar*, *tonometria*.

Num abrir e fechar de olhos, percorrendo rapidamente as paginas de um compendio de gymnasio,

como o *Tratado elementar de physica* de Branly e evocando-me as suas indicações, por analogia de situações, outras palavras, num pequeno lapso de tempo, occorreram-me a esmo mais de cem lacunas do *Novo Diccionario*, nascidas da crise amnesica do seu illustre autor.

Não ha duvida que destas omissões nem todas têm a mesma importancia.

Já que tanto porém se desvanece o Sr. Candido de Figueiredo de haver dado ao seu *Novo Diccionario* abundantissima e modernissima nomenclatura tecnologica e scientifica e disto tanto alarde faz, immenso alarde faz — « procurei não omittir os mais recentes descobrimentos em qualquer esphera da actividade humana » (cf. pag. xi) — já que se gaba de estar ao par do avanço geral das sciencias, como explicar que nesse anno de graça de 1923 brilhem pela ausencia nas paginas do *Novo Diccionario*, além de *ecologia*, palavras que estão aos labios dos meninos preparatorianos de physica, como *watt* e *kilowatt*, *erg*, *joule* e *amperagem*, *nicol* e *self-inducção*, *monophasico* e *diphasico*, *emanação*, *extra-corrente*, *inclinatoria*, *ultra-violeta*, etc., etc., etc. Se até *calor especifico* não inculca o *Novo Diccionario* o que venha significar!?

Será porém o proprio Sr. Candido quem nos dará a definição exacta daquillo que elle entende ser o ultra-moderno no sentido do inventariamento dos diversos departamentos do saber humano.

« Procurou não omittir os mais recentes descobrimentos em qualquer esphera da actividade humana » e obedecendo a este criterio assim em 1923 (1-9-2-3), definiu *cathodo* : « Diz-se do raio invisivel (sic) que penetra os corpos opacos e que determinou o re-

cente (sic!) processo photographico de Roentgen!! »

Quanto revelação traz esta preciosa definição! Confusão absoluta entre os raios cathodicos e a placa de que se desprendem no tubo de Crookes, o cathodo; confusão tremenda entre os raios cathodicos de Crookes e os raios X de Röntgen; demonstração mais do que evidente de que a definição do Sr. Candido vem de 1896, quando começaram os raios X a fazer barulho no mundo, e sobretudo de que s. s. a tal respeito ouviu cantar o gallo... De modo que a radiographia de 1923 é a mesma de 1896. Não progrediu um passo?!

O « processo photographico » de Roentgen é o « recente » para o Sr. Candido (1896)! — em que o raio invisivel cathodo penetra os corpos opacos!

É bom lembrar-ainda que em geral a physica do Sr. Candido « não vae lá muito das pernas » como diz a engraçada expressão de nossa giria brasileira contemporanea.

Alguns exemplosinhos edificantes.

Na definição de kilogrammetro, por exemplo, ha uma excrescencia relativa ao tempo que corre por conta do dicionarista mas que os physicos repellem. « *Periscopio*, affirma o Sr. Candido. O mesmo que *kaleidoscopio*. » Que tal? que tal? Eis uma cousa que deve ser levada ao conhecimento dos commandantes dos submarinos! Vemos estes intrepididos navegadores armados de *kaleidoscopios*! desses que os bazares de brinquedos vendem, a observar a superficie das aguas!

Delicioso « engano » ! *Kaleidoscopio synonymo de periscopio*!

Thermomultiplicador affiança o Sr. Candido é um « maquinismo thermometrico muito sensivel ».

Manes de Mellon! « maquinista thermometricol »
Tambem protesto contra o seguinte :

Thermographo, maclinismo que regista as temperaturas!! Que tal?

Dentre os numerosos vocabulos começados por thermo e que o *Novo Diccionario* averba, muitos ha pessimamente definidos como *thermocauterio* em que o dicionarista confunde o aparelho com o processo *thermogeneo* em que um caso especial é generalizado, *thermomometro*, etc. A physica do Snr. Candido corre parelhas com a sua chimica.

Mas basta e basta! esta já vae longa demais.

Uma ultimasinha porém para deixar bem patente mais uma vez que o Sr. Candido de Figueiredo, como tanto se jacta « procurou não omittir os mais recentes descobrimentos em qualquer esphera da actividade humana ».

Foi o que o levou « magistralmente « definir aeroplano.

Esta porém é tão curiosa! é tão espantosa que nos obriga a abrir novo e largo parenthesis.

Na segunda edição do *Novo Diccionario* lê-se a seguinte maravilha. « Aeroplano : aparelho aerostatico, movido a vapor e sustentado sobre planos ou laminas postas em acção por um motor da força de um cavallo. Inventado recentemente em 1896 por Langley!! » (sic, sic, sic!). *Stupete, gentes!*

Commentando esta estupafaciante definição expremiu-se o Dr. Araujo, de Botucatu, em artigo da *Folha da Noite*, de S. Paulo, em principios de abril de 1924, e epigraphado *No Mundo dos doutos*: « Lamentavel é o fracasso do Sr. Candido de Figueiredo quando pontifica que « aeroplano » é um aparelho aerostatico, movido a vapor e sustentado sobre pla

nos ou laminas postos em acção por um motor de força de um cavallo. Inventado recentemente, em 1896, por Langley ». E' o caso : — Prrr... péga! péga! apita... ladrão! Definição de figurinha de carteira de cigarro ou photographia ordinaria... O Sr. Candido de Figueiredo viu de outrora, muito alto o aeroplano... E isso na terra dos valentes e destemidos sulcadores dos ares atlanticos, Sacadura Cabral e Gago Coutinho.

Commentada essa definição, á altura do seu dislate, daria um volume de folego em pandegas e gargalhadas! E' bôa! E aposto que essa definição é de origem futurista! Não ha outra entrada para tão ampla sahida... Futurismo de laminas sustentadas sobre planos a cavallo, como quem faz calculos dos caminhos a transpor para a luz da lua « que illumina a terra de noite », com a força de um motor, sem tropicar nem cair.

Não é possível não haja alguém avisado o Sr. C. de F. da sua bacellarice a proposito de aeroplano.

Mas pretender que dê o braço a torcer é sobrehumana empreza. Era porém a coisa de tal ordem que entendeu mais prudente « dar-lhe um geitinho ». Pensou bem no caso e achou-lhe solução excellente, irretorquível... là no seu entender.

Assim lemos esta belleza na edição de 1923 :

Aeroplano (a-e), m. Apparelho aerostatico (*sic!!*) movido a vapor, e formado de planos ou de laminas e de um motor. (Foi inventado, recentemente, em 1896, por Langley.)

Está tudo sanado com a modificação do numero de cavallos vapor do motor; este deixou tambem de ser o propulsor dos taes planos, ou laminas, da definição velha para lhes ser sómente o associado. Mas Lan-

gley, este ficou intangível, cada vez até mais recente de 1912 a 1923.

Toda esta cambada, esta legião de Santos Dumont, Chanutte, Wilbur e Orville Wright e quejandos inventoresinhos, tudo isto foi annullado, de uma penada dogmatica para maior gloria de Langley e de sua recente (em 1923) invenção (de 1896!!!).

Está tudo explicado. Assim como a chimica do *Novo Diccionario* é aquella « bellezinha », a aviação do Sr. Candido de Figueiredo parou recentemente... em 1896 com a radiologia, com os aeroplanos-aerostatos, os aviões-balões movidos a vapor!

Por estas e outras, é que inderrocavelmente esteiado nessa sciencia *up-to-date*, gangento e soberbo, acabrunhando os humilimos caçadores de lacunas com o peso immenso do seu desprezo infindo veio o Sr. Candido de Figueiredo exigir-me, para poder dar ao vocabulo entrada no gazophyllacio do *Novo Diccionario da Lingua Portugueza* as credenciaes de *ecologia*.

VIII

A chimica do « Novo Diccionario ». Fontes informativas antiquissimas. Nomenclatura desueta. Fluor corpo ainda não isolado... em 1923. Fluorhydrico synonymo de fluorico. O acido hydro-fluosilicico, combinação binaria! Noções obsoletas sobre os acidos sulfurico e azotico. Sulfito o mesmo que sulfato! Acido phosphoroso o mesmo que acido phosphorico! Ozona « cheiro » Radio, substancia que se encontra no baryo. Anhydridos, corpos que se não combinam com a agua. Misoneismo inveterado.

Com grande curiosidade se recebeu no Brasil a terceira edição (1923) do *Diccionario da Lingua Portuguesa*, do Sr. Candido de Figueiredo, que, desde muitos annos, se annunciava prestes a surgir.

Representava a segunda tiragem do alentado lexico muito prestante serviço ao inventariamento dos recursos de nossa lingua. Jámais se imprimira tão rica e extensa catalogação dos vocabulos portuguezes, luso-coloniaes e brasileiros.

Havia, comtudo, muitas e graves falhas nesse tentamen digno de applausos, certamente; assim por exemplo nelle se notavam deficiencia consideravel

da colheita dos brasileirismos, impropriedade dos significados de numerosos vocabulos nossos, notavel lacunosidade das diversas technologies scientificas, obsoleitismo frequente das definições scientificas, e presença frequente de definições viciosas.

Foram muitos destes defeitos apontados ao Sr. C. de F. por diversos reparadores de Portugal e do Brasil. Assim se esperava que a terceira edição do *Novo Diccionario* viesse escoimada de muitos dos seus vicios e lacunas.

Infelizmente tal não se deu. Persistiu o Sr. C. de F. em manter a quasi totalidade dos defeitos e vicios da sua segunda tiragem.

Examinando as diversas faces da nova edição já, entre nós, varios reparadores autorisados apontaram as graves emendas que o seu texto está reclamando. Assim por exemplo, ainda e ultimamente, ao que sabemos, em São Paulo, os Srs. Dr. Edmundo Navarro de Andrade, a proposito da botanica e da sylvicultura do *Novo Diccionario* e o Sr. Rodolpho von Ihering, acerca da sua nomenclatura zoologica, vulgar, da fauna brasileira.

Em artigos incisivos da *Revista do Brasil*, que tiveram enorme divulgação, apontou o Dr. Navarro deslises numerosos, erros serios e até verdadeiros disparates colhidos entre as definições do *Novo Diccionario*. Tambem nos inculcou o Sr. Ihering uma boa vintena senão mais, de lapsos de igual teor, alguns dos quaes verdadeiramente estupefacientes.

Como causa principal de taes successos aponta o Dr. Navarro a teimosia vaidosa do illustre philologo em pretender arvorar-se em encyclopedista, capaz de definir sem o alheio concurso todo o vocabulario

das mil e uma subdivisões do moderno saber. Dahi uma serie de resultados deploraveis.

Seja-nos agora dado como mero e modesto estudioso examinar algumas tantas definições da chimica do *Novo Diccionario*, em sua terceira edição.

O que do mais perfuntorio exame resalta desse vocabulario é que para o exemplificar lançou o Sr. C. de F. mão de livros muito antigos, quasi contemporaneos de Thenard e de Berzelius em geral.

D'ahi a sua technologia equivalentista hoje desueta. Mas, como ao mesmo tempo, averba o dictionarista muitos nomes novos das recentes descobertas d'ahi decorre uma « mistura de grelos » sobremodo desconcertante. Em que pé dansaremos? é o caso de se repetir o conhecido adagio francez. Para muitas das definições da terceira edição, das que já na primeira appareceram, mereceria tal exemplificação o qualificativo affonsino se esdruxulo não fosse applicar o adjectivo medieval, já contemporaneo de Ourique, a uma sciencia nascida na segunda metade do seculo XVIII.

Não fora isto e seria o caso de se dizer que taes significados, eram « do tempo dos affonsinhos », quando nem ainda se falava nos *figados de enxofre* nas *caparosas* e quejandos termos da nomenclatura dos alchimicos, já mais proximos de nós.

Ha uma indicação preciosa da data das mais recentes obras de consulta chimica corrente do Sr. C. de F. E' a que se encontra na palavra *fluor*, assim definida pelo illustre philologo : « corpo simples, ainda não insulado ». Ora quer isto dizer simplesmente que a chimica do Sr. C. está atrazada de quasi quarenta annos! Sim, porque desde 1886, realisando o illustre Moissan a *electrolyse* do acido fluorhydrico

conseguiu isolar o mysterioso e terrivel « phtoro » causador da morte se não me engano de um dos seus tenazes e infelizes perseguidores, os irmãos Knox (cf. Jungfleisch, *Manipulações de chimica*, p. 439).

Assim em 1923, no anno da graça de Nosso Senhor Jesus Christo, de mil novecentos e vinte e tres, persiste o Sr. Candido de Figueiredo em contestar a grande, a maxima gloria, do illustre sabio que foi Henrique Moissan, a denegar-lhe que o *fluor* já tenha sido isolado! De que serviu pois ao glorioso sabio dos fornos electricos, das pedras preciosas artificiaes, triumphar, numa serie de experiencias notabilissimas, das difficuldades terriveis em que predecessores illustres do porte de quem? de Linneu! de Davy! de Fremy! haviam sido desastrados?

Decretou o Sr. C. de F. que o fluor « ainda não foi insulado » *Candidus locutus est...* Não dicutamos pois : o fluor está pedindo o seu insulador, pela voz do Sr. Candido de Figueiredo.

E já que estamos em *fluor*, vejamos o que vae pela vizinhança do vencido de Moissan. (Que carrancismo o nosso! persistirmos em duvidar das affirmações do Sr. Candido de Figueiredo!)

« *Fluorhydrico ou fluoridrico*, affirma o Sr. Candido de Figueiredo, diz-se de um acido formado pela combinação do hydrogenio com uma base! » Ora, sendo a constituição do acido fluorhydrico FIH segue-se que o *fluor* é uma base! Não ha como fugir a esta interpretação.

E além de tudo se o Sr. Candido affirma que o *fluor* ainda não foi insulado como sabe que é uma base? E onde fica a noção moderna de base chimica? derrocada nos seus caracteristicos essenciaes? Então,

neste caso, por analogia, do acido chlorhydrico se poderá dizer que é formado pela combinação do hydrogenio com uma base! » Então base e metalloide são synonymos?

Fluorico, continua o Sr. Candido, é o mesmo que *fluorhydrico*. Isto se diria « em tempo do Onça » quando reinava a maior imprecisão nas regras da nomenclatura chimica. Então neste caso *chlorhydrico* e *chlorico*; *bromhydrico* e *bromico*, etc., seriam a mesma cousa, quando todos sabem que o primeiro termo, em *hydricò*, se refere a uma combinação binaria, não oxygenada, e o segundo a uma ternaria oxygenada. Muito mais esdruxulo é o que o Sr. Candido de Figueiredo affirma de *fluosilicico*. « Diz-se de um acido resultante da combinação do silicio e do fluor. » Esta definição quadraria ao Fl^4Si fluoreto de silicio, se o Snr. Candido não a houvesse invalidado dizendo que se trata de um acido. Ninguem a attribuirá entretanto ao acido fluosilicico, ou hydrofluosilicico, que é um ternario Fl^6SiH^2 . E depois se a uma combinação binaria de fluor e silicio attribue o illustre philologo a acidez, onde fica a noção essencial da hydrogenação dos acidos?

E' simplesmente *curioso* este « lapso »...

Vejamos agora o que o Sr. Candido de Figueiredo affirma de dous dos mais conhecidos acidos da chimica mineral e da industria universal, o azotico e o sulfurico, conhecidos de gregos e troyanos, quer sob as designações scientificas, quer sob os nomes vulgares de agua-forte e vitriolo.

« Azotico, pormenorisa o Sr. C. de F., diz-se do acido que é uma combinação do azoto com o oxygenio. » Esta noção é velha como a Sé de Braga e o leitor moderno a repelle como inspirada no equiva-

lentismo já moribundo, ha quarenta annos atraz. Tomou-a o Sr. C. de F. do Diccionario de Larousse, da letra A, do *Dictionnaire Universel du XIX^e siècle*, que data das vizinhanças de 1865. « Azotico, avança o Larousse, se diz do acido que é o quinto grau da oxydação do azoto, $AzO^5 HO$. » Não querendo perder espaço supprimiu o Sr. Candido a referencia a esse « quinto grau » que hoje nos parece pittoresco. Ao velho Larousse contrapomos o novo Larousse : o *Nouveau Larousse Illustré*, que, por misoneismo, desdenhou o Sr. C. de F. consultar. « Azotico affirma o *Nouveau Larousse* » diz se de um anhydrido formado pela oxydação do azoto (Az^2O^5) e tambem de um acido resultante da hydratação deste anhydrido (AzO^3H). Perfeito! perfeitissimo! dirá qualquer leitor moderno.

Vá porém algum estudantesinho de humanidades guiar-se pela definição do Sr. C. de F. e ficará attonito. Como? se um dicionarista de tal tomo garante que se trata de uma combinação binaria, de oxygenio e azoto, como se ha de justificar a formula AzO^3H do acido azotico?

Assim se applicarão hoje os dizeres do Sr. C. de F. á definição dos numerosos oxydos do azoto e nunca ao acido azotico.

Do acido sulfurico avança o nosso illustre philologo : « Diz se do acido que resulta da combinação do enxofre com o oxygenio ». Já o velho Larousse, seu provavel mentor, na letra S, do seu grande diccionario, anterior a 1880, escrevia cousa mais aceitaavel : « Diz se de um dos acidos do enxofre ». Isto « ainda vae », embora seja sobremodo indeterminado pois ha numerosos « acidos do enxofre ». Só os da serie thionica... Mas emfim ainda vae... Mas o *Nou-*

veau Larousse Illustré este está absolutamente *all right* quando define : « Diz se de um anhydrido formado pela oxydação do enxofre (SO^3) e tambem de um acido resultante da hydratação deste anhydrido » (SO^4H^2).

Serviria a definição do Sr. C. de F. para qualquer dos anhydridos sulfurico e sulfuroso SO^3 e SO^2 . Assim, gerando real confusão, distinctos como são estes dous oxydos do enxofre, deve ser repudiada. Será tambem necessario proceder do mesmo modo quanto ao significado que o dicionarista dá de « sulfuroso » — acido que resulta da combustão do enxofre. Segundo os conhecimentos modernos é o anhydrido SO^2 , que nasce da combustão do enxofre e não o acido SO^3H^2 , gerador dos sulfitos e até hoje não isolado, a não ser no estado de dissolução n'agua.

Já que estamos a percorrer o capitulo dos compostos sulfurosos apontemos uma de mestre! « Sulfito, affirma o Sr. C. de F., é o sal resultante da combinação do acido sulfurico (sic! sic!) com uma base!! Exactamente o que algumas linhas acima diz de *sulfato*! De modo que *sulfito* e *sulfato* são uma e mesmissima cousa! Assim pois temos $\text{SO}^3\text{Na}^2 = \text{SO}^4\text{Na}^2$ e $\text{SO}^3\text{K}^2 = \text{SO}^4\text{K}^2$!! Misericordia! Mas tudo está sanado com a explicação doutissima do dicionarista. (Do latim *sulfur*...) »

Em todo o caso caridosamente ousou aconselhar aos consulentes do douto philologo que quando estiverem precisados de « refrescar o sangue » não tomem uma dose de sulfito de sodio em vez de sulfato.

Pois se são uma e mesma cousa!

Que o façam e verão se neste caso as mesmas causas darão os mesmos effeitos e se o sulfito lhes

trará os resultados do « sal admiravel » de Glauber.

As mesmas informações, antiquadas e desuetas, inspiraram ao Sr. C. de F a definição do acido phosphorico. Para o leitor moderno ella quadra ao anhydrido phosphorico. Mas o que ninguem pode admittir é um absurdo deste jaez : « Phosphoroso; diz se do acido tambem chamado phosphorico! » O acido phosphorico é PO^4H e o phosphoroso PO^3H^4 . Assim pois $PO^4H^3 = PO^3H$ e com esta equaçãozinha, irresistivel como um projectil de 420, derriba o nosso douto philologo o grande principio lavoisieriano, alicerce do edificio da chimica moderna, além de dar um golpe mortal na regra fundamental de nomenclatura a respeito dos compostos diversamente oxygenados. Já é ter autoridade! Entretanto, em 1882, escrevia Caldas Aulette, ás vezes, definições mais acertadas do que as da modernissima edição do *Novo Dicionario*, obra a que o *Diccionario Contemporaneo* procedeu de 41 annos!

« Sulfuroso — gaz acido que se obtem pela combustão do enxofre. » Tambem é correcto o que diz o mesmo Caldas de *sulfito* e *sulfato*, fugindo á tremenda cincada em que cahiu o seu illustre confrade.

Para os leitores modernos são muitas as suas definições, comtudo, rejeitaveis. Quadravam bem para o tempo em que surgiu o seu excellento diccionario, cheio de preciosos predicados e digno do enorme apreço em que é tido. Pena seja tão lacunoso.

Além destas definições anachronicas averba o Sr. C. de F. umas tantas outras que se mostram mais alguma cousa do que obsoletas, merecendo portanto absoluta repulsa. Assim por exemplo o que de « ozona » nos conta, ou « ozone » como lhe chama : « cheiro (cheiro, note-se bem) que se desenvolve sob

a influencia das descargas electricas e que é devido ao estado particular que as descargas produzem no oxygenio ».

Confunde o illustre philologo causas e efeitos. Assim, para elle, *ozone* é apenas uma das propriedades organolepticas do oxygenio, submettido á influencia das descargas electricas...

A esta opinião, opponhamos a de um João Fernandes fuaou Jungfleisch, o nullissimo collaborador constante de outra nullidade maior, se é possível assim dizer, personagem que respondia aos nomes ignotos de Marcellino Berthelot. — « Ozona — polymerisação do oxygenio, provocada por diversas influencias, como as das scintillas electricas, da oxydação do phosphoro ao ar humido e sobretudo da descarga obscura ou effluvio electrico ».

Assim se atreve o alludido João-ninguem a afirmar que ozona é uma condensação do oxygenio e não apenas « um cheiro ».

Poderia a definição do Sr. C. de F. servir, talvez lá pelos annos de 1840, quando Schoenbein chamou a attenção dos chimicos para o cheiro de maresia do « oxygenio electrizado » a que elle appellidou ozona. Já porém estaria deslocada a definição do Sr. C. de F., alguns annos mais tarde, quando Becquerel e Fremy demonstraram que a ozona é um polymero do oxygenio (O^3), uma modificação allotropica do oxygenio. E' o que nos ensina outro ignorante : o Sr. L. Troost, do Instituto de França, nos seus popularissimos *Elementos de Chimica*. Mais scientifica é a definição de Caldas Aulete em 1882 do que a do Sr. C. de F., quarenta e um annos mais tarde, « ozone-oxygenio electrizado ». Vale isto mais do que o tal « cheiro » que tanto impressionou o illustre

philologo e á ozona como que dá ares de tempero de cozinha.

A's vezes exemplifica o Sr. C. de F. as suas definições com umas formulas. Mas nem sempre é feliz. Assim falando da *Lana philosophica* dos alchimicos, escreve : « antigo nome do oxydo de zinco, da formula ZO » (sic!). Queremos crer que ahi haja um erro de imprensa; ZO por ZnO pois tambem, aos ceus bradaria semelhante « lapso ». Seria um nunca acabar registrarmos as definições obsoletas da chimica do *Novo Diccionario* entremeiadas de impropriedades e erros palmares, do theor de alguns dos que nesta rapida resenha apontámos.

Ha no muito prestante vocabulario do Sr. C. de F. tanta cousa esdruxula, deficiente e errada em materia de chimica que o reparador se encontra abarbadado com o embaraço da escolha da materia para as suas observações. Assim vejamos ainda a definição de *radio*, « substancia descoberta em 1899, que se contem no baryo »! Em vez de dizer « na *pechblenda*, em companhia do baryo » affirmou o Sr. C. de F. que o radio se contem no baryo! E o menos que se lhe pode arguir é ter ouvido cantar o gallo...

Esdruxulas são as definições de ammoniaco, de cal, etc., etc. Contrarias ás idéas modernas as de potassa, soda, baryta, magnesia, etc., que o Sr. C. de F. com a gente do tempo do Onça intitula oxydos e os autores de hoje com o progresso da sciencia hydratos basicos.

Mas e o que o Sr. C. de F. diz de anhydrido...? « Termo generico que designa aos acidos anhydros, isto é, os que se não combinam com a agua?! »

De modo que os anhydridos phosphorico e sulfurico, por exemplo, são inertes em presença da agua?

Que bello quinau no palerma do Sr. Jungfleisch que (*Manipulations de Chimie*, 443) do anhydrido phosphorico, affirma : « Composto extremamente avido de agua! » Que lindo quinau ainda no pateta do Sr. L. Proost (ob. cit., 175) quando este incompetentissimo pacovio de chimico garante ser o anhydrido sulfurico tão avido de agua que « uma pequena quantidade deste liquido lançada sobre elle combina-se com incandescencia, vaporisação instantanea e explosão »!! Que atrevimento destes dous quidams, destes beocios, desmentirem asserções do *Novo Dictionario* ?

Mas basta, basta e basta!

Antes porém, ainda « queremos aventurar-nos a uma pequena e innocua prophecia.

Ha de se imprimir a quarta edição do *Novo Dictionario* e nada se corrigirá. Aferrado aos seus ripanços bolorentos abroquela-se o Sr. C. de F. num missoneismo impagavel. E virá gangento sustentando a inatacabilidade dos seus significados.

Lembra-nos esta attitude a de certa senhora, de uma das mais velhas familias paulistas, viuva rica, idosa, e, como poucas, exquisitona, cujo anecdotario é sobremodo popular em sua cidade natal, no oeste de São Paulo. Desejando partir para a Europa esteve em Santos muitos dias, a examinar as melhores accomodações dos melhores e mais luxuosos transatlanticos e a aborrecer a meio mundo com as interminaveis hesitações e os constantes pedidos de informações.

Não que fizesse questão de preços, pois gasta largamente e gosta do conforto e da boa vida.

Depois de muito matutar firmou a escolha do navio e com estupefacção souberam os povos que partira para Lisboa, num pequeno veleiro ilheu,

lugre, patacho ou cousa que valha! Era o aferramento inconsciente, instintivo e desequilibrado — á tradição, ao passado, que a levava a navegar, a atravessar o Atlantico do mesmo modo que, no sentido inverso, o haviam feito os seus ancestres martim-affonsinos, em principios do seculo XVI.

Aferra-se como vimos o Sr. C. de F ás definições equivalentarias, ás vezes. Nem sempre... antes sempre o fizesse, em vez de se abeberar a outras fontes... e que fontes!

Porque já de uma vez não recorre então á chimica do phlogistico ou á dos quatro elementos hellenicos?...

Não queremos, porém, terminar esta aranzel sem endereçar, por mero espirito de caridade, instante recommendação aos nossos preparatorianos, candidatos á approvação nos exames da physica e chimica.

— Cuidado, rapaziada! todo o cuidado com a chimica do *Novo Diccionario*. Não recorram vocês ás suas definições que é *pau* pela certa, é *bomba* na certissima! Irão todos vocês ao *pau* que será uma beleza! Não se esqueçam do brado de alarma castelhano, burlesco e pittoresco, tão popular no nosso Estado : *Cuidau Bèrnau!* Bem o conhecem, certamente. Assim pois a cada um de vocês o repito.

Lembrem-se vocês, rapaziada! da triste, da trisstissima ideia de dizerem aos seus examinadores que o *fluor* ainda não foi isolado! que fluorico e fluorhydrico são a mesma cousa! que sulfito e sulfato são a mesmissima cousa! que o acido phosphorico é o « mesminho » acido phosphoroso! que oxydo de zinco é ZO! que ozona é um cheiro! que o radio se contem no baryo! que os anhydridos não se combinam com a agua! etc., etc., etc.

Se na banca examinadora houver algum « estou-

rado » vocês além de reprovados, além de *paulificados* como dizem em sua giria estudantal — vocês ainda se arriscam a apanhar...

Assim pois rapaziada! mais uma vez *Cuidau, Bernau!*

IX

Definições insufficientes, omissões imperdoáveis. In determinação de significados. Lacunas sobre lacunas. Erros e impropriedades. Obsoletismo extraordinario das fontes de consulta. Chimica inculcada por uma « Technologia rural » etc.

Proseguindo no meu aliás muito perfunctorio exame do valor das definições chímicas da terceira edição do *Novo Diccionario* do Sr. Candido de Figueiredo, rapidamente revistemos o que nelle ha de mais saliente em relação á chimica organica.

São-lhe os significados geralmente deficientissimos se não improprios de obra de tal porte.

Começemos pelos das diversas funcções da chimica dos compostos do carbono.

Alcool, diz o Sr. C. de F., é o « liquido resultante de destillação de qualquer substancia fermentavel ». Sob o ponto de vista chimico tal definição é inexistente, « branca nuvem » e, se alcool só vem a ser o que diz o *Novo Diccionario*, então a fermentação da urina deve dar alcool em abundancia. E assim poderíamos multiplicar os exemplos desta natureza.

Sob o ponto de vista chimico, que para os alcooes

é o essencial, a definição a adoptar-se só póde ser a seguinte « principios neutros, ternarios, de carbono, oxygenio e hydrogenio, capazes de se unir directamente aos acidos e de os neutralisar, formando agua ». Depois disto se poderá dizer, em addendo, que os alcooes geralmente se obtem pela distillação, etc.

Mas naturalmente na sua quarta edição teimará o Sr. C. de F. em manter a sua « impeccavel » definição. A outra é a do do João Fernandes da Chimica : Marcellino Berthelot, homem « curioso » da sciencia Lavoisieriana. Continuando a tratar dos alcooes, diz Sr. C. de F. que o methylico é o « espirito de madeira adoptado como agente para a desnaturação dos alcooes ».

E realmente o alcool methylico, vulgarmente chamado espirito de madeira, é, por barato, empregado para tal fim.

Mas uma definição desta natureza será a sufficiente para o dictionario que se jacta da primazia na litteratura luso-brasileira? Que diria o Sr. C. de F. de algum dictionarista seu confrade, que definisse « Perú : animal que serve para os pratos de honra dos banquetes »? « Gato : animal que caça ratazanas e camondongos ».

O Sr. C. de F., que tanto gosta de se apavonar com o emprego de uma formulasinha nas suas definições, para que não escreveu que o alcool methylico corresponde a CH^4O , por exemplo? Mas... prosigamos. Do alcool ethylico nada diz o douto dictionarista o que é simplesmente inexplicavel. Exactamente do mais importante dos alcooes! Mas uma lacuna para aquella lista innumeravel das falhas do *Novo Dictionario* onde só nós descobrimos mais de doze mil omissões e o nosso illustre consocio R. P.

Carlos Teschauer, um rôr de milhares também.

Continuemos porém a nos alcoolisar... elevadamente. Que affirmará o illustre philologo do alcool propylico?

« Diz-se de um dos alcooes dos vinhos cuja formula chimica é C^3OH^8 . » Quanta deficiencia! Se ha dous alcooes propylicos! O primario $CH^3 CH^2 CH^2 OH$ e o secundario $CH^3 CH^3 CHOH$! Segundo o ukasedo Sr. C. de F. deve um desapparecer para que se não perturbem a ordem e a serenidade olympicas das definições do *Novo Diccionario*.

Prosigamos na nossa alcoolisação ascendente — *en tout bien tout honneur*... Leva-nos ella aos sympathicos alcooes butylicos interessantes ternarios de que ha quatro conhecidos, como qualquer preparatorio sabe, se é que tem receio do sinistro *pau*, da *bomba*, ou *raposa*, como se diz em Portugal.

São quatro os alcooes butylicos : dous primarios, um secundario e um terciario. Mas o Sr. C. de F. fusilou tres dos coitados.

« Diz-se de um dos alcooes dos vinhos cuja formula chimica é $C^4H^{10}O$. » Mas, illustre philologo, se ha quatro destes alcooes butylicos, todos elles desejando ardentemente viver? $CH^3 CH^2 CH^2 CH^2 OH$ (1) — $CH^3 CH^2 CHOH CH^3$ (2) — $CH^3 CH^3 CH. CH. CH^2 OH$ (3) e $CH^3 CH^3 CH^3 COH$ (4)? Deixe os coitados que vivam!

Foi o Sr. C. de F. com este alcoolicidio mais longe do que o sujeito da popular pilheria quando affirmava que os quatro evangelistas eram tres. Esaó (sic) e seu filho Jacú (sic).

Mas estou a ouvir o douto dicionarista bater o pé. « Não senhor! só ha um! Quem affirmar o contrario é rematado idiota! »

E eu me atrevo a lhe responder. E este idiota continua a ser o N. N. chamado Marcellino Berthelot, no seu *Tratado de Chimica Organica*.

Deixemos porém os alcooes monoatomicos e examinemos o que o Sr. C. de F. diz dos polyatomicos. Já com o primeiro, o glycol nos prega uma *hypothese*.

« Glycol, affiança; substancia intermediaria ao alcool e á glycerina pelas suas propriedades physicas e chemicas. » Isto é, muito nebuloso... Realmente o glycol é um alcool duas vezes alcool e a glycerina o é tres vezes. Mas com a definição incompleta do N. D. não se comprehende esta intermediação. Desappareceria tal indeterminação se o Sr. C. de F. escrevesse : « Glycol o mais simples dos alcooes diatomicos, duas vezes alcool primario, de formula $\text{CH}^2 \text{OH}$. $\text{CH}^2 \text{OH}$.

A definição da glycerina sob o ponto de vista chimico não vale « dous caracões ». Serve para qualquer *Diccionario do povo*, quando muito : « Liquido xaroposo de sabor açucarado, base de todas as gorduras. »

Nem uma palavrinha sobre a função trialcoolica do liquido do grande Scheele!

Como indice chronologico, a definição do Sr. Candido é porém preciosa; mostra-nos o atrazo de seus informantes em materia scientifica.

Repete as idcias de Chevreul, em 1814, aliás justissimas, quando este illustre chimico affirmou que os corpos graxos podem ser considerados como formados de acidos graxos e de uma *materia* que hydratada fornecia a glycerina.

Mas isto em 1814, illustre philologo! Em 1854 deixou Berthelot insophismavelmente esclarecido que a glycerina é um alcool triatomico e os corpos gor-

durosos naturaes, oleos e gorduras, os etheres glyce-ricos dos acidos graxos.

Se nos lembrarmos de procurar no *N. D.* os alcooes polyatomicos, novas lacunas, e numerosas, nos saltarão aos olhos mesmo quando se tratar de compostos vulgares.

E além de tudo ha imperdoaveis omissões referentes a compostos que os mais elementares compendios de chimica nos apontam como a *arabita*, a *dulcita*, a *sorbita*, etc. Mais lacunas! Mais lacunas!

Passemos depois deste rapido passeio pelas regiões da *dry law* a ver o que dos phenoos nos ensina o Sr. C. de F.

« Phenoos — corpos ternarios, compostos de carbono, hydrogenio e oxigenio e provenientes de um carbureto pela substituição de um atomo de hydrogenio por um oxhydrilo. »

Não basta! Está a definição indeterminada. Assim tanto serve para os phenoos como para os alcooes. Ergo, para o Sr. C. de F. alcool é synonymo de phenol. E não ha tal; não ha estudantezinho de preparatorios ignorante de que se os alcooes tem grandes analogias com os phenoos tambem com elles mantem muito fundas diferenças. Teria o Sr. C. de F. dado uma definição irreprehensivel se não se houvesse « esquecido » de dizer que o carbureto a que allude pertence á serie benzenica.

Pois se etymologicamente phenol vem de pheno e se *pheno* é synonymo de *benzeno* ! Se o mais simples dos phenoos, o C^6H^5OH , vulgar e impropriamente designado por *acido phenico* tambem é chamado benzenol!

De *nitrila* nem uma palavra fala o Sr. C. de F.
Mais uma lacuna! — das mais sensiveis!

Muito mais grave porém a ausencia imperdoavel de *cetona*, correspondente a importantissimo aggrupamento funcional.

No *Novo Diccionario* não achamos *cetona*, nem *ketona* nem *quetona* o mesmo silencio Tut-an-Khammenico reina no seu supplemento. Lembra-nos o valle dos Reis... Entretanto mostra o Sr. C. de F. conhecer a existencia da acetona, a mais simples das cetonas, e a camphora, embora não pareça saber que este producto, inimigo dos insectos e da deusa cyprina nascida da onda amarga, seja uma cetona do *borneol* ou *alcool campholico*. (Mais duas lacunas do *N. D.* Quanta lacuna! quanta lacuna!).

A definição que dos aldehydos dá o Sr. C. de F. é correcta mas já que estamos neste capitulo notemos a proposito do mais simples dos aldehydos, H.CHO; o aldehydoformico ou methanal (mais uma lacuna! e das cabelludas! quanta lacuna!) tambem chamado formol; notemos quanto a proposito deste corpo é o *N. D.* de dolorosa insufficiencia. « Formol — preparação antiseptica applicavel especialmente contra a mordedura venenosa de certos animaes. »

Então é uma especie de *Sabão russo*, de *Maravilha curativa* de Humphreys, de *Doe ? Gelol cura qualquer dôr ?* transformado agora em *Picou ? formol tira qualquer comichão ! ?*

Tinha o illustre philologo a obrigação de escrever : « Formol — aldehydoformico ou methanal composto ternario de formula H.CHO proveniente da deshydrogenação do alcool methylico. »

Se o *formol* do Sr. C. de F. se mostra tão deficiente, o seu *chloral* vem a ser destestavel. « Chloral, diz o douto diccionarista, mistura de chloro e alcool!! »

Affirma portanto que o chloral é $C^2H^5OH + Cl^3$,

p. ex., o chloral, entretanto, não é uma mistura, e sim um corpo perfeitamente definido C^2Cl^3OH ou em formula racional CCl^3CHO aldehydo trichlorado. Não provém de uma mistura de chloro gazoso e alcool e sim de uma verdadeira reacção em duas phases em que se dá a eliminação do acido chlorhydrico. Vá algum desastrado « misturar chloro e alcool » e tomal-o como sedativo e hypnotico, e verá a belleza que lhe succede!

As equações qualquer compendiosinho as menciona :



Tinha o *N. D.* a obrigação de definir o chloral como « aldehydo trichlorado nascido da acção de uma corrente de chloro sobre o alcool concentrado quanto possivel, e resfriado ».

Não podemos porém abandonar os aldehydos e cetonas sem ainda deixar patentissimo quanto a chimica organica do Sr. Candido de Figueiredo está atrazada de numerosos decennios. Afere-se pelo paradigma da sua chimica mineral.

Prova irrefragavel do que avanço é o seguinte : ignora o douto dictionarista, e por completo, a existencia dos trabalhos de Fischer, dos memoraveis, dos extraordinarios trabalhos de Fischer, sobre os assucares, revelados ao mundo scientifico, ha muito pouco tempo, só em 1892, antes portanto, muito antes, do apparecimento da primeira edição do *Novo Dictionario* (1899).

E' por isto que debalde procuramos na terceira edição do grosso lexico figueirediano de hoje as palavras corriqueiras para os gymnasiastas que são :

aldose e cetose ; biose e triose ; hexose, hexobiose, hexotriose, etc., etc.

Quanta lacuna! quanta lacuna! estou a presentir a gemebunda observação do meu eminente contraditador... Quanta lacuna, quanta lacuna! retrucolhe serviçal.

Ha mais de cem mil no seu *diccionario*, illustre mestre!

Mas a culpa é sua! Olhe que *aldose, cetose, biose, etc.*, já podiam ter apparecido na sua primeira edição! o diabo é o Sr. pensar que os livros de chimica impressos em 1860 estão em 1923 *up to date*... Um conselhosinho... gratis, benevolo e util. Para a sua quarta edição compre livros de sciencia moderna e faça *amende honorable* dos « enganos » da terceira tiragem do seu prestante lexico.

Olha que inculcar a leitores de 1923 as noções da chimica de 1860 é g rave e é feio para um homem do seu valor. Diga pois *peccavi, peccavi!*... e corrija. Lembre-se do seu *florianista!* que de sectario da escola litteraria de Florian na 2ª edição do *N. D.* passou a sêr — gente vira casaca! — partidario do Marechal Floriano na terceira.

Esta *amende honorable* causou optima impressão nestes bellos e barbaros Brasis... vamos illustre philologo, coragem! e faça a devida *amende honorable*

Passemos agora á função ether. E' boa a definição do *N. D.* e abrange os casos dos ethers saes e dos ethers oxidos. Nada ha a se lhe ajuntar e a se lhe restringir. Apenas ha a se lhe fazer justiça. Que pena porém que o douto philologo, escudado em boas autoridades e não nos seus autores de éras pre-affonsinas, seus habituaes conselheiros, para a technologia

scientificamente, não haja mantido o mesmo nível ao fazer a descrição dos mais importantes éteres.

Começemos pelos dos carburetos graxos ;

O que de chloroformio avança é insufficientissimo. « Substancia liquida, incolor e aromatica, de propriedades anesthesicas. Isto se applica, palavra por palavra, tambem, ao ether sulfurico, ao chloreto de ethyla. Cioso dos creditos da sua obra tinha o Sr. C. de F. a obrigação de dizer que *chloroformio* é um derivado trichlorado do methano ou formeno. E já que gosta de se enfeitar com umas formulasinhas podia pospor-lhe : da formula CH.Cl^3 . A quem fala em chloroformio acodem logo as analogias do bromoformio e do iodoformio.

Do primeiro diz o Sr. C. de F. « substancia anesthesica que contém bromo e é analogica ao chloroformio ». Ainda vá lá embora muito mais correcto fosse escrever que se trata de um derivado tribromado do methano. Do iodoformio refere o Sr. C. de F. « composto solido resultante da acção do iodo sobre o alcool ». Seria muito mais correcto que escrevesse resultante da acção do iodo sobre uma solução alcoolica de potassa.

Lançemos agora uma vista d'olhos sobre os acidos organicos, muito perfunctoria aliás, como todos estes nossos reparos; o que o Sr. Candido conta do mais simples de todos, do acido formico é simplesmente delicioso, é até capaz de evocar aquelle lindo *Minuele* do nosso grande Gonçalves Crespo (!?!)

Espaçoso é o salão, jarras a cada canto
Admira-se o lavor dos tectos de pau santo..

Como isto é elegante... E como continúa bem...

Cadeiras de espaldar com fulvas pregarias
Um enorme sofá; largas tapeçarias.

Sob o espelho se aninha um cravo marchetado
Mimo outr'ora da casa e prenda de um noivado

— Mas que aproximação esdruxula! commen-
tará o leitor assombrado. Este homem, está com o
sotão apinhado de macaquinhos! Praja da Saudade!
pensarão os fluminenses. Kilometro 111! Juquery!
aventarão os paulistas.

— Mas não é tão esdruxula assim, caro leitor,
redarguirei. O lindo *Minueto* termina a nos contar
que quando das cordas do marchetado clavecino
resouu velha melodia :

Do eburnea pallidez doentia do teclado
Manso e manso evolou-se o aroma do passado...

Assim tambem ao meditar sobre a definição do
acido formico pelo Sr. Candido de Figueiredo — tão
saborosa e repassada de archaismo singelo — senti :

Manso e manso evolou-se o aroma do passado

Senti-me em pleno seculo XVIII! Pompadour!
Manon Lescaut! Des Grieux! Voltaire! cadeirinhas!
perucas empoadas! Pombal! minuetes! Frederico o
Grande! Encyclopedistas! Watteau! um delicioso
cinematographo...

— « Acido formico, sussurra-me o *Novo Diccio-
nario* (terceira edição 1913) — diz-se de um acido
que se extrahe das formigas. »

Percebo agora o immortal Lavoisier a confabular
com os seus grandes contemporaneos : Priestley,

Cavendish, Scheele. Acabam de saber que das formigas se extrahe um acido. E apesar de filhos do seculo voltaireano não se mostram scepticos depositam toda a confiança na honradez e na capacidade scientifica de Samuel Fischer que se diz o descobridor do novo acido obtido de modo muito original. Capturou um grande formigueiro, pol-o numa retorta e distilou-o!

Riem-se os grandes paredros da chimica. Singular processo! E eu vejo o sabio Samuel Fischer, naquella anno da graça de 1760, de cabelleira empoada, calça de tufos de renda e casaco de damasquillo verde, enthiasmado com a sua descoberta, sorrindo a deslizar :

« gracioso no tapete
Dançando airosamente o airoso minuete »

« Acido que se extrahe das formigas... » o processo dá certo mas... continua a ser usado só pelos consulentes do Sr. Candido de Figueiredo.

Que pena assim seja! que a industria se sirva hoje de processos diversos do de Fischer, preconizado pelo Sr. C. de F.

Para que foi este idiota de Berthelot inventar o seu processo de desdobraimento do acido oxalico em acido formico e gaz carbonico?!

Matou assim um artigo de exportação notavel que podia dar excellentes lucros ao Brasil : a exportação da saúva, por exemplo. Materia prima temol-a abundante. Pena se não utilise a industria, do acido formico e dos formiatos, do processo descoberto em 1760 por Samuel Fischer! E em 1923 recommendado pelo Sr. Candido de Figueiredo que jámais dará guarida nas columnas do *Novo Diccionario* a uma definição

absurda de acido formico, como esta proposta por pretencioso, do genero de fuão Jungfleisch.

« Acido monobasico da formula $H.COOH$ tambem chamado methanoico que existe normalmente em varios liquidos biologicos como o sangue, a urina, a seiva das urtigas, secreções de numerosos insectos, etc. » diz-nos grave o illustre autor moderno. Não! nao serve...

A quanto disparate nos levou a evocação de Fischer, preparando o acido formico pelo processo recominendado ainda hoje pelo Sr. C. de F. decorridos cento e sessenta e cinco annos! Assim depois desta larga e deploravel digressão voltemos ao terreno da austeridade que abandonamos eu, e o leitor, por mau gosto meu.

Do importantissimo acido acetico apenas diz o Sr. C. de F. « Relativo ao vinagre. Acido »? Fala de *pyrolenhoso*, synonymo de acetico mas sem mostrar que conhece tal synonymia. Dentre os homologos superiores do acido acetico nada diz o Sr. C. do propionico. (Quanta lacuna!) Do butyrico abona-lhe a definição com uma *Technologia rural*! Singular documentador! Assim se pode abonar *acido azotico* com um *Manual do gravador e oxydos de chumbo* com o *Manual do pintor de paredes e grades*!


Tambem são immediatos os resultados dos sabios ensinamentos da *Technologia rural*. Inculcam ao Sr. Candido de Figueiredo, que acido butyrico é um só quando ha dous com este nome procedentes dos alcooes primarios do mesmo appellido. Está ahi no que dá procurar ensinamentos da chimica fóra dos livros de chimica... o peor é que o Sr. Candido passa adeante a sciencia technologico rural...

Tratando dos acidos bi-basicos o que do acido

oxalico nos inculca o Sr. C. é deficientissimo, é velho! é velho! Ao acido succinico protege o N. D. com o

« Muro de silencio e treva em torno »

do forte verso antheriano (quanta lacuna!), o mesmo quanto ao succinico (quanta lacuna! quanta lacuna!) mas não quanto ao malonico. (Admira!)

Tratando dos acidos de funcção mixta mais uma vez recorre o Sr. C. de F. ao seu vademecum em materia de chimica organica a *Technologia rural*. 

« Lactico — diz-se de um acido que existe no soro do leite; cf. *Technologia rural*, 20 e 117. »

Mas como é mal recompensada esta fidelidade martim-de-freitica do illustre philologo ao seu querido mentor!

Leva-o este a um desastre grande. Sim porque não ha acido lactico e sim acidos lacticos e o *normal* tambem é encontrado no succo gastrico. Qualquer compendiosinho gymnasial inculcaria ao douto dicionarista uma definição como esta : « Lactico — diz-se dos, acidos derivados, do propano, de funcção mixta, uma vez alcool e uma vez acido, e por isto chamados propanoicicos. O acido lactico normal é alcool primario e o de fermentação alcool secundario, etc. »

Dos acidos malico e citrico dá o N. D. definições insignificantes. Mas já acerca dos acidos tartricos inculca erronia seria. Pensa o dicionarista que só ha um acido tartrico quando existem nada menos de quatro!

Mas então de que serviram os notabilissimos trabalhos de Pasteur sobre os acidos tartricos?

— Pasteur-versus *Technologia rural* ? indago curioso e respeitoso. — *Technologia rural* ! responde-me sobranceiro o eminente dicionarista.

Technologia rural, for ever ! ignarissimo amigo !... Ainda tem duvidas a tal respeito?

X

Definições viciosas. Lacunas imperdoáveis. Indeterminação de significados. Obsoletismo das fontes informativas do « Novo Dicionário ». Inclusão de verdadeiros dislates.

Examinemos agora umas tantas definições do *Novo Dicionário* relativas aos hydrocarburetos. E a principiar do principio principiemos pelo *methano*, cuja exemplificação é fraquinha, mas enfim « serve ».

A do carbureto immediatamente superior, o *ethano*, é simplesmente fraquissima. « Variedade de carbureto do grupo formenico. » Mas isto se adapta a uma infinidade de carburetos dirão connosco os que tiverem umas tinturasinhas do assumpto. O mesmo se dirá do *propano*. Mas já em *butano* o « tempo » se enfarrusca são dous os butanos e o Sr. Candido quer que sejam um; quer talvez a frateni-siamezação dos dous. Peior ainda para os *pentanos* pois estes o Sr. C. de F. entendeu dal-os como inexistentes. « Os Srs. estão prohibidos de existir! » disse-lhes, segundo parece, pois os coitados foram « barrados » do *N. D.* e só agora surge em seu favor o meu protesto, o meu pedido generoso de *habeas-corporis*.

Dos hexanos que são varios, depois de ter « queimado » os seus antecedentes immediatos, permitiu-se o Sr. C. de F. a liberdade de dizer que só são um e unico! E o mesmo se dá com os heptanos e octanos! O resto foi submettido á celebre lei mexicana da fuga! Quanto carbureticidio praticado pelo Sr. C. de F.!

Não deixarei porem a serie formenica sem um ultimo e innocente reparo.

Lança-me em rosto, severamente, o Sr. Candido de Figueiredo a horrenda heresia de haver escripto *gazolina*. Ensina-me, complacente e compassivo, a escrever *gasolina* porque a palayra procede de *gas*, Mau grado a minha insufficiencia philologica, comprovada e apregoada (por mim, a começar) sou forçado a declarar ao douto dictionarista que desta vez me insurjo contra a sua autoridade augusta. Primeiro porque sou brasileiro e toda a gente no Brasil escreve *gaz* e certamente continuará a escrever *gaz* por esses annos áfora, apesar da gri.aria do Sr. C. de F., segundo porque dictionaristas illustres, *quasi* tão illustres quanto o autor d'*O que se não deve dizer*, como Caldas Aulette, me ensinam a dizer *gaz*.

Agora, recebida esta licção do meu douto contradictado permitta-me elle que o interpelle (embora arvorado em metedição procurador da verdade) a proposito da definição chimica que de *gazolina* inculca « *Gazolina, affirma o Sr. C. de F. : carbonato de hydrogenio liquido* ».

Mas que é isto? Que carbonato de hydrogenio é este? Será acaso CO^3H^2 , como o sulfato de hydrogenio póde ser SO^4H^2 ? Mas CO^3H^2 vem a ser $\text{CO}^2 + \text{H}^2\text{O}$; anhydrido carbonico em dissolução na agua, aquillo que nas confeitarias se chama vulgarmente *sy-*

phão, e tanto é apreciado pelos *habitués* do *whisky and soda*...

Então serão a mesma cousa *gazolina* ou *gasolina* e *syphão*? Veremos algum dia em algum carburador de automovel, ainda nosso desconhecido, mas não do Sr. Candido, queimar-se *syphão*? e pararem os automoveis á porta das confeitarias em longas filas, para alli comprarem *syphões*? O Sr. Candido é reservado; talvez esteja ao par de alguma descoberta nova, alguma *gazolina* de invenção recente que seja um « carbonato de hydrogenio liquido ».

Quiçá esteja tambem imminente a revlcação de uma destas descobertas que assombram o mundo e tornam a Humanidade estarecida... *Gazolina-syphão*... quem viver verá...

Passemos agora porém á serie ethylenica.

São-lhe deficientissimas as definições, de propyleno ou propeno, butyleno ou buteno, etc. Na acetylenica não vemos mencionados ethino, propino, butino, etc., etc. (Quanta lacuna! quanta lacuna!) Parece o Sr. C. de F. ignorar a existencia da nomenclatura essencial chamada de Genebra, nascida da famosa convenção de 1892.

Os nomes antigos dos carburetos acetylenicos alguns dos quaes rebarbativos, como allyleno, crotonyleno, valeryleno, etc., estes surgem nas columnas do *N.D.* Talvez transplantados da celebre *Technologia Rural*, Homero á cabeceira de Alexandre, em materia de chimica organica, para o nosso illustre philologo. Dentre os carburetos terebenicos, vemos que o Sr. C. de F. desconhece o *australeno* e o *terebenro*. (Quanta lacuna!) Encaixa o terpeno na serie benzenica e da *terpina* apenas refere que é « um medicamento diuretico e anti-neuralgico ». Da borracha e da gutta-

percha nada fala sob o ponto de vista chimico, no emtanto notavel.

De benzina é-lhe a definição fraquinha. Mas a que não pode ser admittida é a de tolueno « combinação de carbone e hydrogenio ». A ser isto sufficiente então tolueno é methano, tolueno é ethyleno, tolueno é acetyleno, é naphtalina, benzina, parafina, borraça, petroleo, é essencia de alfazema, é terebentina, é o diabo a quatro! e se mais mundo houvera lá chegára!! Quem fala em tolueno pensa logo em xyleno ou antes nos xylenos. Ahi se sae o Sr. C. de F. menos mal; apenas põe um singular quando devia falar no plural. Da naphtalina nada diz e no emtanto dos naphthoes dá um bom significado. De anthraceno nada vale a definição sob o ponto de vista chimico.

Nos acidos aromaticos vemos um significado desvalioso para o acido benzoico, o que o *N. D.* diz do acido salicylico já se falava muito antes de se pensar em começar a construir a Sé de Braga. Conta-nos o Sr. C. de F. que a sua preparação se baseia na reacção da potassa sobre a essencia de Wintergreen quando hoje se usa da acção do anhydrido carbonico, sob pressão, sobre o phenato de sodio.

Mas basta!

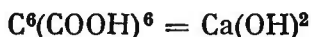
Não quero comtudo terminar esta lenga-lenga sem me referir a duas questões ainda relativas aos acidos aromaticos.

Dos acidos phtalicos garante o Sr. C. de F. — suppondo aliás que só haja um — « Diz-se de um acido produzido pela acção do acido azotico sobre o bichloreto de naphtalina » — Tetrachloreto aliás, $C^{10}H^8Cl^4$ ousa rectificar um João Ninguem da chimica organica, o Sr. E. Jungfleisch (cf. *Manipulations de chimie*, p. 771). Mas o melhor dos bons peda-

ços, deixamol-o para o fim; é o que o Sr. C. de F. consagrou ao acido mellico. Segundo a licção dos mestres este acido benzo hexocarbonico e portanto correspondente á formula $C^6(COOH)^6$ se obtem graças á oxydação do carbureto pelo permanganato de potassio em solução alcalina ou pela acção do acido azotico fumante e chlorato de potassio. Em summa provém da reacção $C^6H^6 + 6CO^2 = C^6(COOH)^6$ contesta-o formalmente o Sr. C. de F. :

« Mellico — Diz-se de um acido que é o hydrato de calcio!?!?! » Que pensar de semelhante descoberta?

O hydrato de calcio é $C^6(OH)^2$ assim pois chegamos á seguinte e espantosa equação



que annuncia aos quatro cantos do nosso microcosmo outra e notavel consequencia : Um acido organico e um hydrato metallico são uma e mesma cousa!

E adeus! está por terra toda a mole da chimica moderna...

No rapidissimo e perfunctorissimo exame que das definições chemicas do *Novo Diccionario* realisei escudado na opinião de algum dos maiores nomes da chimica contemporanea nada ha que seja meu. Nada mais fiz do que comparar as asserções do Sr. C. de F. ás dos mestres como Berthelot, Jungfleisch, Troost, Moissan, Joannis e outros.

Não receio poisa menor contradicta. Respigando, muitissimo de leve na technologia chimica do *Novo Diccionario* apontei-lhe numerosos erros e falhas.

Serão ellas justificaveis perante um publico algum tanto lettrado? Não, de modo algum. Podia o Sr. Candido facilmente ter evitado a critica justissima

não fora a incommensuravel vaidade que o domina e o pendor invencivel pelo misoneismo.

Porque não recorreu, para a technologia scientifica, aos grandes dictionarios encyclopedicos, tão ao seu alcance?

Porque prefere a *Technologia rural* aos tratados de chimica dos grandes mestres? Para que recorreu a uns tantos livrecos de desprezivel e paleontologica sciencia (?). D'ahi o bello resultado colhido.

Agora que com algum cuidado e demora percorri o *Novo Dictionario*, nitido se me apresenta o seu « quadro clinico » se me é permittida a comparação

Ao fazer o Sr. C. de Figueiredo a sua primeira edição, a de 1899, lançou mão para a exemplificação da technologia scientifica, de uma serie de livros já naquelle tempo muito atrazados, dos compendios equivalentistas bolorentos e lacunosos em chimica mineral e organica. Com estes « preciosos » elementos construiu a base do seu *Novo Dictionario*, a trama da sua technologia scientifica, que imaginou andar *up to date*. Pensou depois em realisar a segunda edição. Foi pois collectando durante quatorze annos muitos milhares de termos que não haviam apparecido na primeira tiragem. De muitos obteve excellentes definições que transcreveu *ipsis verbis*. Mas nada alterou da parte antiga do seu vocabulario. Assim appareceu em 1913 a segunda edição muito accrescida, mas pejada de cousas velhas, archaicas, pre-archeanas, sobretudo em materia scientifica. E erradas... e erradissimas...

Preparou o Sr. Candido a terceira tiragem a que engordaram largamente muitos milhares de novos

vocabulos da technologia scientifica. Mas os residuos indesejaveis das edições anteriores continuaram a infeccionar a economia do vocabulario, graças ao emperramento, ao carrancismo e a vaidade do douto philologo e digamos a verdade : a deficiencia da cultura geral.

Tudo isto reaparecerá na quartaedição que o Sr. Candido annuncia para 1925 ou 1926. Toda esta serie enorme de dislates, de grotescos e de erros, voltará intacta.

Um ultimo argumento quero invocar demonstrando quanto ao editar a sua primeira tiragem já o cabedal scientifico nella utilizado pelo dictionarista datava de priscas éras :

Recorramos ao prefacio da primeira edição do *Novo Dictionario a Conversação preliminar* que antecede o vocabulario, e voltou a ser o prefacio da terceira tiragem. Depois de se gabar a valer da enorme colheita de termos, jámais dictionarisados ainda, em portuguez, e obtidos dos mais recentes ramos das sciencias modernas jacta-se o illustre philologo: «Procurei não omitir os mais recentes descobrimentos em qualquer esphera da actividade humana — o cinematographo, a icerya, o radioscopio, a melinite, o acetylene e tantissimos outros. E dando ao meu trabalho feição sensivelmente encyclopedica, obedeci ao proposito de bascar em novos processos, uma obra que, não podendo ter tudo, tivessc ao menos alguma cousa de tudo e de novo ».

Isto de considerar o acetyleno como novidade novissima, a 10 de março de 1899, data da assignatura da *conversação* bem dá ideia do valor das fontes de que se serviu o douto dictionarista para a parte chimica do seu lexico.

Descobriu Davy o acetyleno em 1836! Veja-se bem, 1836!

Wöhler, em 1862, preparou-o pelo processo geral de hoje, carbureto de calcio e agua. Veja-se bem, 1862! Neste mesmo anno deu Berthelot a conhecer ao mundo scientifico os resultados definitivos de sua gloriosa synthese do acetyleno, obtida pelo arco voltaico de electrodos de carvão, chimicamente puros, no ovo electrico por onde passava uma corrente de hydrogenio! synthese esta fecundissima que todos os estudantes da chimica gymnasial conhecem e da qual obteve o immortal chimico a benzina, por polymerisação do acetyleno, o styroleno e o hydroreto de naphthalina, tambem por polymerisação, etc. Tudo isto data de 1862!

Pois bem, decorridos 37 annos! em 1899! vem o Sr. Candido de Figueiredo no seu dictionario, apresentar o acetylene a catalogalo « entre os mais recentes descobrimentos em qualquer esphera da actividade humana »!

E' simplesmente pasmoso!

1836! 1862! 1899!... Acetyleno novidade em 1899!!

Até parece a nossa historia da preguiça convidada para madrinha num baptisado.

Ao mesmo tempo que se jacta do modernismo do acetyleno que acabara de definir exalta o Sr. C. de F. o de *icerya*; verdadeiro *fin de siècle* em 1899, no seu entender.

Pois bem *Icerya*, data de 1874, tinha vinte e cinco annos quando o Sr. C. de F. imaginava que acabara de nascer!!!

Foi o nome creado naquelle anno por Signoret, entomologista francez para um genero de cochilhas (cf. *Zoological Record*, vol. I, 1874, pag. 488,

onde se lê uma nota de critica a proposito da valiosa memoria do scientista francez *Essai sur les cochenilles ou gallinsectes* resumindo diversas apreciações). Foi ahi que Signoret creou a palavra *Icerya*. Se o Sr. C. de F. duvidar da autoridade do *Zoological Record* ainda lhe aconselho a consulta ao famoso *Universal Index to genera in zoology* de Scudder (Samuel H.); leia á pag. 159 da segunda parte (edição de 1882, 1882! veja-se bem) *Icerya*, *Sign*, Ham. *Zoologica! Record*, 1874.

E' esta palavra, de 1874, que o Sr. C. de F. vem inculcar-nos como a ultima das novidades scientificas em 1899! quando já ultrapassara a maioridade, era eleitora e elegivel, fizera o serviço militar e desde muito podia gosar das delicias da paternidade.

O que elle fez foi ainda, e cada vez mais, por ignorancia das regras da nomenclatura dual «enterrar-se» confundindo especies e generos, pois a sua definição de *icerya* refere-se a uma especie, á *Icerya purchasi*, cochinha australiana do genero *Icerya*, e determinada por Maskell em 1878!

Se o Sr. C. de F. duvidar do que lhe affirmo dê-se ao pequeno trabalho de recorrer ás *Transactions of the New Zealand Institute*, vol. XI, pag. 221, anno de 1878.

E' a informação que me ministra um coccidiologo de universal reputação, o Dr. Adolpho Hempel, que tanto illustra o corpo do funcionalismo scientifico do nosso estado. E' me muito grata esta referencia, prudente além dos mais pois receio sobre modo o perigo de poder vir a ser gralho depennado.

Assim em 1899 entendia o Snr. C. de F. « fazer um bonito » perante a roda dos admiradores lem-

brando que a essa gente fizera a revelação da palavra *Icerya*, modernidade moderníssima.

« *Icerya* ou *icerya*, dogmatiza, especie de cochililha que é originaria da Australia e ataca as arvores, sugando-lhes a seiva das folhas (*icerya purchasi*, Maskell). » Quantos erros nestas linhas! Inculca o Sr. C. de F. que *icerya* é privativa da especie de Maskell quando o nome é o do genero e escreve *icerya purchasi* quando devia escrever *Icerya purchasi*.

Mas a novidade de 1899 era de 1878!

Como as noticias chegam atrasadas em Portugal, quando precisam da divulgação do Sr. Candido de Figueiredo!

Agora vejamos se *melinite* em 1899, era assim tão grande novidade.

· Cremos que não, ou antes affiançamos que não.

E realmente, na biographia do inventor da melinite, Turpin, no *Nouveau Larousse illustré*, se conta que o invento data de 1887. Estava velho de doze annos quando o Sr. C. de F. annunciou que era o *dernier cri* da sciencia moderna.

Para a confecção do *Novo Diccionario* mereceu a chimica, do douto dictionarista, o maior carinho, gaba-se elle. A nomenclatura desta sciencia deu-lhe terriveis pesadellos. Não sabia de todo como manter certo equilibrio sobretudo ante a complicação sempre crescente das denominações da chimica organica.

Mas sahiu-se admiravelmente de tantos e tão crespas difficuldades. D'ahi a formidavel colheita de termos ineditos da tecnologia chimica, obtida « pelo esforço proprio, e pela cooperação de alguns dos mais notaveis homens de sciencia ». Assim « conseguin registrar largamente a nomenclatura chimica, em visivel desproporção com o que até agora, a tal

respeito, se tinha feito em trabalhos congeneres ».

E dando-se ares de quem está perfeitamente ao par do mecanismo dessa nomenclatura technologica modernissima da chimica organica ainda nos diz o Sr. Candido de Figueiredo que se viu forçado a se deter ante o emmaranhamento progressivo dos nomes actuaes dos complexissimos compostos organicos.

Precisou abrir excepções porém como no caso de *pentadecylparatolylcetona*, « pela sua estreita relação com a radiscopia » (de 1899 é bom que se o lembre) e da *phanylhydroquinazolona* « producto pharmaceutico amargo e excitante do estomago » (ahi talvez por motivos de gratidão pessoal, as reminiscencias de algum dia de azia). Não se abalançou porém a registrar *paranitrophenyldehydrohexonecarboxylico* nem *oxyditrichloroethylidenadamina*.

Analysada a sua « fitinha », a sua bancaçõesinha », como tanto se diz hoje, na nossa giria, ousou indagar do illustre philologo se não seria mais util ao publico estudioso que o *N. D.* inserisse *cetona* e *nitrila*, *aldose* e *cetose*, *biose* e *hexose*, acido succinico e tantos mais nomes vulgares e até bonitos em vez do tal « producto pharmaceutico amargo e excitante do estomago » infelizmente citado sem o acompanhamento util do nome do respectivo boticario.

Como graças a Deus até agora não soffro do estomago e não tenho motivos de gratidão especial á tal *phenylhydroquinazolona*, confesso que esta droga pouco me attrahe. Acho-lhe até rebarbativos os appellidos. Esta desinencia em lona considero-a inesthetica.

Mas cada um de nós tem lá os seus achaques e como certa vez me dei muito bem ingerindo umas tantas pitadas de certo sal effervescente quero de-

monstrar-lhe o meu reconhecimento em publico e razo humildemente pedindo, ao meu illustre contradictado o obsequio de inserir na quarta edição do seu importantissimo lexico o nome sympathico do alludido sal que é diuretico e muito mais outras cousas (segundo o prospecto). O nome é sympathico repito-o, e euphonico; mavioso mesmo :

Methylglyoxalidinaquinodiethylenodiamina.

Seu principal defeito é não poder entrar inteiro num alexandrino. Mas isto hoje já não constitue uma *capitis diminutio* para uma palavra que se respeite desde que Eduardo Garrido (com reprobabilissima irreverencial) precisando de uma rima para o nome da deusa odysseica da famosa ilha, novamente celebrisada ainda ultimamente por Eça de Queiroz, escreveu, a abrir precedente, notavel e futurista :

Pois bella deuzza Calypso,
Nos aqui estamos e p'so
Almente a comprimentamos.

Não sei se será bem assim mas o caso é mais ou menos isso ou antes « é p'so ».

Voltemos porém à *nos moutons*.

Imaginem os leitores o que seria da chimica organica no *Novo Diccionario* se o illustre philologo não lhe houvesse consagrado tanto interesse, sobretudo atravez da notavel *Technologia rural*...

Santa Barbara! São Jeronymo! Santo Breve da Marca!

E' tempo porém de acabarmos e vamos fazel-o, synthetizando as descobertas que nos proporcinaram algumas das definições da terceira edição do *Novo Diccionario*, em rapidissimo exame.

1) *Alcool* — liquido resultante da destillação de qualquer substancia fermentavel.

2) *Alcool propylico* — só ha um, diz o *N. D.* quando existem dous.

3) *Alcool butylico* — só ha um, diz o *N. D.* quando existem quatro.

4) *Phenol* — o mesmo que alcool, quando tal não se dá.

5) Ausencia dos nomes de funcções organicas de maxima importancia como *cetona, nitrila, etc.*

6) *Chloral*, mistura quando é combinação.

7) Ausencia absoluta de referencias a corpos notaveis como as aldoses e cetoses, o acido succinico, etc.

8) Improriedade de definições de glycol, glycerina, chloroformio, alcool methylico, bromoformio, iodoformio, acido formico, acidos oxalico, malico, citrico, acetico, formol, ethano, propano, butano, propeno, tolueno, xyleno, naphtalina, terpina, etc.

9) Acido butyrico, um só — são dous.

10) Acido lactico um só — são dous.

11) Acido tartrico um só — são quatro.

12) Inaudita definição de gazolina — idem do acido mellico, etc.

12) Radio-metal existente no baryo.

13) Anhydrido-acido que se não combina com a agua.

14) Definições esdruxulas de cal, amoniaco, etc.

E obsoletas de potassa, soda, baryta, etc., etc., etc.!

Assim, pois, seja me permittido reiterar aos nossos gymnasiastas que tratem de se precaver contra os ensinamentos do *Novo Diccionario*, em materia de chimica mineral e organica. Senão! Cuidado com a infallivel bomba! Consinta a rapaziada que mais uma vez venha advertila, amistosa e desinteressadamente : *Cuidau, Bernau !*

XI

A quarta edição do « Novo Diccionario ». Inveteração no erro. Manutenção de erronias muitas dellas monstruosas, quer em zoologia, quer em chimica e physica quer quanto a brasileirismos. Pequeno. numero de reclamações attendidas.

Trabalhando indefessamente ultimava o douto philologo Sr. Candido de Figueiredo a quarta edição do seu lexico, que acaba de sahir dos prelos, quando a morte o colheu.

Verifico que acceitou diversos dos meus reparos e sinto que não o haja feito em muito maior escala, porque com isto lucrariam o seu diccionario e o publico dos seus numerosos consulentes em geral.

Grave immodestia parece estar a ditar-me esses taes conceitos, mas não ha tal. Nenhuma das emendas por mim apontadas se estriba em conhecimentos que eu haja alardeado. Nada mais fiz do que cotejar as definições de Candido de Figueiredo com as dos grandes dictionarios de reputação universal e indiscutivel autoridade, estas monumentaes encyclopedias que são os lexicos de Webster, Whitney, a *Grande Encyclopedia*, o *Nouveau Larousse illustré*, etc.

obras nascidas da collaboração de dezenas de especialistas eminentes.

Tambem em materia de brasileirismos em geral não quiz o Sr. C. de F. aceitar a maior parte das minhas suggestões.

Assim continuou a afirmar que a abelha «guaxupé» é uma especie de penteado usado pelas mulheres do Brasil; «florianesco» o qualificativo usado para definir o estylo do fabulista francez Florian; «barriga verde» e «brasileirada» são termos injuriosos para os catharinenses e brasileiros; os «cagoans»? indios de São Paulo; «paulista», significa habitante do Estado de S. Paulo; «paranista», habitante do Estado do Paraná; «paraenses», «maranhense», «pernambucano», «mineiro», etc., querem dizer habitantes do Pará, Maranhão, etc.; que «sabinada» (a revolta bahiana de 1837) é o nome de um partido; «gereraca» (?) uma cobra venenosa do Brasil; «agrimensurando», o graduando de agronomia; «mambembe» lugar afastado; «trepa moleque» um penteado (quando é um pente); que «morpheia» é entre nós synonymo de elephantiase; «irara» um quadrupede semelhante ao macaco (?); «aragão» um sino (quando é um repique especial); «caucheiro» o explorador das seringueiras; que «jurado» no Brasil é synonymo de jury (!), etc., etc.

Em materia de technologia vulgar zoologica brasileira persistem quasi todos os mesmos erros da terceira edição; sinão vejamos; o «carrapato» continua a ser um crustaceo (!); o «golfinho» um peixe cetaceo (!); a «siba» (peixe) um mollusco; «embuá» (myriapodo) um insecto; «pitu'» (camarão) um peixe. O «barbeiro» inocula o «trypanosoma», o que nos mostra que o dicionarista sup-

punha só haver um « trypanosoma » (o que alias o confirma a definição de « trypanosomiase »); o « potó » é um insecto que urina, etc.

Na quarta edição do *N. D.*, « pirarucu » continua a ser o mesmo que bacalhau; e escorpião o mesmo que lacrau; « agua viva » (celenterio) mollusco.

Dos erros que apontei o douto lexicographo á sorrelfa corrigiu tres.

Assim quanto á *motuca*. Definia a palavra na terceira edição « especie de mosca da região do Amazonas »; agora escreveu mais acertadamente : « especie de moscardo grande que persegue os gados ».

Jequitirana boia definida « borboleta venenosa do sertão » passou a ser, como lhe aventei, « insecto hemiptero dos sertões ». Esse « dos sertões » vae aliás por conta do meu illustre contradictado.

Sararaca, que desde a primeira edição nos vinha como « flecha com que os indios do Amazonas « caçam as tartarugas e outros peixes », passou a ser « especie de frecha com que os selvagens matam a tartaruga e varios peixes ».

Havia na technologia brasileira zoologica do *N. D.* um verbete quasi digno do famoso Bernardo Bacellar : o celebre dicionarista que definiu *macaco* : « animal de tregeitos delirantes »; *abdomen*, parte do umbigo : *castiçal*, « o que dá fogo e luz ».

Deste mesmo Bacellar, relatemo-l-o entre parenthesis, porque é engraçado, narra Pinheiro Chagas impagavel historia :

« Estava compondo o seu dictionario e chegou ao termo *syllogismo*. Ignorando o que fôsse, tratou de procurar alguem que lh'o explicasse; deram-lhe a explicação e elle não a entendeu. Então, para tornarem o caso mais claro, disseram-lhe que *syllogismo*

era um raciocinio que provinha da fusão e combinação de duas premissas como no coz de umas ceroulas se fundem as duas pernas das ditas. O pobre ainda não percebeu, mas julgou que salvara a difficuldade, escrevendo : *syllogismo*, raciocinio sobre duas premissas. Vide *ceroulas* !

« Ha, na terceira edição do *N. D.*, um verbete vocabular relativo a supposto brasileiro, digno do bom Bernardo de Lima e Mello Bacellar : *sirema*, s. f.; bras. Ave pernalta notavel pela guerra que faz a todos os animaes. »

Attendendo á reclamação que apresentei desapareceu da actual quarta edição esta espantosa referencia ao tremendo bicho Attila da nossa pobre fauna, sem fero ingente e temeroso toque de clarim daretirada prudente e acertadissima.

Em materia de chimica está a terceira e dição do *Novo Diccionario* de Candido de Figueiredo apinhado de erronias graves, ás vezes monstruosas até.

Firmado na autoridade dos mestres, apontei-as ao illustre dicionarista pedindo-lhe que não sacrificasse a quarta edição do seu prestantissimo lexico nelle incluindo tantos dislates inculcados pelos pessimos conselheiros que tivéra a infelicidade de ouvir.

E inexplicavelmente, convem lembra-lo. Pois ninguem de criterio comprehenderá porque preferiu consultar uns anonymos autores de livreocos de vulgarização, que constantemente cita a se abonar com a autoridade da obra de seu eminente compatriota o Dr. Maximiano de Lemos : a *Encyclopedia portugueza illustrada*.

Vejo com verdadeiro pesar reaparecerem na quarta edição do *Novo Diccionario* cousas como

estas : « fluor » corpo simples ainda não isolado (quando Moissan o isolou em 1889); « fluorhydrico » acido formado pela combinação do hydrogenio com uma base (!); « fluorico » « o mesmo » que fluorhydrico; « fluosilicico » combinação do silicio com o « fluor » (!); « azotico » acido proveniente de combinação do azoto com o oxygenio; sulfurico acido da combinação do enxofre com o oxygenio; « sulfito » sal resultante do acido sulfurico (!!); « phosphoroso » acido tambem chamado phosphorico; « ozona » « cheiro » desenvolvido no oxygenio sob a influencia das descargas electricas; « radio » substancia que se contem no baryo; « arsenito » o mesmo que arseniato. Chamei a attenção do douto dicionarista para o absurdo que diséra de anhydrido « acido que se não combina com a agua » e para a formula errada da « lana philosophica » mas não se deu ao trabalho de consultar os mestres.

Em materia de chimica organica foram algumas poucas das minhas reclamações attendidas. Assim quanto á definição de « alcool » mas não quanto aos erros contidos nas dos alcooes propylicos e butylicos, glycerina, phenol, etc. O que affirma de chloral é um dislate que se repete da terceira edição. Tambem não attendeu ao que lhe representei acerca da deficiencia das definições dos acidos tartarico e lactico, do chloroformio, iodoformio e bromoformio, assim como quanto ao processo inculcado como moderno para a preparação do acido formico (distillando formigas como fazia Samuel Fischer em 1760). Não quiz incorporar ao seu vocabulario os termos hoje corriqueiros de funcções da chimica organica como cetona e nitrila, etc., os da nomenclatura dos assu-
cares, etc.

E infelizmente não se quiz convencer o illustre dicionarista que se equivocára gravemente afirmando verdadeiros absurdos como quando disse que chloral era uma « mistura de chloro e alcool, « dichlorado » significa chloreto de methyla e o acido mellico é um synonymo do hydrato de calcio!!

Assim tambem não explica a sua reluctancia em acceitar as numerosas suggestões de nomes capazes de preencher as lacunas de muitas séries de que menciona aliás numerosos termos. E' o que se deu com os pentanos, heptanos, etc., e os nomes de carburetos conhecidissimos como o australeno, o terebena, os ethino, butino, propino, o naphtaleno, etc.

Muito peor, porém quando persiste em afirmar que gazolina ou gasolina, como quer, vem a ser « carbonato de hydrogenio liquido » dando-lhe uma feição de syphão de confeitaria, gaz carbonico dissolvido na agua.

A physica do *Novo Dicionario* nunca a examinei detidamente, nem mesmo do modo perfunctorio com que percorri os seus verbetes relativos á chimica. Nella ha muita cousa a emendar e muita erronia seria. Apontei alguns deslizes destes e com surpresa agora noto que o illustre dicionarista acceitou pelo menos uma de minhas reclamações. Affirmara na terceira edição que *periscopio* era o mesmo que *caleidoscopia*, verdadeira monstruosidade. Agora disse certo : *periscopio*, « tubo optico usado pelos submarinos como instrumento de visão ». Tambem lhe chamei a attenção para a inaceitavel definição de aeroplano : « aparelho aerostatico movido a vapor e sustentado sobre planos ou laminas postos em acção por um motor da força de um cavallo, inventado recentemente por Langley, em 1896 ». Assim se lia

na primeira edição do *Novo Dicionario!* A definição da terceira é ainda detestavel : « aparelho aerostatico movido a vapor e formado de planos ou de laminas e de um motor. Foi inventado recentemente, em 1896, por Langley ».

Protestei energicamente mas o douto dictionarista só me attendeu em parte. Em todo o caso, retirou aquelle absurdo « movido a vapor » mantendo, porém, o « aparelho aerostatico » e affirmando que foi inventado, *recentemente*, por Langley, em 1896.

Ora, dizer-se em 1926 que 1896 é recentemente... E ainda affirmar que Langley é o inventor do aeroplano... Em todo o caso, melhorou a definição e valeu de alguma cousa o meu protesto.

Não quiz por forma alguma, porém, o illustre lexicographo, convencer-se de que ninguem diz raio catodo e sim raio catodico, como lhe observei. E na definição de catodo faz uma absurda confusão de raios catodicos e raios X...

Inculquei-lhe um ror de lacunas de palavras scientificas hoje as mais corriqueiras como *anaphylaxia*, *ecologia*, *amperagem*, *birefringencia*, *syntonisar*, *tele-dynamica*, *self-inducção*, *ultra-violeta*, etc., etc.

Aventei-lhe centenas, acceitou varias de minhas suggestões como as que se referem a *watt* e *kilowatt* (que aportuguezou para *vatio* e *quilovatio*) *adiabatico* e uns poucos termos mais. Em todo o caso advertido lealmente que fôra dos defeitos, das definições de diversos vocabulos emperrou em não querer modificar-as como no caso de *voltagem* em que vem à esta exemplificação, indigna de um dicionario que se respeita : « conjunto dos voltios que funcionam num aparelho electrico ».

Esperava eu que a quarta edição do *Novo Dic-*

cionario de Candido Figueiredo viesse corrigida de muita definição viciosa que na terceira se contem e augmentada de numerossimas falhas que lhe haviam sido apontadas, sobretudo pelo Padre Teschauer e por mim. Tal não se deu absolutamente. Continúa a ser lacunosissimo o grande lexico que apenas inventariou pouco mais de metade das palavras do portuguez de hoje, da lingua falada em todo o orbe lusitano.

Em materia de technologia scientifica zoologica, corriqueira, apontara lhe eu á terceira edição centenas de lacunas. Poucas foram removidas nesta quarta. E no emtanto são algumas dellas da maxima importancia.

Mas já seria bom que se houvesse expurgado de muitos erros serios, por vezes de verdadeiros dislates.

Mas não : assim continúa a afirmar que as gregarinas que são esporozoarios, vem a ser um « genero de *vermes* intestinaes que vivem em grande quantidade no corpo de certos insectos ». Sustenta que os bryozoarios, vermes, são molluscos; que lombriga é ao mesmo tempo o *ascaris* e a minhoca. Dos cestodos diz : « vermes da classe dos helminthos » como definição do valor da seguinte : *fox terrier*, cão da classe dos cachorros ». Persiste em afirmar que a *anguilula*, que é um verme, seja um insecto. E as lacunas pullulan. Tratando dos molluscos traz a quarta edição do *N. D.* a classificação de Cuvier (de 1812) hoje totalmente abandonada.

Tratando do licranço a nova edição continua a fazer crer que este lacertilio é uma serpente. Averbando *colubrideos* persiste em afirmar que estas « serpentes tem por typo a *cobra* »!!

E define *cobra* : reptil da familia das serpentes...

E como nos ensine que cobra é synonymo de serpente chegamos á seguinte e logica conclusão : « cobra, reptil da familia das cobras; serpente, reptil da familia das serpentes ».

Das actuaes 26 ordens de insectos continuam ausentes da quarta edição mais da metade. E as que ficam tem definições por vezes deploraveis : a besouro nome generico dos coleopteros como todos sabem, restringe aos « amarellos e pretos ». A definição de hymenoptero é a mais defeituosa pois exclue muitas especies de formigas desta ordem! Os myriapodos continuam a ser insectos; as araras especies de papagaios; a nomenclatura das aves prosegue lacunosissima. O mesmo se dá com a dos mammi-feros a que faltam termos e termos dos mais vulgares. Assim brilham pela ausencia palavras corriqueiras como a da sub-ordem das phocas : pinnipedes; de familias essenciaes como os hyenideos, procyonideos, e até canideos!

E continúa a quarta edição com os erros da terceira a affirmar que a nossa jaguaratirica é um cão bravio quando todos nós sabemos que é um felideo. O *jurão* teima em ser o « mamifero vermiforme » o que com tanta propriedade já ridiculisou o Sr. Rodolpho von Ihering chamando lhe « lombriga mamifera ». Continúa o *Novo Diccionario* na nova tiragem a ignorar que anthropoide é adjectivador da subordem dos grandes primatas a que pertencem o orangotango, o gorilla, o chimpanzé.

Verificado assim que a quarta edição do *Novo Diccionario da lingua portugueza* encerra os seus velhos erros quasi todos, e apresenta enorme lacunosidade em materia da tecnologia scientifica e vulgar, e dos, brasileirismos cada vez mais se me

impõe a convicção de que precisamos e dos modo mais vehemente, de um dictionario de confiança. E de um dictionario brasileiro da lingua portugueza. O nosso vocabulario é incomparavelmente mais rico do que o de além mar. A lingua de 35 milhões de individuos ha de ser fatalmente mais rica do que a de sete. O futuro da lingua portugueza está no Brasil, acaba de affirmalo com o maior criterio eminente philologo allemão a que ainda ha dias se referia João Ribeiro.

Mas a organização de um dictionario moderno, como as outras grandes linguas já o possuem custa hoje grandes sommas. Requer collaboração escolhida e numerosa. O Sr. Candido de Figueiredo vivia ingenua e generosamente embalado na illusão de que estava em condições de por si só fazer um dictionario moderno.

Era um philologo notavel mas isto não lhe bastava. Sua cultura geral vinha a ser muito deficiente. O que pretendeu fazer era obra boa para o tempo de Moraes e de Bluteau. Ou ficasse no terreno philologico, restrictamente, ou desistisse de querer por si fazer um dictionario encyclopedico.

A desobediencia a este criterio levou-o a encher as suas paginas de centenas de dislates que lhe tiram a confiança dos consulentes. O que realisou foi muito mas muito aquem das exigencias modernas. Precisamos de um dictionario impeccavel, no genero do de Webster. Assim de tal se compenetre o governo nacional. Grande gloria assistirá ao presidente que promover a erecção de um monumento ao nosso caro idioma portuguez nas paginas do volumoso, do impeccavel *Diccionario brasileiro da lingua portugueza*, expoente da cultura de nossa terra.

XII

Deficiencia dos grandes dictionarios da lingua em materia de brasileirismos. Numero enorme de regionalismos de divulgação restricta.

No prefacio do meu *Lexico de Lacunas*, collectanea de mais de cinco mil vocabulos, não averbados pelos grandes dictionaristas do portuguez, e que em 1914 foi impressa, lembrei quanto é deficiente ainda o inventario de nossa lingua, sobretudo no que diz respeito aos brasileirismos.

Quem percorrer as diversas zonas de nosso paiz, de prompto verificará a existencia de innumeradas palavras autochtonas, se me é permittida esta expressão, quiçá inadequada, cuja esphera de propagação se limita, muitas vezes, a um raio relativamente pequeno.

Assim se dá, por exemplo, com grande quantidade de termos do norte de S. Paulo, que o oeste do Estado por completo desconhece e vice versa.

De Estado a Estado, embora se trate de circumscripções limitrophes, a divergencia no sentido de innumeradas palavras abrange latitudes, por vezes extraordinarias. Assim se dá, por exemplo, entre o

Rio de Janeiro e S. Paulo, cidades que, no entanto mantêm relações as mais intensas e de mil naturezas. Para só citar um exemplo : *patife*, para os fluminenses é velhaco, para os paulistas apenas medroso.

Ha palavras que em S. Paulo têm significação obscena e no Rio accepção innocente e até carinhosa. Relatou-me José Verissimo ter ouvido, creio que em Sergipe ou Alagoas, empregar correntemente, como synonymo de virago, uma palavra que é das mais cruas obscenidades no sul do Brasil. Assim, tambem em S. Paulo ouve-se por vezes, aos labios das pessoas mais « recatadas, um adjectivo, synonymo de « espandongado », cuja assonancia, simplesmente pavorosa, tem etymologia a mais socz, palavra da gíria estudantal ou soldadesca carioca, das vizinhanças de 1895, pois bem me recordo do seu apparecimento.

Transportando-se a quinhentos kilometros do seu nascedouro, perdeu a palavra a virulencia chula para assumir feição totalmente innocua. Singular transformação que leva a applicar aos vocabulos a philosophia do *habent sua fata...*

Entre o norte do Brasil e o sul é, ás vezes, immensa a divergencia do vocabulario. Correm na Amazonia centenas, milhares de palavras e locuções, tão completamente estranhas aos bahianos, fluminenses, mineiros, etc., quanto estes e aquelles ignoram totalmente innumerados dos provincianismos familiares aos riograndenses do sul. Haja vista o que se dá com o opulento vocabulario amazonense de Alberto Rangel, tão extranho á gente do sul quanto a enorme copia de gauchismos de Alcides Maya e Roque Calage.

Uns e outros termos frequentemente nos deixam, a nós leitores do centro do paiz, inteiramente *a quo*

do que possam significar. Nem nos podem valer os lexicos regionaes, pois aos grandes dictionarios é inutil pensar recorrer. Coruja e Romaguera Corrêa para os gauchismos dos modernos autores são tão deficientes quanto Chermont de Miranda para os do Pará e da Amazonia em geral. O mesmo se dava em relação aos vocabularios de regionalismos paulistas empregados por Valdomiro Silveira, Monteiro Lobato e Cornelio Pires e, em grande parte, elucidados ultimamente por Amadeu Amaral no seu *Dialecto caipira*.

Constantemente agora nos apparecem livros cheios de novidades regionaes, verdadeiras revelações no sentido de se avolumar o inventario dos brasileirismos e no genero da *Terra do Sol*, de Gustavo Barroso, das *Tropas e boiadas*, de Carvalho Ramos, etc.

Do que nos resta recolher e averbar dá-nos idéa o que, sem objectivo especial, aliás, apontaram Arthur Neiva e Belisario Penna, na sua interessantissima e tão fecunda jornada scientifica pelo sul do Piauhy, norte, centro e sul de Goyaz. Centenas de palavras averbaram, ignotas aos nossos lexicographos, e muitas dellas tão pittorescas! tão adequadas á sua expressividade ingenua...

Não ha zona do Brasil, por circumscripta que seja, onde não occurram muitas e muitas palavras locaes, termos desuetos, obsoletissimos, vocabulos que perderam a significação.

Assim, por exemplo : na segunda edição do seu dictionario, dizia o Sr. Candido de Figueiredo, a citar um trecho de Bernardes, que não sabia que sentido attribuir á palavra « sobroço »

Na magnifica *Terra de Sol*, sem favor algum um dos melhores livros nacionaes, veiu Gustavo Barroso

revelar a vitalidade desta velha palavra, no Ceará, a significar : receio, susto. Averbei-a no *Lexico de Lacunas* e o Sr. Candido de Figueiredo deu-lhe foros de cidade na terceira edição do seu dicionario, attribuindo-lhe ainda o significado de « embaraço », « impedimento » e a mencionar que Felinto Elysis a empregou. Assim muitas e muitas palavras tidas por obsoletas, totalmente esquecidas nos grandes centros, e nas regiões de maior cultura do Brasil, persistem acantonadas em determinada esphera de acção, resistindo ao aniquilamento soffrido alhures, verificado em quasi toda a parte.

E' o que succede em certa região de S. Paulo, nos municipios ribeirinhos do Tietê, e cujo centro de povoamento e civilização foi Ytu' Nesta velha cidade, tão fortemente cheia de individualidade ainda, correm muitos termos obsoletos, com um raio de divulgação restricto, que attinge algumas dezenas de kilometros.

E' o que, por exemplo, se dá com o verbo *mancar*, na accepção de faltar, falhar, e que aliás, segundo nota o Sr. Candido de Figueiredo, na terceira edição do *Diccionario*, continua ainda usado « na região de S. Francisco », querendo com isto provavelmente referir-se á região do rio S. Francisco. Em Ytu' diz-se, por exemplo : « Vou sempre a São Paulo, mas durante a colheita *manco* uns mezes. »

Curioso é que, ás vezes, um accidente geographico de vulto sirva de fronteira ás palavras. E' o que se dá com os municipios ribeirinhos do Parahyba, mineiros e fluminenses, e as palavras *papeata* e *papeateiro*. *Papeata*, para os mineiros da Matta, quer dizer scena ridicula, demonstração de sentimentos falsos, exaggerados, fingimento, *fitá*, como é tão

vulgar dizer-se hoje. *Papeateiro* é o equivalente do *fiteiro*, hoje correntissimo em todo o Brasil, mas fiteiro de certa categoria. Ha ahi uma nuance intraduzivel. Pois bem, o Parahyba serve de fronteira a estas duas palavras. Pelo menos, jámais as ouvi á sua margem direita, entre fluminenses, ao passo que as encontrei popularissimas em Juiz de Fóra e nos municipios da Matta, a poucos kilometros da linha fluminense.

O mesmo succede em outras regiões do Brasil. E' o rio de S. Francisco uma fronteira sobremodo acentuada, separando zonas de divulgação de palavras.

Facto curioso é o que se dá com a synonymia vulgar da Manihot utilissima, planta nacional por excellencia. *Mandioca* é *aipim* do Rio de Janeiro ao S. Francisco e *aipim* é palavra quasi desconhecida em S. Paulo. Do grande caudal parao norte passa a ser *macachera* palavra que os fluminenses tanto ignoram quanto os paulistas a *aipim*.

Para grande numero de casos é o S. Francisco antransponivel fronteira de numerosos vocabulos não só de Sergipe para Alagoas como entre as duas grandes regiões a bahiana e a pernambucana. Dá me o erudito amigo, Comm. Tibertino Mondim Pestana, distincto sergipano residente em S. Panlo ha longos annos diversos exemplos do que acabei de avançar

Em Sergipe :

Caapeba
Fedegoso
Crista degallo
Sarué
Quiri

Em Alagoas :

Pariparoba
Mangerioba
Fedegoso
Timbú
Taca

Macossá
Cuia
Robalo

Pamonha
Quenco
Camorim

etc., etc., que os exemplos avultam.

Ha tambem palavras vulgarissimas, da linguagem corrente, cujos derivados são regionalismos de restricta esphera de divulgação : assim em S. Paulo criou-se o verbo *casamentear* (fazer hypotheses ou espalhar boatos acerca de possiveis ou provaveis combinações matrimoniaes), dizendo-se *verbi gratia*, « andam *casamenteando* muito Ernesto e Albertina, quando elles mal se conhecem ». No Rio de Janeiro ninguem emprega tal palavra. Em Campinas, e outras cidades do oeste de S. Paulo, diz-se universalmente *apromptação* por preparativo. « *Apromptação de viagem* », « *apromptações de festa, casamento* », etc. E jamais ouvi tal substantivo onde quer que seja, fóra daquela zona paulista.

A experiencia me convenceu de que deve haver pelo menos uns cem mil brasileirismos, que os grandes lexicos da lingua não contemplaram ainda.

Pouco tenho viajado nas diversas zonas do paiz a não ser quanto a S. Paulo, Rio de Janeiro e Minas, mas sempre me succedeu descobrir regionalismos, por vezes numerosos, ao percorrer novas directrizes, sobretudo pondo-me em contacto com pessoas do povo, caipiras e caboclos.

E isto a todos succede a cada passo. Arthur Neiva, em certa occasião, passou quatro ou cinco dias em Iguape e pouco depois, a rememorar as palavras ali ouvidas, e ainda não suas conhecidas, deu-me uma contribuição extensa de lacunas dos grandes dictionarios.

Nem sempre é coisa facil surprehender estes regionalismos. Se os interlocutores percebem que se esta querendo apprehendel-os calam-se, como commigo succedeu diversas vezes, durante excursões de pesca com caiçaras do littoral paulista e do interior do Estado. Intimidavam-se, pensando que a minha attenção e curiosidade eram motivadas pelo espirito de zombaria de sua ignorancia e rudeza de lingua. Assim, em certa occasião, agastou-se um caipira porque insisti que me explicasse o que queria dizer quando affirmava haver caça abundante num *brumado* perto do rio Mogy Guassu', ou Uuassu', como pittorescamente dizem os caiçaras do centro de S. Paulo e, ás vezes, até pessoas de posição, fugindo ao *g* inicial das palavras numa gutturalidade, attenuada em aspiração prolongada, que supponho provir do atavismo ou do contacto tupico de antanho .

E' um sotaque pittoresco e curioso, indefinivel, que leva certos individuos a pronunciar, por exemplo, « aanso » p^hor ganso, num emittir de vozes que, ás vezes, parecem dizer tambem « gaanso », com um *g* quasi imperceptivel, como o *r* inglez em *iron*. São muito interessantes estas modalidades intermedias. E' o que se dá com o *r* e o *l*, tambem no oeste de S. Paulo, onde correntemente se avisinham, e de tal modo, os phonemas que é impossivel distinguir-se sua linha de separação.

Assim, uma pessoa chamada Alves de Camargo, por exemplo, a declinar os nomes, não pronunciará frisantemente Arves de Camalgo, como fazem os habitantes de muitas outras zonas brasileiras em que se troca o *r* pelo *l* e vice versa. Dirá num rolar de lingua, sobremodo caracteristico, qualquer coisa que se pareça com Arlves de Camarlgo. E isto me recorda

outro vicio curioso de linguagem, summamente commum entre bahianos, até dos mais educados, o deslocamento dos logares das vogaes de certos diphthongos que os leva a dizer *muntio*, *otio*, *circutio*, por muito, oito e circuito, etc.

Não será este vicio tão vulgar quanto o da supressão do *h* junto ao *l*, que este é quasi universal na Bahia, que diz *pileria* e *muler*, como é tão sabido em todo o Brasil, não será talvez o caso tão popular quanto a *canua de cucos* do Pará, mas não deixa de ser espalhadissimo, do Mucury ao Rio Real e do Atlantico á serra do Duro.

Mas quanta digressão! dirá o leitor benevolo. Assim, voltemos ao assumpto de que nos afastámos : a saber da difficuldade de caçada de brasileirismos inéditos, entre a gente do povo, devida ao acanhamento e retracção dos consultados. Certo dia assistia eu ao levantamento de uma rêde de pesca, num tanque do municipio de Limeira. Apanhara ella muitos cascudos, trairas, bagres, etc. « Mecê venha ajudar-nos a *desembramar* estes peixes », pediu um dos pescadores a um dos presentes. Era a primeira vez que me encontrava com o verbo, novo synonymo de desenredar. Achei-o curioso e indaguei : Como é que você disse? *Desembramar* ? Fitou-me o interpellado, como admirado de tal ignorancia acerca de tão vulgar palavra; perturbou-sé um pouco, porque desde muito percebera que eu lhe prestava attenção ás expressões e, afinal, respondeu com certa impaciencia :

Eu não sei se está certo, mas de pequeno falo ansin.

Tive depois o ensejo de notar, quanto, em Limeira e municipios visinhos, eram correntes *desembramar*

(desenleiar, desatar, desamarrar, desnovellar, etc.) e seu antonymo *embramar*. Ou antes, é mais justo que *embramar* tenha a prioridade e assim seja *desembramar* o antonymo.

XIII

A extranha lacunosidade dos grandes dictionarios portuguezes em materia de brasileirismos. Ausencia de palavras derivadas correntes em todo o Brasil. O immenso avolumamento da lingua entre nós.

Leia alguém, diariamente, tres ou quatro dos grandes jornaes brasileiros, na parte editorial e na ineditorial. E, certamente, não deixará em cada jornal, de recolher, pelo menos, um termo, senão mais, ainda não averbados nos grandes dictionarios da lingua. Não só ha uma tendencia nacional extremamente acentuada para a criação de neologismos, e palavras derivadas, como o progresso e aperfeiçoamento das industrias antigas e a criação das novas, o apparecimento de invenções, que tomam logo enorme impulso, trazem grandes contingentes vocabulares recentes e recentissimos. Já nem me quero referir á technologia scientifica que esta, annualmente, se avoluma de modo prodigioso e, a cada passo, provoca a entrada, para a linguagem corrente, de numerosissimas palavras que estão nos labios de todos, em continua recordação.

Assim se dá, por exemplo, com a technologia ra-

diologica, com a da aviação, da aeronautica, serum-therapica, etc., etc. As descobertas scientificas, trazem á linguagem vulgar, preciosissimas contribuições, de expressividade admiravel. Assim, por exemplo, antigamente se dizia de um individuo farto, fartissimo, mais que enfarado de um assumpto, que estava saturado; já hoje, a descoberta de Richet nos permite comparação muito mais poderosa declarando *anaphylatisado* o que o antigo *saturado* não exprimia bastante ainda. E assim por deante.

Dahi, o avolumamento continuo, do vocabulario. O numero de palavras derivadas cresce, no Brasil, parallelamente, de modo extraordinario. E, realmente, porque não hão de os dictionarios consignar adjectivos procedentes de certos verbos usuaes, quando outros adjectivos de formação identica, são recolhidos. Por que motivo, por exemplo, se fecha a porta a *abalador* e *agrupador* quando se recebem *aniquilador* e *animador*?

Não é corrente ouvir-se dizer, por exemplo : a derrota eleitoral recente, *abaladora* do prestigio politico do deputado X.? o movimento *agrupador* das opposições ao governo accentua-se dia a dia? E como se diz *agrupador* se diria *agremiador*, que tambem os actuaes novissimos dictionarios não recolheram ainda. Com os adverbios de modo, dá-se a mesma coisa. Por que recusar averbamento a termos como *altisonantemente*, por exemplo, ou, melhor, *clangorosamente*, que se dirá com a maior naturalidade quando se recolhe *clamorosamente* e *estrepitosamente*? Não se dirá com a mesma precisão que as trompas de uma banda de musica atroaram os ares *estrepitosamente* ou *clangorosamente*. E não será até mais adequado o segundo adverbio?

Ha, tambem, uma infinidade de substantivos derivados, cujos suffixos em *agem*, *ento* e *ismo*, *ista*, etc., andam á boca de todos, e entretanto, ainda não passaram para os dictionarios, quando outra infinidade de palavras do mesmo jaez já alcançaram a honra do *dignus est entrare*.

Quem, por acaso, estranhará ler nos jornaes : « Com o seu prestigio promoveu X. o *acobertamento* dos criminosos pela propria policia local? o *adhesismo* geral foi consecuencia caracteristica do movimento revolucionario; F. nega a G. o direito da *açudagem* das aguas do ribeirão que passa pelas terras de ambos. »

O Sr. Candido de Figueiredo registra *acanhamento*, mas não *encalistramento*, universal no nosso paiz. *Açudagem*, *açudamento*, *represamento*, são palavras tão correntes, como *barragem*.

O Sr. C. de Figueiredo, apenas cita esta ultima, a que curiosamente, para nós brasileiros, não dá o sentido de muro represador de aguas, definindo-a assim : « Tapume feito de troncos e ramos entrelaçados, dentro da agua dos rios, para impedir a passagem do peixe, obrigando-o a convergir para determinado ponto. » Eis uma definição inteiramente inexpressiva para nós outros. *Barragem*, em Portugal, é o que todos aqui conhecemos por cercado de peixe ou, mais vulgar e concisamente, mais brasileira e simplesmente, *pary*. Entretanto, a cada passo nos referimos ás barragens da Light no « Ribeirão das Lages », em Votorantim e mil e outros pontos. Ha uma obra official da Inspectoria de Seccas, *Perfis de barragem*. *Barragem* é tão conhecido como *represa*.

Vocabulos em *ismo* e *ista* são hoje incontaveis

entre nós, tem universal aceitação e a maior divulgação; no entanto, ainda se acham á espera do sesamo dos lexicographos. Só agora é que o Sr. Candido de Figueiredo concedeu ingresso a *altista* e *baixista*, palavras milhões de vezes empregadas, diariamente, nos nossos centros de negocios, e que lhe apontámos, como lacunas de sua segunda edição. E ainda assim mesmo entendeu restringir-lhes a significação, restricção contra a qual nos insurgimos. *Altista*, diz o Sr. Candido de Figueiredo, é um brasileirismo pelo qual se designa o bolsista que joga na alta do cambio. *Baixista*, bolsista que joga na baixa do cambio.

Quem, no Brasil, não sabe que ha altistas e baixistas do café, do algodão, da farinha de trigo, dos titulos de empresas, etc., etc.?

E' colossal o numero de derivados usados na nossa imprensa que se tornam corrente na linguagem vulgar. Ha uma tendencia accentuadissima em avolumar o numero destas palavras que leva a crear adjectivos, substantivos, verbos, com terminações sobremodo exoticas, por vezes. Assim se deu com o adjectivo *marechalicio*, empregado diariamente por centenas de articulistas, durante a grande campanha presidencial de 1909-1910 entre o civilismo e o heremismo, para se designar a candidatura do marechal Hermes da Fonseca.

Não merecerá ser recolhido um termo que teve a maior vitalidade e cuja existencia se manteve até hoje. Voltou á baila com enorme insistencia, a proposito do *pronunciamento* de julho de 1922, chefiado pelo mesmo marechal.

Ha, além destes derivados, tambem a considerar os neologismos de formação literaria, de origem helle-

nica ou latina, que se arraizaram no portuguez falado no Brasil. O grande precursor deste movimento, entre nós, foi Castro Lopes, a quem não faltaram os imitadores e continuadores. O Sr. Candido de Figueiredo negou a entrada aos seus *convescote*, *nasoculos*, *ancenubio*, ao passo que aceitou *cardapio*, *preconicio*, *runimol*, *lucivelo*, não sabemos por que, pois tanto uns como outros, provêm da mesma fonte e de abalissada origem.

Não julgamos exagerar, no emtanto, affirmando que não ha quasi entre brasileiros cultas, quem ignore que *convescote*, quer dizer pic-nic, e *nasoculos* *pince-nez*. Ficaram estes neologismos inventados por Castro Lopes tão incorporados á lingua, como *cardapio* e *preconicio*, por exemplo, que estes estão indestructivamente aceitos.

Os neologismos de formação latina e grega, tambem se avolumaram muito no Brasil, alguns fizeram enorme carreira, como *necroterio*, proposto por meu pae, ha muito averbado pelo Sr. Candido de Figueiredo que na ultima edição do seu dictionario não lhe indica a procedencia brasileira e no artigo referente à palavra *morgue*, manda ver o nosso termo em lugar do gallicismo dispensavel.

Ha numerosas palavras deste jaez formadas no Brasil e com bastante divulgação : algumas dellas bem formadas, outras por demais pedantescas, como por exemplo, a *podosphera*, que um jornalista quiz, por força, acclimar para substituir o britannismo do *football*, aliás, hoje, convertido na horrivel deturpação prosodica do *futebol*, inculcadora de pessima pronuncia ingleza.

Dia a dia cresce e cresce immenso a riqueza verbal do portuguez falado e escripto no Brasil. Os annuncios

dos jornaes disto dão a maior prova : leia alguém, com attenção, os avisos de leilão, as descripções de fabricas á venda, a relação dos machinismos e mecanismos das industrias, dos seus accessorios e sobresalentes, recorra depois aos nossos mais completos dictionarios. Verá que immensa quantidade de palavras existem á boca do povo, sem a exemplificação dos lexicos.

A tecnologia do automovel, por exemplo, está toda por entrar para os dictionarios, e, é sobremodo, consideravel. E poderão os lexicographos deixar de constatar a existencia de palavras que todo o mundo hoje conhece como *volante*, *klakson*, *esterçar*, *cáter*, *manica*, etc. ?

E cada industria tem tecnologia de larga extensão nos mesmos casos. As machinas criam verbos adjectivos e substantivos. Assim como de calandra se tirou calandrar, calandragem, calandreiro, calandrado de cada machina nova nasce uma série de termos que se tornam de uso familiar e corrente nos meios industriaes.

O que tambem resta a consignar nos nossos lexicos, em materia de nomenclatura vulgar botanica, zoologica, mineralogica, etc., é immenso e cremos que para um paiz da vastidão do nosso, jámais se poderá recolher os nomes que as constituem, tanto mais quanto o mesmo objecto tem uma infinidade de appellidos. Vemos uma arvore chamar-se *Tres marias* em determinado logar ; a dez leguas de distancia ninguem lhe chamará senão *Primavera*; em outra zona terá nome de origem tupica; em outro dos nossos Estados, um appellido africano, etc. O mesmo se dá com os passaros, com os peixes, insectos, etc. Nesse ponto, a synonymia até hoje recolhida é ainda muito pobre.

Tomemos por exemplo o caso do *Bucco chacuru* de que falámos. Não tem este passaro mais de dez nomesnas diversas zonas do paiz?

Uma colheita de brasileirismos, ha de ser ampla, sempre, a quem viajar com certa demora em qualquer zona do paiz. Disto, tenho as mais evidentes provas por experiencia própria, pelo facto de pedir contribuições a pessoas frequentemente sem illustração e muitas vezes da maismodesta condição social.

Em Ouro Preto, a conversar vinte minutos com o sacristão da admiravel egreja de S. Francisco, ouvi logo uma duzia de palavras que desconhecia e das quaes metade era inedita para os grandes dictionarios. Noutra occasião, numa estada em estação de aguas, tive o prazer da excellente convivencia com um moço distinctissimo, grande agricultor no sul da Bahia e advogado de renome, o Dr. Paschoal Amancio Camelyer. Num instante, quando lhe falei na cachimonia de colleccionar lacunas, acudiram-lhe á mente mais de uma centena de *bahianismos* da zona cacáoeira, totalmente estranhos aos nossos dictionaristas.

Ha, no minimo, em cada municipio do Brasil, uma centena de termos locaes, ineditos até hoje, incluindo-se ahi a nomenclatura vulgar das sciencias naturaes. Assim sendo elles, mil tresentos e cincoenta, mais ou menos, não será difficil avaliar em cem mil os brasileirismos ineditos, descontadas as repetições prova-veis entre districtos visinhos. Houvesse em cada uma destes circumscripções municipaes um dedicado á faina da colheita de regionalismos, e no fim de pouco tempo veriamos quanta palavra existe por ahi vivaz, a que ainda não se deu os fóros da cidadania portugueza.

E no meio desta enxurrada de vocabulos, quanta coisa pittoresca, quanta coisa preciosa, quanta palavra expressiva e de formação intelligente, se não philosophica até, filha da simplicidade popular e verdadeira *vox Dei!*

XIV

Os trabalhos valiosos de Teschauer. A enorme colheita de brasileirismos realisada pelo douto jesuita. Reparos summarios a seus processos.

A's considerações que aqui expendo veio reforçar, quer-me parecer, o apparecimento de trabalho sobremodo util e opportuno do R. P. Carlos Teschauer : *Novo Vocabulario nacional*. E' mais uma contribuição excellente com que o illustre jesuita brinda as nossas letras.

Na classe dos estrangeiros benemeritos do Brasil, figura sob muitos e muitos titulos de real louvor este illustre membro da Companhia de Jesus que, vindo estabelecer-se em nosso paiz, trouxe á sua patria de adopção as veras do coração affectuoso. Pertence a uma pleiade que á sua provincia riograndense cobre do maior prestigio, figurando ao lado de Hafkemeyer, Rick Schupp e outros. A Teschauer devem as nossas letras historicas obras do valor da *Historia do Rio Grande do Sul*, da *Vida de Roque Gonzalez*, e a nossa philologia as excellentes *Apostillas ao diccionario de vocabulos brasileiros*, em dois volumes, além, do recentissimo *Novo Vocabulario na-*

cional, terceiro tomo dessa série valiosa. Registam-se aqui oito mil e quinhentos vocabulos nacionaes. Da sua bibliographia se infere quanto o autor é um formidavel ledor de livros, opusculos, periodicos, de todo o genero, publicados em nosso paiz, e ledor attentissimo. Difficil será achar-se quem neste particular o acompanhe, pela variedade da leitura, impossivel quem o supere.

Publicando, ha annos, o seu *Novo Vocabulario brasileiro*, affirmava o douto jesuita exactamente o que tambem proclamámos : « o avolumamento continuo do numero de palavras hoje corrente no Brasil é a prova eloquente do continuo e relativamente ligeiro desenvolvimento do idioma nacional e ao mesmo tempo a affirmação mais energica da nacionalidade brasileira ». Agora na pequena advertencia ao *Novo Vocabulario nacional*, adduz : « O primeiro centenario da Independencia politica deve marcar o primeiro passo de nossa independencia intellectual que já se manifesta em milhares e milhares de vocabulos nacionaes que não tem entendimento nem significação em Portugal. Ufanos, escreve Oliveira Lima, celebramos a independencia no centenario do nascimento da nação brasileira; a uma nova nacionalidade deve corresponder não só uma literatura propria, como uma lingua diferenciada. » O novo livro de Teschauer em que se lêem mais de oito mil e quinhentos (8.500) vocabulos nacionaes é ao lado de outras semelhantes manifestações uma prova na verdade modesta, porém, eloquente, do continuo desenvolvimento da propriedade linguistica, affirmação energica da nacionalidade brasileira e de sua independencia intellectual.

E' de lastimar que o Rev. P. Teschauer não tenha

tido um pouco mais de paciência e um pouco mais de arrojo para fundir num volume, num dictionario geral de brasileirismos, todos os lexicos regionaes e vocabularios brasileiros, e as suas proprias obras. Teria certamente um dictionario de cem mil vocabulos dos quaes pelo menos cincoenta mil desconhecidos em Portugal e ainda não averbados pelos mais modernos lexicographos.

Procedendo por partes, como está fazendo, algum tanto dispersivamente, como que age segundo o criterio dos naturalistas, empolgados e frequentemente allucinados pela idéa fixa de salvar direitos á prioridade das descobertas de generos e especies novas, a lançarem, açodadamente, *notas previas* e *noticias preliminares*, com as diagnoses de seus achados, frequentemente illusorios, que hoje as mais das vezes, as grandes revisões dos grupos zoologicos e botanicos tragam estas esperanças, atirando-as á valla commum da synonymia.

Outro facto para mim inexplicavel ocorre nos optimos trabalhos de Teschauer.

Porque, de vez em quando intercala elle nomes geographicos e historicos ás palavras vulgares dos seus lexicos?! São tão poucas que apenas perfazem uma série insignificante de apontamentos não philologicos, que, no emtanto, tomam bastante espaço dos livros. Por que citar algumas dezenas de rios, serras, lagos, etc., ou de factos historicos? Por que esta restricção? Por que falar na serra sorocabana da Arassoiaaba, isoladamente, quando não e menciona nem sequer as demais serras paulistas? E para que mencionar um ou outro facto historico como a da matança de Uruassu', no Rio Grande do Norte, sob o dominio hollandez, isoladamente? Não atino com

o criterio que levou ainda agora o illustre autor a realizar semelhantes enxertias ao seu excellente livro, a que, aliás, faz enorme falta uma boa introdução, obrigatoria, em taes casos.

Outro ponto de vista que tambem não apanho bem, é o seguinte : Por que razão escolheu o autor palavras salteadas dos diversos lexicos de que se serviu para a sua collecção, abandonando numerosissimos vocabulos que deveria ter mencionado, e, inexplicavelmente, a meu ver, deixa em silencio?

Assim, em relação ao meu modesto *Lexico de lacunas*, fez a honra de citar muitas centenas de palavras, mas intervaladamente. Esta collecção tem umas 5.500 palavras, omissões da segunda edição de Candido de Figueiredo. Dellas escolheu o Padre Teschauer uma meia duzia de centenas e semeou-as pelo seu excellente *Vocabulario*, acompanhadas até dos meus exemplos.

Tomo duas paginas de meu trabalho : 58 e 59, em que averbo 53 lacunas, destas cita o R. P. Teschauer *casa de prego, casamenteação, casamentear, casamenticio, cassununga, castanheiro, catanduva, catanduval, catatau*, nove palavras e abandona 44, de numerosas categorias, as mais diversas, algumas das quaes correntes na linguagem vulgar como *casca grossa* (individuo grosseiro), *cascabulho* (estudante de humanidades), *catimbueira* (espiga de milho defeituosa, na Matta de Minas), etc. Assim succede a quasi todas as paginas, e esta selecção me parece sobremodo exquisita, comquanto haja notado que o illustre autor não quiz averbar, em geral, a nomenclatura botanica e zoologica, muito embora sejam nas suas paginas frequentes as excepções. Assim colloca *Catiguá*, arvore meliacea, e recusa *catu-*

canhem, arvore protacea, fala no papagaio caturrita (*Bolborrynchus monachus*) e deixa o periquito catorra (*Conurus murinus*).

Realmente não sei como explicar semelhante facto que me parece verdadeira anomalia. Fóra de duvida, comtudo, é que o *Novo Vocabulario nacional*, do R. P. Teschauer, representa subsidios de valor para o grande dictionario da lingua falada no Brasil, que mais dias menos dias se elaborará.

A paciencia com que o seu autor colligiu estas achegas, o cuidado e a meticulosidade das transcripções, dão-lhe real valia.

Por elle se vé como se plastifica, diariamente, o portuguez que falamos, como adquire elementos novos, como se avoluma, como tende ao enriquecimento continuo pela derivação dos elementos classificados.

Tome-se por exemplo uma serie de vocabulos apontados pelo R. P. Teschauer, por elle colleccionados e nascidos do prefixo *Des*. Que riqueza de exemplos, quanta palavra abonada pelos maiores nomes das nossas letras : *desabonador*, *desadmi-nistrar*, *desaguisar-se*, *desaproveitado*, *desbacharelisação*, *descultura*, *despoliticalhar*, *despresentir*, *des-temerosamente*, *desfraternisar*, *desgarantir*, *desvirgular*, *desobumbrar-se*, *despontuar*, etc., de Ruy Barbosa; *desbote* de José de Alencar; *desmortificado*, de Machado de Assis, etc. Mais de quatrocentos vocabulos assim derivados adduz o P. Teschauer subordinados ao prefixo *des*, colhidos em dezenas de escriptores nossos, illustres ou notados.

Das omissões que apontei tambem principiadas por *des* recolheu o autor de *Novo Vocabulario nacional*, mais de duas dezenas, mais ou menos a terça parte do que colligira eu.

O que o R. P. Teschauer, com tanta paciência e pertinácia, está realizando, desacompanhado, daria enorme colheita se fosse levado a cabo por diversas pessoas em diferentes zonas do paiz. Houvesse por exemplo algum mecenas que annunciasse pagar mil réis por palavra ainda não mencionada nos grandes dictionarios portuguezes, no do Sr. Candido de Figueiredo, por exemplo, comtanto, porém, que se provasse que tal palavra já houvesse sido impressa, em livro, ou no jornalismo, até 1º de janeiro de 1927, digámos. Acudiriam os pesquisadores a percorrer os jornaes e as revistas, os livros e os opusculos e dentro em breve estariam — disto estou convencido — levantados e documentados uns cincoenta mil vocabulos novos. Custaria a caçada uns cincoenta contos de réis, quantia que intimidaria os nossos pagadores, mas que, mesmo para muitas das fortunas do Brasil, não vem a ser coisa que as arraze.

Assim, e a título de curiosa experiencia, occorresse a um dos nossos pequenos millionarios semelhante idéa e não a quizesse achar inteiramente estapafurdia. Veria surgir de todos os cantos um vocabulario novo e rico, totalmente ignorado dos lexicographos. E se então se pedisse a contribuição da linguagem falada sem a exigencia do passaporte da impressão, teriamos com a maior facilidade cem ou cento e cincoenta mil palavras a mais. Mas que o caçador de omissões se restringisse só ás palavras acompanhadas da certidão de baptismo. Haveria de se ver afogado numa enxurrada de lacunas brasileiras, para seu maior gaudio e desprazer dos dictionaristas typo Candido de Figueiredo a quem parece inquietar o enorme avolumamento da linguagem brasileira.

A pobreza do vocabulario portuguez em face do das demais grandes linguas. As contribuições alienigenas no Brasil.

Por que esta relutancia em avolumar o vocabulario portuguez? e sobretudo com as contribuições brasileiras? Será a nossa lingua por demais rica, com os 137.000 termos que Figueiredo inventariou? Não representa isto entretanto uma cifra baixissima? quando se sabe que os « Webster », os « Standart » inglezes e americanos, de hoje, revelam a existencia de quinhentos mil vocabulos inglezes? que os dictionarios allemães consignam mais de 300.000 palavras e os francezes já estão acima de 250.000? Das quantas linguas civilizadas é a portugueza das mais pobres, quanto ás technologias ninguem o ignora.

Porque razão refugará Candido de Figueiredo os nossos termos technicos como « abarcadeira », « alargador », « arranca-estacas », « arranca pregos », « atiçador », etc., que lhe suggeri numerosos, quando não poz a menor objecção a recolher alguns britanismos realmente pavorosos que a construcção das estradas de ferro enraizou em Portugal como « chu-

lipa » (o nosso « dormente »), de « sleeper » e outros não menos rebarbativos e desimaginosos?

Não se acha tão diferenciado o portuguez ainda que estejam os lexicographos a olhar com o « dente superbo » horaciano para as contribuições que lhe avolumem o inventario. E a prova disto vem a ser a enorme difficuldade em que se debatem os que até agora têm pretendido organizar dictionarios technicos entre nós. Não sabem como traduzir centenas, milhares de palavras, das technologies ingleza, allemã e franceza.

Precisam a portuguezar os vocabularios estrangeiros que os correspondentes a estes termos, hoje imprescindiveis, não os encontrarão certamente no *Novo Diccionario*, sobretudo quando neste tanta má vontade houve em deixar entrar os escassos recursos technologicos brasileiros.

De quanto as vozes luzitanas são deficientes neste capitulo vocabular prova-o a carreira feita em S. Paulo, por exemplo, por palavras de excellente derivação latina, portanto perfeitamente aceitaveis por nós outros, mas de importação italiana no genero de « lanificio », manufactura de lans, que Candido de Figueiredo já acolheu.

Muitos delles podemos tomal-os sem a menor relutancia, embora haja alguns, entretanto hoje correntissimos, na linguagem vulgar, cujo italianismo é muito mais forte do que o latinismo. Houve neste particular, no Estado de S. Paulo, devido a influencia italiana, a criação de enorme numero de substantivos deste genero. Apregoam os annuncios de fabricas : o « capellificio », da firma X; o « pastificio », de Y; o « cottonificio », de Z; o « vinificio », de V, etc., designando as fabricas de chapéus, de

massas alimentares, tecidos de algodão, e estabelecimentos vinhateiros. Surgem até neologismos de aspecto rebarbativo como o « sericificio » de um cidadão que gaba a sua manufactura de sedas. Mas que remedio terão os lexicographos senão recolher taes palavras desde o momento em que se tornem universalmente usadas pela linguagem vulgar e na imprensa? Brevemente teremos « phosphorificios » e quiçá até « vassourificios » ou « panellificios » ao se generalizar esta tendencia em se designar uma fabrica por um só substantivo que vejo dia a dia maior nos annuncios dos jornaes paulistas.

Grande volume tomou contemporaneamente o numero de substantivos em « aria » que designam officinas ou estabelecimento de commercio.

Se outr'ora se dizia sapataria e alfaiataria hoje se lêem nas ruas annuncios de « engomaderias » que o Sr. Candido aceitou, de « fecularias », « amiderias », etc., nomes de fabricas de fecula e de polvilho, etc., a que o illustre lexicographo applicou o seu veto.

Apparecem diariamente termos novos os mais imprevistos, frequentemente de má ou pessima derivação que conviria refugar se possivel. Assim já vi em Santos uma taboleta annunciando uma « jouraria » e no Rio de Janeiro outra pedindo empregadas « joueirás », duas palavras derivadas do « point à jour », renda, que, creio tem numerossimos apreciadores nos nossos bons Brasis.

Naturalmente será de muito se aconselhar o « in medio virtus » para não desfigurar demais o nosso portuguez já enxertado de contribuições extralusi-tanas nessa « terra de todos » em que o Brasil se está convertendo, pelo menos em certas zonas meridionaes.

Mas se milhares e milhares de arabismos seculares pertencem indestructivelmente ao cabedal da lingua os annos hão de forçosamente dar ganho de causa a milhares e milhares de estrangeirismos de varias procedencias que pleiteam a sua inclusão nos lexicos do portuguez falado no Brasil e hão de lhes forçar as portas, infallivelmente. Assim se dará com grande numero de italianismos no Estado de S. Paulo que evoluem de seu idioma, ou dialecto de origem, para uma lingua pittorescamente chamada em S. Paulo de « juó-bananere », hybridó italo lusitano com assonancias fanhosas desagradaveis e um sotaque tão esquisito, tão singular, que a todos chama attenção E do « juó bananere » para o portuguez.....

E já não é o mesmo portuguez falado pelos italianos natos. Os brasileiros filhos de immigrants italianos que se mantêm agglomerados e ouvem os paes falar a lingua materna pronunciam o portuguez de modo muito diverso do dos seus progenitores e tambem muito differente do dos luso-paulistas. Os filhos de « Juó bananere » (João Bananeira), espirituoso e popular typo literario criado por Marcondes Machado para symbolizar o italiano meridional « carcamano » que fala um portuguez tão pavoroso como o proprio patuá materno, a que estropia ; os filhos de « Juó bananere » lançam nos meios em que vivem, palavras que fazem grande carreira. Assim se deu com a interjeição « Chau! » que não sei como se deverá graphar : sciau! (?) chau! (?) siau (?) e significa até logo! até mais ver! passe bem!

Tomou esta saudação de uns tempos para cá enorme voga. Bem me recorde que a ouvi pelas primeiras vezes ha uns dez annos. Hoje, a cada passo, escuto-a proferida já por muitos brasileiros.

Ignoro-lhe a origem, talvez provenha da Baixa Italia, e seja um plebeismo. Mas indubitavel é que tem actualmente enorme divulgação na capital paulista e adjacencias, embora entre ainda a gente do povo.

Pelo facto porém de se tratar de um italianismo acclimado no Brasil poderão os futuros lexicographos do portuguez repellil-o? Absolutamente não, quando já consignam como correntes milhares e milhares de inserções americanas e africanas provenientes de linguas sem a minima afinidade com a nossa. E que mal faz estejam a avolumar o nosso lexico, abundantemente. Não é isto o indicio do desenvolvimento cultural do paiz, de um passo para adeante em sua civilização?

Assim não pensa porém, carrançamente o dicionarista typo Candido de Figueiredo, afferrado a um misoneismo absolutamente inaceitavel. Tal a vehemencia desta feição do illustro philologo portuguez que até com o vocabulario de Ruy Barbosa se deu á fraqueza de o repellir quanto a numerosissimas lacunas do seu *Novo Dicionario*.

Insophismavelmente o demonstrou o escriptor amazonense Sr. João Leda. Indignado retrucou lhe o douto dicionarista explicando que se assim procedera fora por ignorar o significado de taes palavras.

Ficara Ruy de lhos dar mas nunca o fizera, até que a morte o surprehendera.

Parecenos tal resposta pouco leal, porque nas columnas do *Novo Dicionario* poderia o seu autor ter procedido como fizera em relação a numerosos autores de que cita palavras numerosas fazendo-as seguir de uma interrogação. Nestes casos estão :

Algazuna (de Cortesão), *Avezimão* (Gil Vicente), *Langroia* (Camillo), *Minhana* (Antero Figueiredo), *Meigra* (Jorge de Vasconcellos), *Goes* (Diogo do Couto), *Gamacha* (Soropita), etc.

Em summa, resumindo opiniões longamente expendidas, creio, firmemente, que ha mais de cem mil brasileirismos vivazes, que estão á espera de registro nos grandes lexicos.

Corroborando tal modo de ver cartas recebi, provocadas por certas considerações, de amigos e de informantes desconhecidos. Escrevem-me do sertão do noroeste de S. Paulo : « Viesse você passar uns dias comnosco, que encontraria uma grande turma de derrubadores da matta, que aqui tenho, vinda do alto S. Francisco, « bahianos » do norte de Minas, do sul da Bahia, quiçá de Pernambuco, que o termo é generico. Não imagina você quanta palavra empregam que nos outros paulistas, jámais ouvimos. Num instante recolheria você centenas, pois, além de tudo são uns cabras sobremodo falantes, intelligentes e nada acanhados como os nossos embiocados caiçaras. »

Em outra carta diz-me o Sr. Antonio C. Cotrim Costa : « Tem o senhor toda a razão quando recorda a grande deficiencia do inventario dos brasileirismos do Sr. C. de Figueiredo. Por curiosidade, percorri-lhe as paginas da ultima edição do *Diccionario*, verificando que lhe faltam numerosissimas palavras das mais corriqueiras do nosso falar diario em S. Paulo. Assim, por exemplo : *dodoe*, *passa moleque*, *mataburros*, *tapeação*, *farrista*, *frege*, *fregista*, *gallista*, *azarar*, *grudento*, etc., e quantas mais! Num instante me occorreram muitos dos nossos termos, dos quaes encontrei bem poucos no diccionario do senhor

Candido. Disse o senhor uma grande verdade ao afirmar haver dezenas de milhares de brasileirismos a recolher. »

Outro informante espontaneo e generoso, o Sr. Francisco T. de Freitas, escreve-me de Cachoeira de Marianna — que qualifica de « logarejo do municipio de Marianna » — enviando-me minuciosos regionalismos, muitos dos quaes sobremaneira interessantes, inteiramente meus desconhecidos e não averbados pelo Sr. C. de Figueiredo. « Imagino que alguns são como que propriedade deste meio, pois nunca os ouvi pronunciados em outras localidades » diz-m'o o amavel informante. Dentre as palavras que me comunica algumas ha sobremodo pittorescas e expressivas.

O trabalho de colleccionar lacunas é muito enfadonho, porém, por causa da conferencia dos vocabulos com os já apontados pelos dictionarios, para se verificar se são ineditos ou não.

E assim deixarei de lado esta faina, tendo coisa muito mais importante a fazer e já havendo, aliás, suggerido aos grandes lexicographos muitos milhares de omissões aos seus vocabularios. Assim não pretendo de todo continuar neste trabalho cansativo e em que para o *Lexico de lacunas*, fui do modo mais caridoso auxiliado por meu joven primo Dr. Eurico Teixeira Leite, da maneira mais dedicada e sobretudo mais intelligente.

XVI

Demonstração inilludível. Argumentos irrespondíveis.

Os reparos que em 1924 fiz, pelas columnas d'O *Jornal do Rio de Janeiro*, a proposito da extrema lacunosidade do *Novo Diccionario* de Figueiredo levaram um reparador a escrever me anonymamente a dizer me umas tantas ironias a proposito do que eu avançara. Respondendo lhe em publico escrevi:

Os singelos reparos que no *Jornal* publiquei, em diversos artigos, provocaram, da parte de diversos amantes dos estudos linguisticos, observações que tiveram a gentileza de me communicar, ora de approvação dos meus conceitos, ora de restricção e mesmo de desapprovação.

Entendo, comtudo, que devo, publicamente, responder a um destes communicados, o do Sr. Bartholomeu Chassim Bocarro, de S. Paulo, nome certamente cryptonymico, com os seus appellidos de aspecto typicamente paulista e bandeirante. Póde bem ser, comtudo, que os Paes do meu consulente, pessoa aliás sobremodo cortez ao que percebo, pelo menos epistolarmente falando, hajam querido impor-lhe as nomes de algum ancestre sertanista.

Emfim, talvez deseje o Sr. Bartholomeu Chassim Bocarro — quiçá descendente de Gonçalo Simões Chassim e de Estevam Raposo Bocarro — com o pseudonymo que se attribue, recordar algum amigo « potentado paulista de estima e veneração, a quem sempre coube a honra do real servico, e pessoa tão principal, que serviu os honrosos e primeiros cargos da Republica de sua cidade, em cujo politico governo teve muita aceitação o seu voto, como o de cavalheiro de veneração, autoridade e respeito », como diria o bom Pedro Taques.

Não quiz o Sr. Bocarro recorrer aos appellidos medievaes da raça e intitular-se Payo Godins ou Moninho Soares. Foi mais brasileiro. Ao responder-lhe agora não lhe diria eu, comtudo, em hypothese alguma, *Bofé! mentes pela gorja!* primeiro, porque a chapa é por demais estafada, desde que Eça de Queiroz a pôz em moda na sua admiravel historia trutesindica; segundo, porque o meu reparador é o mais educado e gentil dos reparadores, embóra não de todo destituído de certa ironia. E já que se assigna Bartholomeu Chassim Bocarro permitta que lhe declære quanto me parece ser pessoa « adornada de civilidade, cortez politica, e boa instrucção dos casos de grammatica », como alguém que, outr'ora, pro-veitosamente, « houvesse estudado nos pateos do Collegio dos Reverendos Padres da Companhia, em S. Paulo, sabendo estabelecer um perpetuo louvor pelo merito da literatura que ali aprendera ». Isto diria ainda o bonissimo Pedro Taques, á vista dos termos da epistola do amavel reparador que, muito cortez, mas scepticamente, indaga se realmente sustento o que nestas mesmas columnas affirmei, ha duas semanas : « Leia alguém, diariamente, tres ou

quatro dos grandes jornaes brasileiros na parte editorial e na ineditorial. E certamente não deixará, em cada jornal, de recolher pelo menos um termo, se não mais, ainda não averbado nos grandes dictionarios da lingua. »

Recebi a carta do Sr. Bartholomeu, segunda, 18 de fevereiro, pela manhã e immédiatamente resolvi documentar a contradicta que se me impunha o esteiamento de minha asserção com um argumento absolutamente *ad rem*.

Tinha á mão o *Jornal*, o *Correio Paulistano*, o *Estado de São Paulo*, de domingo, 17. Apostei commigo mesmo como não descobriria tres lacunas nestes jornaes, como me bastaria, e sim trinta, mostrando assim ao meu amavel contrariador quanto fôra eu modesto em avançar uma proposição que lhe parecera tão exagerada.

Comecei pelo *O Jornal*, que saira com bellissima edição de 16 paginas, recheiado de optima materia, superfino é inutil lebral-o, tão habituados estamos, todos, aos triumphos diarios dos seus numeros esplendidos.

Não pretendia, esgaravatal-o, escarafunchal-o, como aliás quanto aos outros dois jornaes, nem mesmo examinal-o a fundo, tão convencido estava de que me daria lógo o que desejava, uma duzia de omissões do dictionario crivo do Sr. Candido de Figueiredo, e crivo de cem mil furos brasileiros.

Seria acreditavel poder algum descobrir alguma lacuna no artigo de fundo *Transformação de mentalidade?* Havena alguma omissão naquella linguagem clara, singela, moderada, logica, vestindo frequentemente verdadeiros primores de bom senso e patrio-

tismo, e a que nos habituou, desde muito, a columna de honra do *Jornal*? Não! Qual! Seria até estulto procurar agulha em palheiro. Pois bem! salta-me logo aos olhos um *bacharelato* que o Sr. Candido não averba. No segundo artigo, sobre o *Ensino municipal*, acode-me logo outra : *inarredavel*, que bem podia no *Novo Dicionario* achar-se entre *inarrecadavel* e *inarticulavel*. E lá vem outra : *accentuadamente*. No interessante *O conto do « Jornal »*, assignado pelo Sr. Luiz Lamego, surge-me *irrealizado* e em *Remedios caseiros no sertão e na Bretanha*, em que João do Norte mais uma vez prende os leitores com aquella capacidade attraente, tanto sua, vejo logo *folclorico*, e *nordestino*. Termino a pagina com o grande rodapé dominical de Agrippino Grieco, *Gralhas e pavões*. E' certo que, naquellas sete meias columnas, tão ricas de vocabulario como de erudição literaria, hão de as lacunas apparecer. E não me engano. Avisto-me logo com *escorcha*, *fancarista*, *lanhante*, *pastichar*, *livresco*. Assim sóa primeira pagina d'*O Jornal*, dá-me onze lacunas.

A segunda, muito menos literaria, tem o costumeiro e bom artigo de XXX, sobre *Politica e Politicos*. Lá está um *inapellavelmente*, desconhecido do Sr. Candido de Figueiredo.

Continuando a percorrer a pagina *lagarta rosada* se me depara pouco depois *bandeirismo*. Na pagina seguinte, auguro que o humorismo de Mendes Fraqdique, com as suas approximações frequentemente do irresistivel comico, me apresentarão uma lacuna pelo menos. E lá descubro logo *páo d'agua*, ignoto do Sr. Candido.

A' pagina 4 do mesmo o *Jornal*, apparece-me logo *trosse* (nome de uma joia, ao que me parece), *rubri-*

negro, prompto (individuo sem dinheiro), *quarentão, investigador* (da policia).

A' pagina 5 e sempre *á vol d'oiseau* : nada, se me depara, adeante me encontro com *toxico-maniaco espinthariscopia* com *a pedidos, syntonizar, syntonização, microfarad, selectividade, radiofrequencia, tope, inductancia, coplagem* (só o « radio jornal » dá-me oito lacunas) : *cortador* (alfaiate); ás paginas seguintes, 8 e 9, avisto-me com *electro-pathologico, roqueira* (do algodoeiro?), *licuriseiro* (palmeira), *ponta de pariz, calda bordaleza, gommose*, á pagina 10, *thesophista*; ás seguintes : *auto-omnibus, chuva, chuveiro, ilhama* (artigos de carnaval). Assim, num exame aliás perfunctorio, recolho nada menos de 43 palavras impressas na edição de 17 de fevereiro de 1924 do *Jornal* e que se não me deparam no *Novo Diccionario da Lingua portugueza*.

Dentre ellas ha diversas inventadas pelos articu-
listas, mas a enorme maioria pertence inquestio-
navelmente á linguagem vulgar brasileira.

Occorre exactamente e contra o costume que este numero do *Correio Paulistano*, não se mostre dos mais propicios á pesquisa de lacunas; primeiro, por trazer largo serviço telegraphico e noticiario, pequena collaboração literaria, devido a grande massa de materia official paga, relativa ao serviço eleitoral. E não é em editaes para eleições que se deva fazer pesquisas de omissões aos dictionarios.

Assim mesmo faço colheita superior á expectativa. A « safra não quebrou », como se diz em technologia cafeeira, a falar da colheita da « preciosa rubiacea »; pelo contrario, « rendeu ». Esperava dez lacunas, uma por pagina, em media, e apanho doze, a saber : *metragem, phidiesco, papa-nickel, metapsychotherapia*,

filmar, filmagem, filmador, escotismo, caça-lostões, benzol, vegetalizador e concertador (regente organizador de concertos musicas). E destas palavras pelo menos metade pertence ao vocabulario de todos os dias como : *metragem, filmagem, escotismo, filmar, filmador, papa-nickeis* (pequeno aparelho prohibido pela policia, muito conhecido de todos).

A edição do *Estado de S. Paulo*, de 17 de fevereiro de 1924, saiu muito volumosa, como geralmente nesse dia de semana. Vinte e seis paginas de grande formato, apinhadas de annuncios e cheias de materia editorial.

Aposto commigo mesmo que nellas descobrirei pelo menos doze lacunas do dictionario do Sr. C. de F. A' primeira pagina do jornal, avisto-me logo com *lança-perfume*, á segunda se me depara uma serie de feissimos anglicismos acclimados pelo sport no Brasil e hoje correntissimos : *ringue, recorde, reide*, e fala-se em *lagarta rosada* (a *gosypiella*), praga dos algodoes. A' terceira pagina, um fabricante de machinas para café annuncia os seus *separadores*, que o Sr. Candido desconhece, assim como *centro de mesa*, assim como *vesperal*, neologismo do Snr. Claudio de Souza. A' pagina quatro me encontro com *geladeira!*

Mais adeante surgem numa entrevista de Oliveira Vianna : *eugenico, eugenistico, centripetismo*, assim como ainda leio : *esportismo, esportista, esportico, escotismo*, o horrivel *futebol, seleccionado*, e em annuncios, passo a encontrar *hormotherapie, hormonico*. Rapidamente percorro a parte commercial, onde me avisto com *terceirasórte* (tecnologia do algodão), *somenos-bom* (idem), *demerara* (typo de assucar), *disponivel* (café em grão). Nas paginas de annuncios fervilham as lacunas : um *conta correntista* e um *mo*

torista, offerecem prestimos; vendem-se : um *auto-caminhão*, *cellophones*, de jazz band, auto pianos. Num annuncio de funilaria, leio *tesourão* e *cravadeira*, da technologia da estamparia, *fresadora*, machina de marcenaria, *amassadeira*, machina da olaria; *pastificio*, fabrica de massas alimentares; *desdobro*, termo de serraria; *pianola camara de ar*, *francano* (graminea forrageira). Um negociante de artigos para esporte annuncia : *chuteiras*, botinas ferradas para *footballers*; *tornoseiras* de couro, e fala-me do *pingue-pongue*, naturalizado brasileiro.

Outra fabrica de machinas para a lavoura apregôa os seus *ciscadores*, *evaporadores*, *semeadeiras*. Leio depois mais lacunas : *radio-telephonia*, *alto-falante*, *misturador* (de concreto); *para brisas*, *porta-pneumaticos* (do automovel); *tamburão*, da industria de louças.

Ahi estão, pois, cincoenta vocabulos lacunares numa só edição do *Estado de S. Paulo*, quando só me compromettera a descobrir um! E ninguem creia que o numero de jornal haja sido estudado a fundo, pois apenas o examinei rapidamente.

Assim vé o meu sceptico contradictor, o Sr. Bartholomeu Bocarro, quão modesto fui na avaliação da colheita. Prometti-lhe tres vocabulos ignotos ao Sr. Candido de Figueiredo, em tres numeros de grandes jornaes diarios brasileiros, tomados a esmo. E dou-lhe quarenta e dois « pescados » do *Jornal*, doze no *Correio Paulistano*, cincoenta no *Estado de São Paulo*.

Nada menos de cento e quatro omissões, á terceira edição do *Novo Diccionario da Lingua portugueza*, colleccionadas num domingo.

Tivesse eu a paciencia de examinar as tres folhas

com mais attenção e chegaria a 150, certamente. Fizesse o mesmo em todos os grandes orgãos da imprensa fluminense e paulista, editados a 17 de fevereiro, e só num dia recolheria mil lacunas! das quaes metade pertencente ao vocabulario da vida diaria. Estendesse o meu raio de exame a todos os jornaes do Brasil, tambem saidos a 17 de fevereiro e recolheria duas mil palavras. E pudesse levar a cabo tão extenuante faina, durante um anno inteiro, que alinharia vinte mil, senão mais, lacunas. E longe estaria ainda de fazer a colheita total dos brasileirismos existentes que a immensa maioria destes termos, ainda ineditos, não tem o ensejo de surgir á tona das columnas dos periodicos...

Assim não se admire mais o Sr. Bocarro do que lhe affirmei e aos meus demais leitores : duvidou que lhe apontasse tres palavras novas, colhidas em tres das nossas grandes folhas diarias e no mesmo dia. Dei-lhe mais de cem...

Ediga-se depois que o maior inventario da lingua, o *Novo Diccionario*, é pouco lacunoso... E acrescente se que não precisamos de um « diccionario brasileiro da lingua portugueza »!

XVII

Comprovação do escasso inventariamento dos brasileirismos. Lacunas de procedencia bahiana.

Já por vezes emitti a opinião de que uns cem mil brasileirismos ainda estão ausentes das columnas dos nossos mais completos lexicos. Tinha Candido de Figueiredo a ingenuidade de suppor que no seu *Novo Diccionario* se reuniam todos, senão quasi todos, os brasileirismos. E irritava-se deveras quanto se lhe apontavam lacunas e sobretudo quando taes deficiencias lhe eram assignaladas em publico.

E, no emtanto, com que facilidade se faz a collecta de taes omissões, torno a lembralo!

Basta que me desloque um pouco de S. Paulo para, a cada passo, esteja a ouvir palavras de summa vitalidade, inteiramente novas para mim, regionalismos pittorescos, expressivos, curiosos.

Assim se deu na minha agradabilissima, inesquecivel excursão pelo Estado da Bahia em agosto de 1927. Ali apprehendi, a conversar com uns e outros, muitas dezenas de « bahianismos » que me eram totalmente alheios. Rarissimos no emtanto os que vi averbados no *Novo Diccionario* de Figueiredo.

O primero que me acudiu ao ouvido fui aliás encon-
tral-o registado no lexico figueirediano. Ouvi-o de
uma senhora, da mais alta posição social, cujo do-
naire e distincção de maneiras, tacto, affabilidade de
trato e illustração, são absolutamente admiraveis.
Contava-me o terrivel desastre succedido a um filho
que ficára sob as rodas de um bonde no momento
em que *pongava*. Surprezo lhe perguntci o que queria
dizer tal verbo e della soube que significava pretender
alguem tomar um vehiculo em movimento. E tinha
até o seu antonymo *despong*. Verifiquei depois que
ambos já haviam sido averbados por C. de Figuei-
redo. São aliás dois verbos muito uteis evitando os
longos circumloquios habituaes : « pular no bonde
andando » e « pular do bonde andando ».

Depois aprendi de diversas pessoas, regionalismos
que pude anotar. Infelizmente dcixei dc o fazer
em relação a muitos outros. Entre os que se me gra-
varam na memoria quero citar alguns. Assim certo
dia ouvi sympathico « chauffeur » muito popular na
capital bahiana e que responde á alcunha de *Caboclo*
falar ao Dr. Mario Barbosa, o distincto secretario do
governador do Estado que haviam querido fazer-lhe
um *mandu'* (uma intriga, uma *encrenca*) que tivera
de rebater.

Figueiredo annota esta palavra como brasilei-
rismo e synonymo de « tolo ». Vi-a substantivada c
com accepção inteiramente diversa.

— Eu não gosto de *xanxadas* ! ouvi certa vez de
pessoa de condição humilde que me explicou signi-
ficar tal termo desordem, barulho, delle se havendo
formado o adjectivo *xanxeiro* (?). Ainda um outro
vocabulo tive o ensejo de aprender e de sentido que
se approxima do de *xanxada* : *fusué*.

Nas pequenas viagens marítimas que realizei da Bahia a Santo Amaro e a Cachoeira coube-me apanhar outras palavras novas.

Assim me preveniu o mestre da lancha, receioso de que me molhasse com o respingo das ondas : « Vosmecê ahí toma *barrujo*. » E' uma palavra muito curiosa, muito velha, obsoleta, morta, ao que parece, em Portugal e synonymo de borrifo. Continua viva na região do Reconcavo como *sobroço* no Ceará e Piauhy.

Como o mar estivesse bastante encarneirado disse o mesmo mestre que havia muita *cascalhada*. Na nossa ida a Santo Amaro não pudemos entrar no canal que vae a Santo Antonio dos Calmons porque com a maré vasante havia perigo da nossa excellente *Dois de julho enxurriar* (encalhar).

E como passassemos em frente á antiga armação de baleias, em Itaparica, falou um dos bons companheiros, de tão bella viagem, na tecnologia dos baleeiros. Lembrou *cazarreu* e *madrijo*, *faquinhas* e *facões*. Surgiu ahí um termo para mim totalmente novo : *moço d'alma* (?), o pescador a quem incumbe dar o golpe de misericórdia ao cetaceo já quasi agonico.

Na Feira de S. Anna deu-me o distincto prefeito daquella linda cidade, patrioticamente administrada, coronel Arnoldo Silva, a explicação de diversas palavras : assim *nagô*, côr de um pello de boi, fusco e rajado, *fau'la*, mentira, de que procede o adjectivo *fauleiro*, *fincudo*, mosquito pernilongo ; (*enraçar* cruzar raças de animaes).

E o Dr. Mario Barbosa, filho da Feira, me explicou que o nosso gado caracu' ali é chamado *peduro*, sendo que á cruzada de caracu' e zebu' se dá o nome de *malabar*. E citou-me entre outras palavras regionaes

sacué, a nossa gallinha d'angola cujo grito os bahianos interpretam como a traducção de com quem? com quem? quando aqui no Sul queremos que o gallinaceo viva a apregoar que está fraco, como todos sabemos.

Na Feira de S. Anna, ainda, se me depararam os adjectivos *lascadiço*, que me parece muito bem formado e applicavel a madeiras que com facilidade racham e *ferrista* (*irascivel*).

Outro adjectivo que achei sobremodo pittoresco foi *carcasso*, applicado a individuos que têm o peito encovado.

Nenhum destes termos existe no *Diccionario* de Candido de Figueiredo. No interior da Bahia ouvi a palavra *cabroeira*, significando baile rêles, « fuso », como aqui diz a giria e não uma reunião de « cabras », como indica C. de F.

Outro verbo que me fez especie e me era inteiramente desconhecido vem a ser *infusar*, palavra communissima na Bahia. Notei-a pela primeira vez aos labios do distincto e sympathico vigario de São Gonçalo dos Campos, padre Braullio Seixas. Quer dizer *sobrar*; não ter sahida commercial, « encalhar ». Por exemplo : « Compreicem saccas de farinha, das quaes metade *infusou*, ha mais de um mez. Tenho-as encostadas ». Este verbo não o regista C. de F.

De um « chauffeurzinho » preto, muito pernóstico, intelligente e muitissimo imprudente, no seu amor á velocidade, ouvi applicar um verbo que me pareceu portuguez de lei e perfeitamente digno de substituir o nosso *esterçar*, italianismo generalizado em São Paulo : *estorcer*.

Como estivesse a lhe acenar com o perigo de uma cambalhota do carro, redarguiu-me, rindo : —

« Sr. Dr., não se assuste que eu *estorço* sempre a tempo; sangue frio não me falta! »

Palavra curiosa, cuja existencia me foi referida por distincto official do serviço de protecção aos indios no Sul da Bahia, o Dr. Vicente Teixeira da Fonseca Vasconcellos vem a ser *sequeiro*, synonymo de *cachoeira* ou *corredeira*. Relatou-me ainda que tambem no Sul da Bahia chamam *burara* as roças pequenas recém-queimadas. Figueiredo pretende que significa arvore cahida.

De amabilissimo e culto companheiro de viagem ao Reconcavo, o Dr. Agenor Pacheco Pereira, tomei conhecimento de muitas palavras novas da technologia do fabrico do assucar e do alcool e do plantio da canna, além de varios termos usuaes. Assim me citou, entre diversas *cangancha* (trapaça), aliás averbada por Figueiredo do que se deriva o adjectivo *cangancheiro*, não recolhido pelo dicionarista.

Do Dr. Madureira de Pinho, secretario da Segurança Publica, e homem de larga e bella cultura, ouvi que a gíria policial bahiana tem grande riqueza verbal e é diversa da do Rio de Janeiro e do Sul. Dentre os muitos vocabulos com que exemplificou a asserção : recordo-me de *caxixe* e *caxixeiro*, correspondentes exactos dos nossos *grillo* e *grilleiro*, termos da região cacauera, que hoje tem grande divulgação em todo o Estado.

Passaros, muito nossos tambem, são chamados de modo diverso. Assim, o *tuvucué*, frequentissimo no Reconcavo, ali é appellidado : *querréquexé*, onomatopaeicamente, ou *carrega-madeira*, nome que lhe valeu a nidificação curiosissima. Neste capitulo, apresentam-se enormes divergencias.

Nomes para nós vulgares são na Bahia totalmente

desconhecidos, em materia de nomenclatura, zoológica e botânica. E até na da designação de profissões; assim, ouvi chamarem aos nossos « conductores », (de bonde), « caixeiros ».

E uma das mais curiosas palavras que tive o enjeito de apprehender proveia da technologia bovina; no interior da Bahia chamam *paulista* uma região anatomica do boi, o *psaos*, si me não engano, segundo me informou o distincto e amavel prefeito da cidade de Cachoeira : Dr. Candido Vacarezza. E' o nome antiquissimo e suppõe-se que provenha de algum gado das campinas do Sul, que tivesse este musculo avantajado.

Estou certo de que milhares e milhares de brasileirismos da Bahia estão por ser averbados. Num abrir a fechar d'olhos, deu-me, certa vez, o distincto moço belmontense, Dr. Paschoal Camelyer, como, já, aliás, deixei relatado, mais de duas centenas, talvez de regionalismos da sua zona, ausentes do dictionario de Figueiredo. Que não haverá a recolher do Mucury ao Real, do Atlantico á Serra do Duro, naquella área immensa de quasi seiscentos mil kilometros quadradados? Milhares e milhares de vocabulos, que precisam entrar para o dictionario brasileiro da lingua portugueza, ainda por se fazer.

E vulgares aos labios de mais de tres milhões de brasileiros...

XVIII

*Suprema humilhação. Confissão de derrota.
Acto de contricção,*

Explicando os irrefragaveis motivos que o levaram a pôr de quarentena, milhares das lacunas do seu dicionario, que lhe apontei esmaga-me o Sr. Candido de Figueiredo nos seus *Combates sem sangue* com a superioridade das suas armas de philologo.

Quando o eminente grammatico verbera a insufficiencia com que me preparei para lhe fazer reparos de ordem dictionaristica tenho até a impressão de que affronto os murros de Jack Dempsey. « Ha um seculo clama-me, cathedratica e majestosamente, poderia o Sr. Taunay, com a sua intelligencia, o seu amor ao trabalho, ser um vocabularista mais ou menos aceitavel. »

« Hoje os tempos são outros. A sciencia de Bopp, Schlegel, Grimm, Burnouf, Müller, Whitney impõe aos dictionaristas deveres e processos que o Sr. Taunay desconhece porque ninguem tem a obrigação de ser philologo. »

Gela-me esta voz profunda, solemne e austera, do illustre lexicographo, E se, já, desde o principio de

nossa turra, lhe declarara que, em materia de linguistica, apenas pretendia ser o que sou : um muito mesquinho caçador de lacunas brasileiras, ao seu dictionario, lealmente coligidas, e verificador da justeza das definições do illustre autor do grande lexico, lealmente cotejadas, ainda mais me convenço, agora, de quanto devo recolher-me á minha insignificancia infinda.

Vejo-me como um dos nautas do Gama, a ouvir os primeiros ribombos do cavo bramido adamas-toreo e esta situação petrificante me recorda uma anecdotasinha collegial que meu Pae muito se comprazia em repetir : Frequentava elle as aulas do quarto anno do Collegio de D. Pedro II e tinha como professor de historia universal certo Bacharel Gonçalves, personagem espectacular e bombastico, como raros, mas lente muito aproveitavel pelas aptidões, bom preparo e irreprehensivel manutenção da disciplina.

Sua linguagem, estudadamente emphatica, summamente ridicula seria se á estudantada não causasse a mais forte impressão de superioridade intellectual.

Admirava-o immenso aquelle auditorio de *crilas* (1) de doze aos quatorze annos de idade. Nos dias de sabatina e « sermão de lagrimas » assumia então o Bacharel Gonçalves attitudes e ares superhumanos, aos olhos dos jovens e fanatisados admiradores.

Momentos havia em que a toda a aula apostrophava com immenso, infindo, inexprimivel desdem : « Não passam os senhores de miseraveis vermes que rastejam á base da enorme montanha da Sciencia, de cujo

(1) Lacuna do *Novo Dictionario* do Sr. Candido de Figueira 10.

elevadissimo pincaro eu os contemplo, melancolico e compassivo! »

E num gesto largo, mixto de commiseração, displicencia e desalento, convidava a turma toda, humilhadissima, estarecida, semi-petrificada pelo terror, que o contemplava alcandorado naquelle cume inatingivel, olympico, do Saber, convidava aquelles vermes todos a se lhe sumirem, logo e logo, da presença augusta...

Assim, tambem, me vejo rastejando á base da immensa montanha livresca, sagrada e intangivel, constituida pela obra de Justo Lipsio e Ducange, Casaubon e Scaligero, pae e filhos, os Estienne e os Maurinos Webster, Littré e Diez, etc.

E como por associação de ideias se me apresenta a visão do cume olympico dessa montanha enorme numa scena identica a que ideiou Ingres para o seu famoso e conhecidissimo quadro da « Apotheose de Homero ».

De louros corôa a Gloria ao epico da Iliada, sob os applausos dos maiores estros da litteraturá universal, de Virgilio e Horacio, a Dante e a Camões ao Ariosto e a Milton, a Byron e a Goethe.

São agora o genio da lingua portugueza e o da philologia comparada que, sob as palmas enthuasiasticas de Bopp e de Schlegel, de Whitney e Bur-nouf, Grimm e Müller, etc., coroam o Sr. Candido de Figueiredo, modesto e commovido.

E á direita e á esquerda do throno soberbo em que magestosamente se empaveza o apotheosado, envolto na tunica branca dos triumphadores, estendem-se e perfilam-se as longas theorias dos grammaticos, dos humanistas, dos eruditos, dos philologos, dos lexicographos, das antigas eras e das recentes.

Barbudos e austeros, calvos e serenos, fitam os enlevados olhares no rosto olympico do enthronizado confrade E, com os braços alçados, apontam-no com o transporte maximo de entusiasmo compativel com a gravidade da sua feição de legisladores da faculdade suprema, característica divina de nossa especie pensante e sabia : a da palavra.

Alli estão todos, todos! desde Dionysio o Thracio, o velhissimo primaz dos grammaticos hellenos, até os grammaticologos fanaticos de nossos dias.

São os homens a quem devorou a excogitação exhaustiva, exigida pelas difficuldades terriveis do dativo grego; os que gastaram a vida na pesquisa « arduerrima » das subtilizas etymologicas; os descobridores argutissimos de ascendencias vocabulares, do abolorio equino de « alfana » e da filiação de rato a *mus*; os que queimaram o tecido nobre encephalico, nos problemas terriveis da philologia comparada, e descobriram que cardapio e Copacabana tem origens tupycas; os que prodigalisaram o cabedal riquissimo de sua phosphorescencia cerebral a ventilar as nugas dos factos da linguagem e das grammaticuices.

Formam, no fundo do quadro, os batalhões cerrados dos eruditos byzantinos, dos humanistas italianos e flamengos da Renascença, a gente das escolas de Padua e de Bolonha, de Piza e de Veneza, de Pariz e de Lovaina, de Antuerpia e Salamanca.

E no primeiro plano figura toda a *rapaziada* illustre de nossa era, os gigantes do seculo XIX, Dietz, Bréal, Bopp e Schlegel, Whitney e Bournouf, Max Müller, Grimm os idolos do Sr. Candido de Figueiredo.

Curioso é que a um canto possa eu perceber duas

figuras cuja presença me causa pasmo. Espiritos rebeldes! alli vieram ter, para receber certamente o justo castigo imposto á sua pretensão inaudita e descommedida prosapia. Ousaram dissentir da opinião do mestre! ousaram afastar-se do coro da unanimidade acclamadora da gloria do apotheosado! Tambem alli estão os dous discolos o portuguez e o brasileiro, condemnados a sobraçar os autos de delicto de sua culpa horrenda : o *Gralho depennado* e os *Factos da linguagem*, livros da irreverencia e da demolição insolente de uma obra pyramidal, cathedralesca, torre-eiffelesca...

Sentenciados a assistir á cerimonia olympiana, com que contricção se conservam quedos e mudos quando o côro daquelles grandes homens, de todas as eras, festivamente estruge em mil vozes fatalmente clangorosas : « Alçou-se aos galarins de immorredoura gloria! »

Ante a magestade da estupenda scena sinto-me litteralmente achatado, positivamente acaçapado, com a face de encontro á terra. Sinto-me qual aquelle infimo verme da base da montanha sobre a qual se erguia erecto, e immenso, o formidando Bacharel Gonçalves.

— Basta! basta! cicia docemente o triumphador, aos acclamadores de sua fama.

Mas a esta altura ouço lhe a voz, ao mesmo tempo suave e grave, repassada de infinda austeridade e tão cheia de firmeza quanto de persuasão justiceira.

Descobriu-me e interpela-me compassivo e meigo :

— Vae-te! retira-te de minha presença e some de minhas vistas! Que fazes aqui? pobresinho! Ignoras a sciencia de Bopp, de Schlegel, de Whitney e Burnouf! Ha cem annos atraz podias ser um diccio-

narista razoavel. Hoje não! Vae-te! some-te de minha presença!

Tomado de infindo respeito levanto os olhos e percebo nos rostos geniaes dos grandes mestres da philologia a confirmação da imperativa ordem :

— Não nos podes comprehender! clama me um assomado.

— Quem és tú, *minus habens* ? verbera me outro.

— Porque não nasceste um seculo antes, animal? apostropha me um terceiro furibundo e quiçá bellioso.

E, um por um, os grandes do humanismo e da philologia acabrunham me com os seus anathemas.

Espavorido, ponho me a rastejar em reptação retrograda. E tão acabrunhado pela magestade da scena e a magnitude da reprovação daquella assembléa de colossos que prorompo em brados insopitaveis, entrecortados de soluços atroadores :

— Perdão, augusto mestre! Perdão, augusta assembléa! *Peccavi!* Deixae-me passar este latinsinho. *Cor contrictum et humiliatum!* E mais este!

Vem a calhar. E' do *Miserere mei Deus!*

Reconheço o meu erro immenso, o meu orgulho horrendo!

Não! de ora em deante, serei o primeiro a apregoar a exactidão de tudo o que contestei ao *Novo Diccionario da Lingua portugueza...*

Assim passo a affirmar :

Que *sirema* é a tremenda ave pernalta do Brasil, notavel pela guerra que move « a todos os animaes »...,

Que *aeroplano* é uma machina aerostatica movida a vapor por um motor da força de um cavallo vapor,
Que *periscopio* é o mesmo que kaleidoscopio,

Que o *fluor* no anno da graça de 1923 ainda não fora isolado,

Que a *sarataca* é uma flecha com que os indios do Amazonas matam as tartarugas e « outros peixes »,

Que *florianesco* se diz no Brasil do estylo do fabulista Florian,

Que *florianista* é o sectario da escola litteraria do fabulista Florian.

Não basta? Ah não? Dou novas arrhas da minha submissão. Declaro ainda : a bradar : Piedade! Piedade!

Que o acido mellico é o mesmo que hydrato de calcio,

Que o lacrau é um insecto,

Que o golfinho é um peixe da familia dos cetaceos,

Que a abelha guaxupé é um penteado das mulheres brasileiros,

Que o furão é um « mammifero vermiforme »,

Que o carrapato é um crustaceo,

Que os anhydridos nunca se combinam com a agua,

Que os sulfitos procedem do acido sulfurico,

Que o acido phosphoroso é o mesmo acido phosphorico,

Que dente é osso,

Que no Brasil jury é synonymo de jurado,

Que no *Novo Diccionario* não ha lacunas!

Desdigo me á face de Deus e dos homens de todas as observações irreverentes que fiz a essa intangivel quintessencia do saber humano que é o *Novo Diccionario da Lingua portugueza*.

E continuo a pedir, longa e longamente, perdão para as minhas heresias atrozes quando percebo

que já a minha humilima personalidade não merece mais um dx de attenção.

É que a apotheose chegou ao seu ponto culminante :

Baixa dos ceus possante ave, a librar-se sobre as azas, necessariamente robustas; vem descendo lenta e lentamente. É o rapineiro querido do Pae dos Deuses e raptor de Ganymedes. É o passaro jovino, symbolico do genio. Traz ao bico, fatalmente adunco, a coroa dos louros incontestavelmente apollineos, consagradores da gloria.

Baixa e baixa, desce e desce. Esvoaça sereno e compassado. E paira por sobre o occiput merovingiamente cabelludo daquelle a quem vem coroar. Mas; ó portentosa circumstancia!

Extranha aguia! Exquisita ave! Mas não é uma aguia! É... é... é um gralho! e um gralho implume! um gralho depennado!

Não posso crer noque vejo! capacito-me de que a inveja a mesquinhez, o rancor impotente, a dor da humilhação recem soffrida perturbam-me a visão. E são estes sentimentos subalternos de minha humanidade desprezivel do lodo de minha carne, que me obliteram a observação exacta das cousas. E repito com o poeta :

Ô humaine nature !

Que vaux-tu donc ? tu n'es que fange et pourriture !

Mas não é que percebo o maliciosissimo sorriso com que um dos dous discolos, condemnados a assistir á solennidade, encara, e analysa a extranha alimaria e a aponta ao seu companheiro de rebeldia?

E assim se me desvaneceu, com tão profundo abalo, a visão magnifica daquella consagração apothetica, terminada á moda da scena, inesquecivelmente illustre, da coroação do impagavel Major na *Mam'zelle Nitouche*...

INDICE

I

- A` guisa de prefacio* VII
Revista do vocabulario zoologico gymnasial. Lacunas e mais lacunas.
Nomenclatura dos grupos zoologicos inferiores. Ausencias em
barda de termos vulgares 1

II

- Revisão dos crustaceos e molluscos. O sãr. Candido de Figueiredo*
admitte como a mais recente a classificação de Cuvier em 1812.
Revisão dos echinodermos, dos peixes, batrachios e reptis 10

III

- Nomenclatura dos insectos. Ommissões em barda e dos mais vul-*
gares termos. Indicio evidente do atrazo do Novo Diccionario em
materia de entomologia. Dezesete ordens de insectos suppressas
em vinte e seis. Definições ambiguas, viciosas e erradas. A nomen-
clatura dos arachnideos. Lacunas innumerables e deploraveis. As
fontes de informações scientificas do N. D. Os jornaes da imprensa
diaria 16

IV

- Nomenclatura ornithologica. Sempre a mesma deficiencia. Num ma-*
remagnum de lacunas. Ausencia dos nomes das ordens e das fa-
mílias 21

V

A nomenclatura dos mamíferos no Novo Dicionario. Ausencia de numerosos vocabulos corriqueiros 26

VI

Final da revisão dos grupos zoológicos. Ainda os mamíferos, os carnívoros, roedores, cheiropteros e primatas. Lacunas em barda. Novas e serias erronias. 30

VII

O Sr. Candido de Figueiredo e a ecologia. Inacreditável confissão da ignorância do douto dicionarista. A lacunosidade de seu vocabulário de physica. Omissões inacreditáveis. Pasmosa definição de aeroplano, periscopio, etc. 37

VIII

A chimica do Novo Dicionario. Fontes informativas antiquissimas. Nomenclatura desueta. Fluor, corpo ainda não isolado... em 1923. Fluorhydrico, synonymo de fluorico. O acido hydro-fluosilicico, combinação binaria! Noções obsoletas sobre os acidos sulfurico e azotico. Sulfito o mesmo que sulfato! Acido phosphoroso o mesmo que acido phosphorico! Ozona, cheiro! Radio, substancia que se encontra no baryo. Definições esdruxulas de cal e ammoniaco. Anhydridos, corpos que se não combinam com a agua. Noções erroneas sobre bases. Misoneismo inveterado.

IX

A chimica organica do Novo Dicionario. Definições insufficientes, omissões imperdoaveis. Lacunas sobre lacunas. Erros e impropriedades. Obsoletismo extraordinario das fontes de consulta. Chimica inculcada por uma Technologia rural 66

X

Definições viciosas. Lacunas imperdoaveis. Indeterminação de significados. Obsoletismo das fontes informativas do « Novo Dicionario ». Inclusão de verdadeiros dislates. 80

XI

A quarta edição do Novo Dicionario. Inveteração no erro. Manuten

*ção proposital de numerosas erronias monstruosas quer em zoolo-
gia, quer em physica e q̃himica quer quanto a brasileirismos. Pequeno
numero das reclamações attendidas.* 93

XII

*A deficiencia dos grandes dictionarios da lingua em materia de bra-
sileirismos. Numero enorme de regionalismos de divulgação menor
não averbados.* 103

XIII

*A extranha lacunosidade dos grandes dictionarios portuguezes em
materia de brasileirismos. Ausencia da palavras derivadas correntes
em todo o Brasil. O immenso avolumamento da lingua entre nós.* 112

XIV

*Os trabalhos valiosos de Teschauer. A enorme colheita de brasileiris-
mos realisada pelo douto jesuita. Reparos summarios a seus pro-
cessos.* 120

XV

*A pobreza do vocabulario portuguez em face do das demais grandes
linguas. As contribuições alienigenas no Brasil.* 126

XVI

Demonstração inilludivel. Argumentos irrespondiveis 133

XVII

*Comprovação do escasso inventariamento dos brasileirismos. Lacu-
nas de procedencia bahiana* 141

XVIII

Suprema humilhação. Confissão de derrota. Acto de contricção. 147

